

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Programa de Pós-Graduação em Letras

"AS NASAIS E A NASALAÇÃO EM PORTUGUÊS"
(Aspecto diacrônico)

Dissertação submetida à
Universidade Federal de Santa Catarina para
obtenção do grau de Mestre em Letras (Linguística)

J O S É C A M P E S T R I N I

Florianópolis - Março - 1977

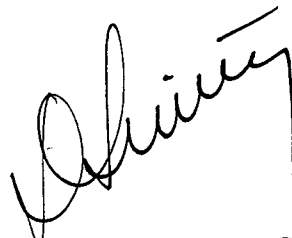
ESTA DISSERTAÇÃO FOI JULGADA ADEQUADA PARA A
OBTENÇÃO DO TÍTULO DE

" MESTRE EM LETRAS "

E APROVADA EM SUA FORMA FINAL PELO ORIENTADOR
E PELO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO.

Prof. José Curi

Orientador



Prof.^a Dolores Ruth Simões de Almeida

Integradora do Curso de Pós-graduação

BANCA EXAMINADORA:



Prof. José Curi - Dr. LD

Prof. Fioravante Ferro - Dr. LD



Prof. Paulino Wandresen - Dr. e LD

À Odete Maria,
minha esposa.

Ao Johnny André,
meu filho.

Agradecimentos aos meus familiares, pela compreensão; à "Associação dos Amigos da FURB", pela ajuda; ao Departamento de Letras e ao Laboratório de Línguas da FURB, pela colaboração e estímulo nos momentos difíceis; aos colegas Demerval Mafra e Ingo Burkhardt, pela amizade. Um agradecimento especial ao professor José Curi, meu orientador e incentivador no caminho árduo da elaboração deste texto.

S U M Á R I O

INTRODUÇÃO	01
1. MATERIAL E MÉTODOS	04
1.1. Material	04
1.2. Métodos	04
2. A LÍNGUA PORTUGUESA NO CONTEXTO INDO-EUROPEU	08
2.1. As técnicas de classificação das línguas ...	08
2.2. As línguas indo-européias	12
2.3. O grupo itálico	13
2.3.1. O latim	13
2.3.2. O osco-umbro	18
2.3.3. Características do grupo itálico	19
2.4. O português	20
2.5. Conclusões	26
Notas	27
3. OS SISTEMAS FÔNICOS DO INDO-EUROPEU AO PORTUGUÊS ARCAICO	29
3.1. O indo-europeu	29
3.2. O latim	31
3.3. O português arcaico	39
3.4. Conclusões	44
Notas	45
4. NOÇÕES SOBRE A TEORIA GERATIVA TRANSFORMACIONAL .	48
4.1. O mecanismo	48
4.2. Tópicos de fonologia	50

4.3. Conclusões	59
Notas	61
5. OS SISTEMAS NASAIS	62
5.1. Do indo-europeu	62
5.1.1. m e n consoantes	62
5.1.2. m e n soantes	65
5.2. O sistema nasal do indo-europeu ao latim ...	66
5.3. As nasais no português arcaico	74
5.3.1. As consoantes nasais	75
5.3.2. Os hiatos nasais	77
5.4. Conclusões	79
Notas	80
6. PROCESSOS DE NASALAÇÃO DO LATIM AO PORTUGUÊS	
ARCAICO	82
6.1. As nasais base	82
6.2. Um fonema de transição	90
6.3. Hiatos nasais	93
6.4. Os morfemas (ou prefixos) iN e cuN	101
6.5. Conclusões	103
Notas	105
CONCLUSÕES GLOBAIS	107
BIBLIOGRAFIA	108
APÊNDICE	112
1. Primeiro documento latino-português (s. IX) ..	112
2. O mais antigo documento em prosa portuguesa ..	115
3. Amostras de textos arcaicos portugueses	115

ABREVIATURAS E SÍMBOLOS USADOS

ab.	antigo búlgaro
ae.	antigo eslavo
ai.	antigo indiano ou sânscrito
cfr.	confer, imperativo do verbo latino conferre = comparar portanto, "compara", isto é, compare-se.
col.	coloquial
CrA	<u>Crestomatia Arcaica</u> de J.J. Nunes.
esp.	espanhol
fr.	francês
gót.	gótico
gr.	grego
ie.	indo-europeu
it.	italiano
lat.	latim
lit.	lituano (e literário)
o.	osco
port.	português
rum.	rumeno
scr.	sânscrito
TA	<u>Textos Arcaicos</u> de J.L. de Vasconcellos
alt	alto
arr	arredondado
ant	anterior
bax	baixo
cons	consonantal
cor	coronal

- nas nasal
- post posterior
- sil silábico
- soan soante
- ton tônico
- ˘ bráquia: colocado sobre uma vogal indica que ela é breve. Exemplo: āmat.
- mácron: colocado sobre uma vogal, mostra que ela é longa. Exemplo: lūna.
- ◌ o ponto sob uma vogal representa vogal fechada; sob uma consoante, no sânscrito, representa sons cerebrais. Exemplo: trayaḥ.
- ◌ indica vogal aberta.
- ◌ este sinal sob as vogais i e u indica que são semi-vogais.
- * anteposto a uma palavra, identifica-a como sendo forma hipotética ou reconstruída, não documentada.
- ṃ os dois pontos sob as letras m, n, r, l representam as soantes do indo-europeu.
- > dá, torna-se, passa a. Entre duas palavras indica que a segunda provém da primeira: venire>veir>vīir.
- < deriva de, provém de. Posto entre duas palavras indica que a primeira provém da segunda: bōo<bōnu.
- R regra fonológica
- C segmento consonantal
- V segmento vocálico
- / no ambiente de
- posição ocupada por um segmento qualquer
- reescreve-se como
- # símbolo que indica o limite de uma unidade maior, ou palavra.

- + num contexto como son+u, designa limite de unidade menor ou morfema; num contexto como [+nas] indica o valor positivo de um traço fonético.
 - num contexto como [-ant] expressa o valor negativo de um traço fonético; em -m ou -n indica posição final de palavra.
 - { utilizada para indicar ambiências alternativas.
 - α e β símbolos que expressam simultaneamente os valores + e - de um traço fonético.
 - [] indica que encerra representações fonéticas ou que contém traços fonológicos e/ou fonéticos.
- N.B. Outros sinais ou abreviaturas utilizados cuja compreensão é óbvia não os transcrevemos.

RESUMO

Esta dissertação, conjugando as técnicas de pesquisa do método histórico-comparativo e as do modelo gerativo-transformacional, mostra os processos de nasalização do português em seu aspecto diacrônico.

Pela técnica do método histórico-comparativo chegamos a verificar um sistema fônico de base comum, embora em estágios temporais diferentes, calcado no tronco indo-europeu.

Pela técnica do modelo gerativo-transformacional, levantamos e sistematizamos os processos de nasalização ocorridos na língua desde o indo-europeu até o português arcaico.

Tal conjunção proporciona, assim, a visualização dos processos de nasalização do português no seu aspecto diacrônico, possibilitando conclusões no âmbito dos universais lingüísticos, e vislumbra as condições de continuar a aplicação de tais mecanismos sucessivamente até a fase atual da língua.

ABSTRACT

This text, conjugating the research techniques of the historical-comparative method and those of the generative-transformational model, portrays the Portuguese nazalizing processes in its diacronic aspect.

By means of the historical-comparative method techniques, one identified a common basis phonic system, though in different time stages, treaded upon the Hindu-European.

By means of the generative-transformational model one raised and systematized the nazalization processes which occurred from the Hindu-European language to the Archaic Portuguese one.

Therefore, such a conjugation conveys the visualization of the Portuguese nazalizing processes in their diacronic aspect. This technique makes it possible for one to reach in the universal linguistic ambit, and to forshadow the conditions of continuing the application of these mechanisms up to the contemporary phase of the language.

INTRODUÇÃO

É sabido e documentado que os estudos lingüísticos nestes últimos tempos visam quase que exclusivamente a fatos sincrônicos, relegando a plano secundário fatos diacrônicos.

Esta dissertação, fugindo um pouco a essa tendência-mestra, a essa cupidez de coisas atuais, objetiva ser um estudo diacrônico, ou seja, considera as nasais e a nasalação do português sob o ponto de vista de sua evolução histórica. Não é propósito nosso parecer retrógrados ou achar que o estudo sincrônico dependa do diacrônico, mas entendemos que certos fenômenos lingüísticos encontram sua explicação mais adequada quando considerada a sua história.

A natureza de nossa análise encontra justificativa, portanto, no fato de a história da língua portuguesa permitir-nos constatar que:

a) a língua atual resulta de uma série de processos históricos;

b) mudanças históricas podem, ainda que indiretamente, exercer influência nos processos fonológicos do português contemporâneo;

c) representações subjacentes (na gerativa transformacional) podem coincidir com formas anteriores atestadas: vejam-se os resultados da aplicação das regras fonológicas ao português - há formas coincidentes com as do português arcaico. Logo, regras fonológicas sincrônicas podem ser a recapitulação de mudanças reais já ocorridas historicamente nos sons.

Por conseguinte, percebemos haver um relacionamento entre as mudanças diacrônicas e as alternâncias sincrônicas, o que pode ser observado no fenômeno da nasalação do português.

Nosso estudo preocupa-se, então, em enquadrar o português, através do método histórico-comparativo, num bloco lingüístico - nas línguas ditas indo-européias. Tal procedimento possibilitará mostrar posteriormente a efetivação de certos processos de nasalação com caráter de universais lingüísticos na seqüência "indo-europeu-latim-português".

Uma visualização dos sistemas fônicos das línguas em questão, contexto dos sons em que ocorrem as nasais e a nasalação, forma o capítulo terceiro.

Na seqüência, as noções elementares sobre a teoria gerativa transformacional constituem-se no elo de entendimento dos dois capítulos posteriores - o quinto e o sexto. São também apresentados os quadros de matrizes dos traços fonológicos partindo de uma fonética universal, aplicáveis à formulação das regras fonológicas desde o indo-europeu e aos processos de nasalação da língua portuguesa.

O próximo passo é a análise dos sistemas nasais do indo-europeu ao português arcaico. Aparecem os resultados ou os fenômenos em si, sem a demonstração dos processos.

O ponto central da dissertação é o capítulo sexto, onde são analisados os processos de nasalação: uma série de mecanismos (= regras fonológicas) que se aplicam sucessivamente sobre as formas-base - na verdade, as formas primitivas - até atingirmos as saídas fonéticas do estágio final do português arcaico. O prosseguimento na aplicação de tais mecanismos gera as formas fonéticas do português atual, pois, observa-se que as mudanças fonéticas ocorridas diacronicamente são resultantes da subtração, do acréscimo e (raramente) de alterações de regras fonológicas aplicadas sobre a forma-base do estágio anterior e assim por diante.

O resultado da análise encontra-se consignado nas conclusões globais.

O tema desenvolvido em nossa dissertação relaciona-se com "Mecanismos nasais do português", em que o Prof. Dário Deschamps estuda as nasais do português contemporâneo sob o aspecto sincrônico. O nosso enfoque é diacrônico, conjugando as técnicas fornecidas pela teoria gerativa transformacional e o método histórico-comparativo.

Dado o limite do objetivo proposto não nos interessamos em determinar as causas responsáveis por quaisquer alterações fonéticas, deixando o campo aberto para futuros estudos, e sim apenas demonstramos os processos fonológicos operados.

1. MATERIAL E MÉTODOS

1.1. Material

Pelo fato de o nosso trabalho ser de caráter histórico, é evidente que nosso material não poderia ser outro senão os livros, os documentos. Destarte, para o enquadramento do português no campo indo-europeu voltamos para a literatura relativa à indo-europeística, servindo-nos também de informações escritas sobre a história das línguas latina e portuguesa.

Os sistemas fônicos do indo-europeu ao português arcaico encontraram apoio na mesma fonte bibliográfica, acrescida de uma série de manuais de lingüística histórica de autores quer nacionais, quer estrangeiros.

As mesmas fontes, enriquecidas com uma contribuição da lingüística moderna, na aplicação das regras fonológicas emanadas da teoria gerativa transformacional, cujas informações elementares são fornecidas no quarto capítulo, possibilitaram a elaboração dos sistemas nasais.

De cunho livresco é também o teor dos processos de nasalização. Concorreram para isso os textos arcaicos, ladeados pelos trabalhos de lingüistas-filólogos de reconhecida competência como: José J. Nunes, José L. de Vasconcellos, Edwin Williams, Sousa da Silveira e outros. A aplicação das regras fonológicas fundamentaram-se nos manuais relativos à teoria gerativa transformacional.

1.2. Métodos

Dado o objetivo da presente dissertação, isto é, verificar os processos que regem as nasais e a nasalização do português arcaico a partir do indo-europeu, nosso método primeiro deverá ser o histórico comparativo, pois, nem sempre dispomos da evidência direta para conseguir dados de estados antigos das línguas, precisamos, então reconstruí-los.

Na história de uma língua é inegável a existência de mudanças fonéticas. Se há mudanças, há causas. Serão as mudanças resultantes de:

- a) mudança de gerações?
- b) moda (ou prestígio)?
- c) comodismo (tendência ao menor esforço)?
- d) influência do substrato ou superstrato (transposição de hábitos articulatórios anteriores para a língua recém-adquirida)?
- e) instabilidade política?
- f) todos os itens anteriores?
- g) algumas das causas apontadas explicam certos fenômenos fonéticos?
- h) outras causas?

Naturalmente, a resposta não é fácil e mesmo não tentamos fornecê-la no desenvolvimento de nosso estudo. A evolução fonética é um fenômeno humano muito complexo em que entram fatores de ordem quer fisiológica, quer psicológica, quer sociológica, quer acentuadamente histórica. Por isso, tentaremos apontar não as causas responsáveis pelas mudanças e sim os processos fonológicos das nasais verificados no curso da história da língua. Para esse fim, se o método histórico-comparativo é basilar na comparação dos vários sistemas fônicos a fim de chegarmos à conclusão de que ocorreu determinado fenômeno fonológico e fonético, torna-se insuficiente para nos fornecer uma formalização de tal fenômeno. Tal fato nos levou a servirmo-nos também da teoria gerativa transformacional. Não aplicaremos a teoria completamente. Faremos uso apenas da formalização das regras fonológicas, ou aqueles mecanismos que, aplicados sucessivamente a partir das formas de base (o vocábulo primitivo), vão gerar as representações fonéticas em cada momento histórico-cultural da língua.

É nossa intenção, portanto, fazermos uma conjunção do

método histórico-comparativo com a teoria transformacionista. Não queremos construir uma gramática, nem uma teoria da mudança lingüística. Queremos unicamente aplicar os princípios fundamentais relativos às regras fonológicas e mostrar que historicamente ocorrem os mesmos processos postulados pelo transformacionalismo no modelo de competência lingüística.

Evidentemente, a teoria transformacionista não objetiva, primordialmente, preocupar-se com a evolução de uma língua. O que ela busca é a competência do falante-ouvinte. E historicamente possuímos somente a performance de determinados falantes-ouvintes em documentos escritos. Ora, embora não pretendamos explicar o mecanismo lingüístico integralmente, fazemos uso das regras fonológicas e explicamos: - toda transformação ou mudança de som não ocorre na língua em si, isto é, tal fonema no latim era assim, passou ao português desta outra forma, mas é a comunidade lingüística, os falantes (em sua competência) que em dado momento, deixaram de pronunciar uma consoante nasal em "manu" (= latim) e começaram a pronunciar apenas a nasalação da vogal precedente. Por conseguinte, justifica-se o uso das regras fonológicas, pois, aquilo que, na verdade, é performance (= uso efetivo que o falante-ouvinte faz de sua língua em situações concretas), na época em que tal fenómeno ocorria diacronicamente fazia parte da competência (= conhecimento intuitivo que ele tem de sua língua) dos falantes. Era, portanto, um mecanismo que se processava no seu cérebro. De tal sorte que o uso da teoria gerativa transformacional possibilita-nos aqui o conhecimento dos processos ou mecanismos nasais efetuados na competência dos falantes da língua portuguesa do século XII ao século XV (e XVI).

Os mecanismos têm continuidade. E o correr dos anos avolumam ou subtraem pelos mais diversos fatores, as regras fonológicas. De tal maneira que, se tomarmos determinadas formas arcaicas e aplicarmos novas regras fonoló-

gicas, chegaremos à fase atual da língua ou ao modelo atual de competência. No período arcaico, a competência do falante-ouvinte aplicava ou comportava um número determinado de regras fonológicas; no período moderno, poderá estar subtraída ou enriquecida de novas regras, como veremos no capítulo referente aos processos nasais.

2. A LÍNGUA PORTUGUESA NO CONTEXTO INDO-EUROPEU

2.1. A técnica de classificação das línguas

Cabe à lingüística geral a interessante, mas difícil tarefa de classificar as línguas do mundo, distribuindo-as dentro de um critério racional e científico, pois, a ela compete a investigação das leis e dos processos da linguagem humana pela observação das múltiplas línguas atuais e do passado.

Um relance de olhos sobre os manuais de lingüística a partir do século XIX é suficiente para cientificar-nos das diversas tentativas de classificação, bem como dos vários critérios utilizados, como: o genealógico, o morfológico, o psicológico, o tipológico e o geográfico para citarmos os mais importantes. Entretanto, os dois mais usados são os primeiros. Os três últimos foram relegados pelos lingüistas modernos por não terem base científica.

Dos dois primeiros: o morfológico baseia-se na estrutura vocabular. Não considera a fonética, a sintaxe e a semântica, o que nos leva a restrições quanto à sua validade, além de não satisfazer ao objetivo da nossa pesquisa.

A classificação genealógica, fruto do descobrimento e constituição da Gramática Comparada, parte da comunidade de origem de um tronco de línguas, constituindo assim verdadeiras famílias ou grupos¹.

No desenvolvimento da presente dissertação, ater-nos-emos a este critério, porque, além de ser o que melhor se enquadra para uma classificação diacrônica das línguas, objetivo de nosso estudo:

a) Não se atém somente a algumas características internas ou externas das línguas para agrupá-las, e sim, àquilo que é imanente nelas e que responde a uma realidade histórica;

b) Considera como oriundas do mesmo tronco aquelas línguas que são a continuação deste mesmo tronco existente ou postulado;

c) Toma um fato histórico como definidor do parentesco lingüístico de duas ou mais línguas ou a ocorrência nelas dos traços mais incisivos, quer fonéticos, quer morfológicos, quer sintáticos. Os traços morfológicos são, contudo, importantíssimos.

Vejamos:

1) Gênero: O ie. possuía três gêneros: masculino, feminino e neutro. Tais gêneros conservam-se no indo-irânico, no grego, no latim, no germânico e antigo búlgaro (observe-se que o lituano perdeu o neutro e distribuiu as palavras neutras entre o masculino e o feminino).

2) Número: O ie. possuía três números: singular (denominava o simples e o indeciso), o plural (designava o múltiplo ou variado) e o dual (designante o termo aparentado). Todas as línguas do tronco mantiveram o singular e o plural. O dual permaneceu no grego, no indo-irânico, no lituano e antigo búlgaro. Restos de dual possui também o latim em palavras como *ambo* e *duo*.

3) Casos: Havia sete no indo-europeu: nominativo (caso do sujeito), genitivo (caso de especificação ou posse), dativo (caso do objeto indireto ou do adjunto circunstancial de fim), acusativo (caso do objeto direto, e na extensão no tempo e espaço e da direção), ablativo (caso do ponto de partida ou de afastamento), locativo (casos da posição no tempo e no espaço), instrumental (caso da companhia e do meio). A oração independente era traduzida pelo vocativo, e neste caso, seria o vocativo o oitavo caso.

Comenta Hans Krahe²: "Este sistema indo-europeu dos casos, que se conservou melhor que em qualquer outro idioma no ai. e, embora não tão bem no báltico e no eslavo, sofreu nos demais uma simplificação ou redução de casos - e

nestê sentido é usada a palavra "sincretismo" - iniciou-se já na época da língua comum. Com efeito, somente para os temas em -ō havia no indo-europeu uma forma especial de ablativo singular, pois nos demais temas o ablativo coincidia em sua forma com o singular do genitivo e o plural do dativo. Além disso, somente no singular dos masculinos e femininos havia uma forma especial para o vocativo; feita esta ressalva, o vocativo era sempre igual ao nominativo. No neutro o nominativo, acusativo e vocativo tiveram uma única forma para cada número desde o princípio.

Esta simplificação do sistema formal dos casos continuou-se nos diversos dialetos: assim, no báltico e no eslavo coincidiram-se numa só forma, inclusive nos temas em -ō, o genitivo e o ablativo (a forma que aqui prevaleceu é o antigo ablativo indo-europeu); em latim fundiram-se o instrumental, o locativo e o ablativo num só caso misto que a gramática latina chama "ablativo"; no grego, o genitivo tomou a função do ablativo, enquanto que o dativo, instrumental e locativo se expressam juntamente mediante a forma denominada "dativo"; o mesmo aconteceu no germânico. O dual apresenta em todas as línguas, nas que se conservou em definitivo, um sistema casual muito reduzido".

4) Os pronomes pessoais de 1^a e 2^a pessoa:

Ie. *eǵhom (português: eu)

Nominativo: ai. ahām, gr. ἐγώ, lat. ego, gót. ik, lit. aš, ab. azū.

Ie. *mēm̄ (português: me)

Acusativo: ai. mām, mā, gr. με, lat. mē, gót. mik, lit. mane, ae. mene, me.

Ie. *teue/teua com várias formas de alternância:

*tu-, te-/to-, *tue/tuo (português: tu)

Nominativo: ai. tvām, gr. τῦ, lat. tu, gót. pu, lit. tū, ab. ty.

Ie. *tuem (português: te)

Acusativo: ai. tvām, tvā, gr. τέ, lat. tē, got. puk, lit. tavē, ab. tebe, te.

Com tais exemplos, chegamos à conclusão de que as evidências são cristalinas. Estas devem aparecer em qualquer tronco que se efetue, não só no indo-europeu.

Outrossim, os numerais cardinais de 1 a 10 constituem outro marco de evidência da união do tronco ou grupo indo-europeu. Assim:

ie. *oi-no-s (*oi-qos), *d(u)uō(u), *treies, (neutro *tri(i)a), *q^uetuōres (neutro *q^uetuōra), *penq^ue, *(u)eks, *septm̄, *oktō(u), *neuṃ, *dek̄m̄³.

ai. (ēkah), dvāu (dvā), trāyḥ, catvārah, pānca, ṣāṣ, saptā, aṣṭāu, nāva, dāṣa.

lat. unus, duo, tres, quattuor, quinque, sex, septem, octo, novem, decem.

gót. ains, twai, preies, fidwor, fimf, saih̄s, sibum, ahtau, niun, taihum.

lit. v-ienas, dū, trys, keturī, penkti, šeši, septynī, aštuonī, devynī, dešimt.

ab. ino-rogū (= unicórneo), d(ū)va, trij-e, četyre, peti, šestī, sedmī, osmī, devetī, desetī.

ae. inū, dva, trije, četyre, peti, šestb, sedms, osms, devets, deset̄s.

gr. οἷνός, ἓ (= um, nos dados), δύο, τρεῖς, τέσσερες, πέντε, ἕξ, ἑπτά, οκτώ, ἐννέα, δέκα.

É preciso no entanto, salientar que as comparações não podem ser caprichosas. Devem seguir um determinado esquema, uma lógica.

Tal método, com a reconstituição das linhas gerais de uma protolíngua e a classificação de variadas línguas

ou blocos na base de uma origem comum, talvez pudesse ser contestado, vista a possibilidade de influência, por contato, entre línguas geneticamente separadas. O critério, porém, continua válido e até liberto de um tal ceticismo, se considerarmos que uma língua, ou, a grande maioria das línguas não apresenta empréstimos globais ou em grande quantidade. Se isso acontecesse, a constatação seria imediata.

No próprio léxico, há termos que resistem aos efeitos da difusão. O processo de perda ou substituição efetua-se muito lentamente. São certos elementos do vocabulário básico, fundamentais para a vida humana como: as partes do corpo (cabeça, mãos, pés), atos simples (andar, beber), os numerais inferiores (de um a dez), os pronomes (eu, tu, ele etc.) e assim por diante. Tal conjunto de elementos é denominado "Vocabulário Básico Central". Pela verificação de uma constante no índice de conservação desse vocabulário, chegou-se a criar, dentro do comparativismo linguístico, a Glotocronologia ou Léxico-estatística. Permite ela calcular a duração aproximada da fase comum das línguas de um bloco e as diversas fases em que vão surgindo e diferenciando-se.

2.2. As línguas indo-européias

Os linguistas do século passado desenvolveram uma classificação das línguas de ordem genealógica. Através do método histórico-comparativo agruparam uma grande porção das línguas humanas em blocos (ou famílias). O critério surgiu em virtude de se ter comprovado a existência de uma protolíngua como ponto de partida para muitas línguas da Europa e várias da Ásia, a que convencionalmente se chamou "indo-europeu".

Esse mesmo critério foi depois aplicado a outros âmbitos linguísticos, originando-se assim a classificação de todas as línguas do mundo.

Para o presente trabalho interessa apenas a classificação das línguas ditas indo-européias, pois nela se enquadra o português.

Essa protolíngua (o suposto indo-europeu), falada até uns três mil anos antes de Cristo, numa região incerta da Europa Oriental (numa região meridional da atual Rússia), serve de base. Movimentos migratórios⁴ a espalharam por parte da Ásia e uma grande parte da Europa. O contato com outros povos, a evolução lingüística e mesmo a diferenciação já no "habitat" primitivo acabaram por demarcar amplos blocos dialetais seja na Ásia, seja na Europa.

Em síntese, podemos dizer que o indo-europeu compreende dez grandes blocos, conforme o esquema da página seguinte, colhido da "Enciclopédia Abril", S. Paulo, Abril Cultural, 1972, Vol. VI, p. 2524. As pequenas modificações são de nossa autoria. Observe-se o bloco ou tronco ITÁLICO. É através dele que ligamos "indo-europeu-latim-português".

2.3. O grupo itálico

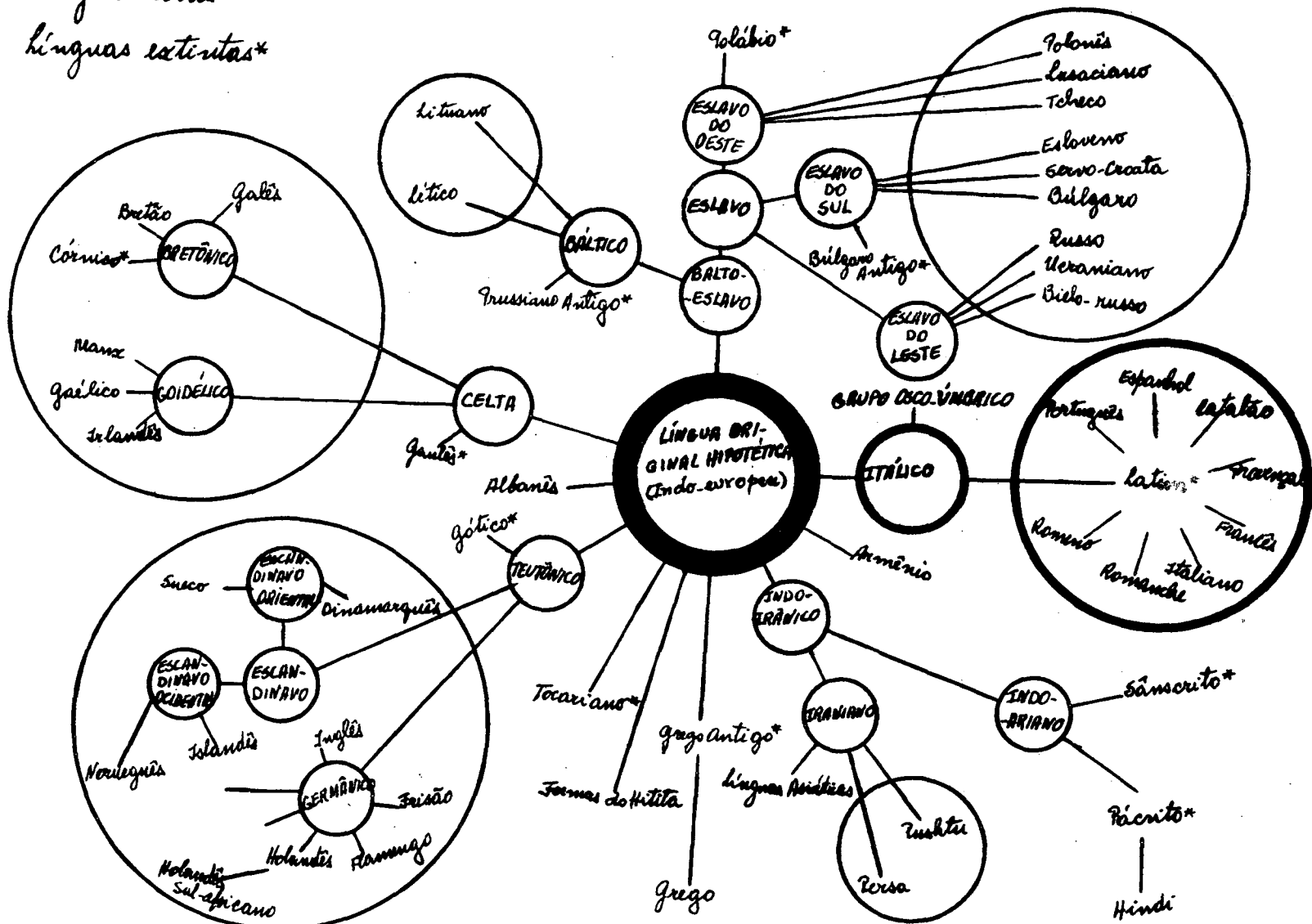
Sob o nome de Itálico costuma-se designar o tronco lingüístico indo-europeu que se desenvolveu na Península Itálica. Subdivide-se em latim e osco umbro.

2.3.1. O Latim: língua da região do Lácio, à margem esquerda do rio Tibre, na Itália, documentada desde o século VII a.C.. Contudo, até a metade do século III a.C. não possui senão um que outro "carmen sacro", algumas tábuas de leis, máximas e epitáfios muito mal metrificadas. A literatura latina com as representações de dramas em latim, mas traduzidos do grego, começa praticamente em 240 a.C. com Lívio Andronico.

Este material pré-literário, os textos arcaicos e e-

GRUPOS

línguas vivas
línguas extintas*



LÍNGUAS INDO-EUROPEIAS

pigráficos: inscrições (Fíbula Prenestina, Vaso de Duenos, Cipo do Fórum), fragmentos arcaicos vindos até nós através da tradição literária (Carmen Saliare, Leges Regiae, Leges XII Tabulae, Provérbios etc.) constituem a maior documentação do latim em suas primeiras fases.

Vejamos um que outro documento histórico do latim arcaico⁵:

I. A Fíbula Prenestina

a) É uma fíbula de ouro, encontrada em Preneste em 1.871. Os caracteres da inscrição são em grego. O segundo H da inscrição vem rasurado. A técnica da grafia é a sinistrorsa. Data do VII ou VI séculos a.C.. Encontra-se no CIL I², 2, 3. D. 719.

b) A inscrição: "MANIOS: MED: FHE: FHAKED: NUMASIOI:"

c) Observe-se:

1. MANIOS, nominativo com terminação -os;
2. MED, acusativo com terminação -ed;
3. FHE: FHAKED, perfeito de facio reduplicado;
4. NUMASIOI, dativo em -oi;
5. NUMASIOI, -s- mantido. Passa depois a -r-;
6. Tradução: Manius me fecit Numério (=Mânio fez-me para Numério).

II. O Vaso de Duenos

a) É um grafito sobre três vasos reunidos num só. Foi encontrado em Roma, em 1880. Possui algumas letras corrigidas. A escrita é clara e sinistrorsa. É do século VI a.C.. Encontra-se no CIL I², 2, 4, D. 720.

b) A inscrição: "IOUESAT DEIUOS QOI MED MITAT NEI TED ENDO COSMIS UIRGO SIED / ASTEDNOISIOPETOI TESIAI PAKARI UOIS DUENOS MED FEKED EN MANOMEINOM DUENOI NE MED MALOSTATOD".

c) Observe-se:

1. IOUESAT = iurat (-s- para -r- mais tarde);

2. DEIUOS = deos (acusativo plural em -os);
3. QOI = quoi = qui;
4. MED = me, um acusativo em -ed;
5. MITAT = presente do indicativo (não subjuntivo, que deveria ter -d);
6. NEI ...SIED, abre uma oração condicional negativa (= nisi ... sit), nei = ni; ted endo= in te; cosmic = comis;
7. VIRGO SIED = virgo sit;
8. AST (= conjunção poética) = at: mas, porém;
9. EDNOISIOPETOI TESIAI. Parte difícil de se interpretar, pois contém palavras já desaparecidas do latim. Comenta Vittore Pisani⁶: "Provavelmente TESIAI é igual ao sânscrito tásyai, gótico pizai "illī" dativo singular feminino do pronome to- cujos traços o latim possui em top- per e iste além de tum, tun-c e tam, entretanto de so- que com ele formava paradigma, temos algumas formas. Talvez, o desaparecimento deste pronome ocorreu ao formar-se o sistema hic: iste: olle, que lhe tomavam vantajosamente o lugar, indicando a distância relativa de um dos dois interlocutores ou de ambos. Em tal caso, no nexu EDNOISIOPETOI será distinguido em EDNOISI, ablativo-instrumental plural de *edno- "alimento" igual ao sânscrito "an nām" alimento, grego ἑδαιον da raiz ed-ō: os alimentos em questão são aqueles a que serão misturadas as substâncias mágicas, a poção, contidas no tríplice vaso. O instrumental plural é o indo-europeu -ōis; mas no ablativo plural latino dos temas em -o- vieram a confluír tanto esta forma quanto a do locativo em -oisi e, analogamente ao que aconteceu no grego onde ἑδαιον e ἑδαιονα fundiram suas funções, tanto -ois dá -ōis quanto -oisi, antigo locativo, terão aos poucos assumido valor idêntico, até que, apocopado o i final, a única forma -ois > -īs permaneceu. Portanto, opetoi é dativo final de *opeto-, antigo derivado de op- contido no denominativo optō < *opetāiō". Portanto = cibus optato ei.

10. PAKARI UOIS = pacari vis;
11. DUENOS = bonus (passagem de d para b) significa "um perito", isto é, um que entende de encantamentos; talvez, o autor da inscrição se baseie no nome do fabricante, se este era Duenos.
12. MED = me (acusativo);
13. FEKED = fecit;
14. EN MANOMEINOM = im manu einom = para um bom êxito;
15. DUENOI = dativo de duenos = para um hábil;
16. NE MED MALOSTATOD = ne et me malum stato;
17. Traduzindo: "Iurat deos qui me vendit - nisi in te comis virgo sit, at cibus optato (impetrando) ei pacari vis bonus me fecit in felicem exitum bono: ne et me malum stato".

III. Fragmento do "Carmen Saliare"

Varrão "De língua Latin VII", 26: "In multis uerbis in quo antiqui dicebant s, postea dicunt r, ut in Carmine Saliorum sunt haec:

COZEULODORJESO. ŌMNIA ŪO ADPATULA COEMISSE. LANCUSIANES DUONUS / CERUSES DUN: IANUSUE UET PO § MELJOS EU § - RE CU § .

Observa ainda Varrão: fedesum = federum; plusima = plurima; meliosem = meliorem; asenam = arenam; ianitos = ianitor.

Observe-se:

1. Tentativa de reconstrução: Cozeuiod orieso. omnia uero adpatula. cosmis iam cousiad nes. duonus ceruses, po melios eum recum.

2. Cozeuiod = conseuiō (o z por s depois de n, como acontece geralmente no osco-umbro). Diz Velio Longo no seu De Orthografia, p. 15 K.: "Mihi videtur (z) nec alie na Latino sermoni fuisse, cum inveniatur in Carmine Saliare" (= Parece-me que o z não seja uma letra alheia à

fala latina, quando aparece no "Carmen Saliare").

3. Orieso > *orii > *ori- > *orere. É interessante observar que em todas as orações os latinos logo de início invocavam a Juno e um nome de Juno era Consevius.

4. Omnia = omnia;

5. UO = vero;

6. Ad patula = imperativo de ad-patulare, abrir de par em par as portas;

7. Coemisse = comis;

8. Duonus = bonus;

9. Lancusianes = iam cusianes = cusianes de *cusio, escuto;

10. Ceruses dun = "In Carmen Saliari cerus manus (dun), intelligitur creator bonus" (= No Carmen Saliare, por cerus manus entende-se criador bom);

11. Po meljos = pro melior;

12. Eu recum = eorum regum;

13. Traduzindo: "A Consevio orere. Omnes portas aperi. Comis iam audiat nos. Bonus creator es, longe melior eorum regum".

2.3.2. O osco-umbro: compreende o falar dos antigos Samnitas, na Campânia, no Sâmnio, em parte da Lucânia e do Bruço. Afora o osco, teríamos ainda o sabélico, o volsco e o umbro, todos pertencentes ao ramo osco-umbro.

a) O osco: língua particularmente dos samnitas, sendo falado com pequenas diferenças regionais no Sâmnio, no Bruço, na Campânia e em parte da Lucânia e da Sicília norte-oriental. É língua de tendências arcaizantes. Conhecemo-la através de mais de duzentas inscrições. As mais importantes são a Tabula Bantina, encontrada em Bântia, cidade da Apúlia e o Cippus Abellanus.

b) O sabélico: grupo dialetal pouco conhecido de povos que habitavam entre o Sâmnio e a Umbria. Conhecem-se como dialetos sabélicos, o peligno, o marrucino, o marsiaco, o equículo, o sabino.

c) O umbro: uma língua de tendências inovadoras, falada na Umbria. É-nos conhecido por, além de poucas inscrições curtas e moedas, uma longa epígrafe cuidadosamente grafada em sete tábuas de bronze escritas nas duas faces e descobertas em Gúbbio em 1.444. São conhecidas por tábuas "Eguvinas" e nelas está gravado o ritual dos chamados "fratres Atiedii", colégio sacerdotal de Igúvio, hoje Gúbbio. É notável salientar que as tábuas I a Va, e as sete primeiras linhas de Vb, são escritas na grafia nacional umbra e as demais em grafia latina. Este é o motivo pelo qual a língua das primeiras é denominada "paleo-umbro" e a das segundas de "neo-umbro".

2.3.3. Características do grupo itálico

a) As sonoras aspiradas indo-européias dh e bh, se iniciais, passam a f- em osco-umbro e em latim. Se mediais, em osco-umbro passam a -d- e em latim a -b-.

Exemplos: ie. *bherho, lat. > fero, u. > feret;

ie. *tybhyam, lat. > tibi, o. > tfei, u. > tefe;

ai. *mandhyah, lat. > medius, o. > mefiyai.

b) -s- intervocálico passa a -z- no osco; passa a -r- no umbro e em latim.

Exemplos: ai. *asat (= sit), lat. > ero, o. > ezum;

ai. *tāsām, lat. > equarum, o. > egmazum.

c) As soantes indo-européias ṛ, ḷ passam para or, ol.

Exemplos: lat. > uorsus, osco-umbro > uorsus (cfr. ai.

*vṛttās); lat. molis (cfr. ai. *mṛdus).

d) As soantes ṛ, ṛ passam a en e em.

Exemplos: ie. *dekm̥, lat. decem (cfr. u. > desenduf =doze); ie. *ṛsi-s, lat. > ensis (cfr. ai. asi-h̥ = espada).

e) Tendência à mudança de t1 em k1

Exemplos: o. > fikla, u. > ficlam "fitillam"; no lat. o -clo- é proveniente de -tlo- ampliado depois por anap-tixe com a vogal u como em: saec(u)lum < *seitlom (cfr. ant. bretão hoetl "aetas").

Esta mesma tendência pode ser observada no latim "vulgar" quando ocorre a queda de uma vogal e aparece o encontro -tl-: vetulus > vetlus, veclus (port. > velho, esp. > viejo, it. > vecchio, fr. > vieil etc.).

f) A criação de um ablativo em -ād para os femininos em -a, por analogia com o ablativo singular em -ōd, dos temas em -o: lat. suā(d), o. > súvad, "suā".

g) A criação analógica de um dativo-ablativo instrumental plural em -ais para os temas em -a, por analogia com os em -ois, dos temas em -o.

Exemplos: lat. suis (fem.) (< *seuais), o. > deivinais, "divinis"⁶.

É digno de nota ainda lembrar que as diferenças entre osco-umbro e latim são sensíveis a tal ponto de podermos supor que as duas famílias ou os dois troncos já se diferenciavam antes mesmo de ocupar o território itálico. Para o presente estudo, porém, não interessam tais diferenças.

2.4. O português

Indubitavelmente a origem da língua portuguesa prende-se ao latim.

Sabemos que ao lado do latim popular, o falado pelo povo, formou-se o latim literário, falado em geral por uma elite urbana e disciplinado pelos literatos. E se desde cedo distinguiu-se o latim vulgar do literário ou la-

tim propriamente dito, isto não significa sejam duas realidades lingüísticas antagônicas: em essência, são a mesma realidade lingüística, não se diferenciam. Isto não quer dizer que os literatos escrevessem exatamente a língua do povo. Mesmo os escritores modernos de qualquer língua fazem uso de expressões, vocábulos, como distinguem sons, discordantes dos das pessoas incultas. Não há de se estranhar, portanto, termos como parca, minae, felis ditos pelos literatos, enquanto o povo tivesse como vocábulos correspondentes fata, minacia e cattus (depois gattus) respectivamente. Igualmente não deve admirar o fato de a plebe, desde cedo, ter deixado de pronunciar o h inicial das palavras, enquanto a gente culta manteve tal pronúncia até certa época bem mais tardia⁸.

Ora, isto acontece também hodiernamente em qualquer língua. É uma questão de língua culta e língua comum, coloquial ou cotidiana. A realidade lingüística é uma só. Esta é a nossa opinião.

Entretanto, a discussão se faz sentir no momento em que procuramos precisar o termo "latim vulgar". Diversos romanistas de respeitável gabarito como Hugo Schuchardt, Krol, Löfstedt, Grandgent, Serafim da Silva Neto, Monteverdi e outros dedicaram-se a sérios estudos numa tentativa de defini-lo.

Em nossa dissertação, omitindo discussões desnecessárias, utilizaremos o termo "latim coloquial" e entendemo-lo como "o latim em sua evolução desde suas origens no Lácio até o aparecimento das línguas românicas, ou seja, entendemos o latim naquela sua estrutura lingüística básica com seu vocabulário básico central conservador por mais de mil anos, isto é, aquela koiné latina necessária à comunicação no Império Romano decaído ou esfacelado"⁹. A sublinhação é nossa.

Considere-se, outrossim, que o latim da Península I-

tálica ao tempo da romanização não era uno, pois, sofrera a influência dos substratos itálicos. Ora, se esse latim já apresentava formas dialetais distintas, parece-nos lógico ser o português continuação de uma forma dialetal latina. É claro, devemos levar em conta um fator básico: a cronologia da colonização. A data de colonização ou de conquista pode proporcionar-nos uma idéia do tipo de latim levado para o país conquistado ou colonizado.

Além disso, devemos ter em conta o próprio substrato da Lusitânia, aquelas tendências fonéticas, morfológicas, e, às vezes, sintáticas de uma velha língua nativa ou não sobre outra que a tenha assimilado. No caso, sabemos que o latim assimilou o celta, contudo, este deixou seus traços indelêveis naquele. Só para citar exemplos: atribui-se à influência celta a vocalização do grupo -ct- latino, mesmo a sonorização das surdas intervocálicas latinas; via de regra, os compostos com *dunum*, *briga*, *sego* e *bona*, como: *Galadunum*, *Conimbriga*, *Segóbriga*, *Lisbona* etc..

Não podemos de igual maneira esquecer a influência dos superstratos, isto é, de línguas que se sobrepuseram ao latim da România, mas não o assimilaram. Deixaram, no entanto, sua contribuição quer na fonética, na morfologia, na sintaxe e no léxico.

Acrescente-se ainda uma série de outras causas que os filólogos costumam apresentar, como: o desenvolvimento de unidades políticas, a variação cultural, a cisão do Império Romano, as diferenças dialetais na língua dos colonos itálicos, o incremento do acento de intensidade. Todo esse conjunto de fatores contribuiu para a diferenciação do latim.

Deve ser dito algo também sobre a propagação do latim na Península Ibérica. A história nos informa que, pelo século III a.C., Aníbal tomou Sagunto contra as convenções estabelecidas entre Roma e Cartago. Desencadeou-se,

então, a segunda guerra púnica. Roma de imediato enviou tropas à península, as quais, entre derrotas e vitórias, expulsaram dela os cartagineses e implantaram aí o seu domínio. A civilização superior por eles trazida atraiu os Hispanos. Abraçaram inicialmente os usos e costumes e por fim a própria língua, e de tal maneira que, com o correr dos anos, a romanização era tão completa que até a língua literária encontrava em muitos dos nativos excelentes cultores, como Sêneca, Lucano e Quintiliano. "As inúmeras inscrições achadas em toda a península, a enorme abundância de restos de antigas construções romanas, das quais muitas rivalizam em luxo com as descobertas na Itália, são prova irrefragável desta completa romanização, que aliás nos é atestada por Estrabão, geógrafo grego que viveu no primeiro século da era cristã, o qual, falando dos Turdetanos e outros povos das margens do Bétis (Guadalquivir), diz que eles adotaram de todo os costumes romanos, chegando até a esquecer a própria língua¹⁰".

Em síntese, à vinda dos romanos os elementos essenciais formadores da base indígena da população peninsular eram três:

a) ao norte, o pirenaico. De origem européia. Seu representante atual é o basco, de língua ibérica;

b) em Portugal, Galiza, Astúrias, Leão, na maior parte da Extremadura, em Castilla a nova, o pré-ibérico (o povo de civilização capsense). A invasão céltica influenciou vários desses povos. Alguns porém, como os Ástures de boa parte das Astúrias e Leão, e quiçá, os Cinetas do sul de Portugal, mantiveram-se incólumes;

c) na região sudeste, o ibérico, possivelmente de origem africana.

Segundo o testemunho de autores quer gregos, quer latinos e mesmo indicações fornecidas pelo onomástico, na península falavam-se várias línguas, sendo as mais importantes (sem parentesco algum) o basco e o celta, em vários

de seus dialetos.

Entre o celta e o latim havia certa afinidade, o que facilitou grandemente a adoção do latim por parte dos conquistados. Quanto ao basco, houve resistência. Ainda hoje permanece em pequena escala na Espanha e na França.

Há uma colocação importante a ser feita: o latim, segundo já vimos, diversificado, trazido para a Hispânia pelos romanos era o mesmo da Lusitânia? Praticamente o mesmo. As leves alterações fonéticas e mesmo lexicais entre o espanhol e o português são explicáveis por outras causas que não a da língua de origem romana. Inscricões do século quinto e sexto, encontradas em território quer lusitano, quer alhures, dão-nos testemunho disto. O próprio Santo Isidoro, bispo de Sevilha, que viveu pouco depois (= séculos VI e VII) na obra *ORIGINES (Etymologiae)* uma espécie de enciclopédia onde coleta informações de coisas divinas e humanas, ciências exatas, etc., traz alguns vocábulos que vivem ou viveram em ambos os idiomas com leves alterações como: *aera, astrosus, barca, bostar, cabal-lues, cama, capanna, lancea, lausiae, lorandrum, mantum, paramus, sarna, serralia*. Naturalmente, destes vocábulos e mesmo de outros que desapareceram, a maior parte existia em toda a România, pelo que se encontra nas demais línguas neolatinas, contudo, alguns são exclusivamente hispano-lusitanos, pois só aparecem na península. Com certeza, pertenciam ao substrato da língua dos mais antigos habitantes, que ã vinda dos conquistadores, os adotaram, consoante já haviam feito em muitas outras regiões.

Devemos outrossim admitir que esse latim trazido à Península e que acabou por ser adotado sem imposições, nem constrangimentos, pelos autóctones, apresentava divergências fonéticas principalmente, de região para região, até mesmo de cidade para cidade¹¹.

Sua evolução ia se processando normalmente, adaptando-se aos hábitos fonéticos de cada região. Contudo, elementos estranhos a vieram perturbar: os Bárbaros. Invadi-

ram a Península no século V. Eram povos de origem germânica: vândalos, suevos, visigodos. Os suevos estabeleceram-se na Galécia e na Lusitânia, região onde mais tarde se desenvolveu a nação portuguesa. No século VI, porém, estes foram absorvidos pelos visigodos.

Esses povos germanos, rudes e mais preocupados com a guerra, endossaram a língua e a civilização romana. Naturalmente as transformações a que sujeitaram o latim, adotando-o como língua própria, foram sensíveis.

Desta forma, a língua bárbara (e depois em parte, a língua árabe), atuante como superstrato, pode ser considerada como um dos agentes mais relevantes para a diferenciação do latim, que gradativamente assumiu as características da língua portuguesa.

Quanto à data do aparecimento do idioma é propriamente impossível fixá-la. Também não é possível delimitar a época da transformação dos sons latinos nos correspondentes portugueses. O processo é lento, sofrendo sucessivas e constantes modificações, sem contudo possibilitar marcação de época em que uma ou outra alteração se efetuou¹².

Entretanto, os documentos nos dão a prova de que o português já existia no século IX. "Escritos embora em latim bárbaro e com muitas fórmulas comuns a outras nações, como não podia deixar de suceder, tratando-se de usos idênticos, aparecem neles já além de vocábulos que o notário evidentemente latinizou, como *dublador, pumare*, etc., muitos com feição e cunho portugueses"¹³.

Mas é no século XII que se inicia a história da língua portuguesa. Neste século, aparecem os documentos escritos por completo ou quase por completo em português. Anteriormente, a língua era apenas falada.

Vão transcritos no apêndice o mais antigo documento latino-português (século IX), bem como o presumível (pois as opiniões divergem) mais antigo documento em prosa do

português (século XII).

O primeiro estava no cartório do Colégio da Graça de Coimbra. De lá passou para o Arquivo Nacional da Torre do Tombo, onde atualmente se encontra. Trata-se de um documento notorial (= escritura). Muzara e Zamora fundam em Lordosa (Concelho de Penafiel) uma igreja consagrada a S. Pedro, S. Paulo e S. Miguel Arcanjo. Fazem doação de terras para usufruto dos padres, para cemitério, bem como móveis e alfaias de culto.

O segundo, "o auto de partilhas", tem várias publicações, sendo a mais científica a do filólogo José L. de Vasconcellos. Trata-se de uma escritura de partilhas, do ano de 1192, entre os irmãos Rodrigo Sanchez, Vasco Sanchez e Elvira Sanchez, dos haveres herdados dos pais.

2.5. Conclusões

1) Dentre os critérios de classificação das línguas, para o objetivo do nosso estudo, o melhor é o genealógico, porque classifica as línguas na base de uma origem comum formando blocos ou grupos e toma, além do fato histórico como definidor do parentesco, a ocorrência nelas dos traços mais incisivos de sua gramática.

2) Tal critério é científico porque baseado no método histórico-comparativo, trabalhando com documentos, comparando a fonética, a morfologia, a sintaxe, a semântica e o léxico das várias línguas historicamente bem como analisando as causas, as circunstâncias, o aparecimento e suas transformações.

3) Pelo método histórico-comparativo, constata-se a existência de um parentesco lingüístico partindo do indo-europeu ao grupo itálico-latim-português.

NOTAS

1. Veja-se: a) MELO, Gladstone Chaves de. Iniciação à Filologia e à Linguística Portuguesa. 1971, p. 73-81;
 b) CÂMARA, Mattoso. Princípios de Linguística Geral. 1967, p. 289-312;
 c) COUTINHO, Ismael de Lima. Gramática Histórica. 1973, p. 24-27.
2. KRAHE, Hans. Linguística Indoeuropea. 1953, p. 104-105.
3. Os numerais de 1 a 4 apresentam declinação e formações de gênero. Preocupamo-nos unicamente com o nominativo masculino.
4. "É possível, como sugerira Meillet, ter havido não propriamente um deslocamento em massa de população numa unidade social compacta (o que se entende a rigor como migração), mas uma infiltração de pequenos grupos que se destacavam do seu povo "não todos necessariamente ao mesmo tempo e sem atingir todos o mesmo local" (Pulgram, 1956, 412); assim cada dialeto, já existente no habitat primitivo, terá sido levado às múltiplas partes da Ásia e da Europa (ib., 417). Esta hipótese disjunge completamente o problema linguístico e o étnico". (Apud Mattoso Câmara, 1967, p. 290).
5. Os documentos, bem como os comentários foram extraídos de Vittore Pisani, Testi Latini Arcaici e Volgari. 1950, p. 5, 6 e 34 respectivamente. Introduzimos algumas alterações.
6. Vittore Pisani, *ibidem*, p. 8.
7. TAGLIAVINI, Carlo. Fonetica e Morfologia Storica del Latino. 1962, p. 5-6.
8. Apud VASCONCELLOS, José L. de. Lições de Filologia Portuguesa. 1966, p. 12.
9. CURI, José. Pontos de Português. 1967, p. 1.

10. NUNES, José J.. Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa. 1969, p. 11.
11. O que até aqui dissemos relativamente ao latim trazido para a Lusitânia, é, grosso modo, paráfrase de J. J. Nunes, *ibidem*, p. 12-13.
12. O prof. José Curi em seus Apontamentos de Linguística Histórica (s.p.), pela Glotocronologia chega à conclusão de que o ano 400 da nossa Era pode ser tomado como marco inicial para a formação da língua portuguesa.
13. NUNES, José J.. *ibidem*, p. 14

3. OS SISTEMAS FÔNICOS DO INDO-EUROPEU AO PORTUGUÊS

ARCAICO

No capítulo precedente, pudemos constatar a linha de relacionamento "indo-europeu-itálico-latim-português"! Torna-se conveniente agora, apresentar, nas páginas seguintes, uma visão geral dos sistemas fônicos, contexto em que deverão aparecer as nasais. Focalizaremos principalmente o indo-europeu, o latim e o português. Ao itálico serão feitas alusões ao tratarmos do latim. É que o seu sistema fônico, além de oferecer maior dificuldade para uma sistematização, devido à carência de uma bibliografia básica adequada, não traz maiores vantagens para a consecução de nosso objetivo.

Não há de nossa parte preocupação em construirmos ou testarmos os sistemas. Colhemo-los do estudo da literatura de grandes mestres como Vittore Pisani, Carlo Tagliavini, Hans Krahe, José J. Nunes, Serafim da Silva Neto e outros.

3.1. O indo-europeu

Sua existência é-nos atestada por uma série de correspondências entre as línguas denominadas indo-européias (sânscrito, grego, albanês, armênio, antigo irlandês, germânico, antigo búlgaro, lituano, tocário e hitita). Tais línguas sugerem a pré-existência de uma unidade lingüística comum a que se convencionou denominar "indo-europeu". Como idioma propriamente dito, por conseguinte, não existe. Não nos resta, ademais, documento nem inscrição para testemunhar sua presença como sistema de linguagem entre os humanos.

É nisto que se baseia também Antoine Meillet quando define língua indo-européia: "Chamar-se-á, pois, língua indo-européia toda língua que, num determinado momento, num

lugar qualquer, num grau de alteração qualquer, é uma forma presa a este idioma, e que continua assim por uma tradição ininterrupta, o uso do indo-europeu"¹⁴.

Foi graças ao método histórico-comparativo que se constatou uma origem comum de muitas línguas da Europa e várias da Ásia. Esta protolíngua, o suposto indo-europeu, considerada durante certo tempo como língua primitiva, foi também precedida por um desenvolvimento lingüístico. Tal evolução prolongou-se depois nas línguas que a continuaram. De tal colocação decorre:

a) Outras unidades lingüísticas podem prender-se ao indo-europeu tal qual as línguas românicas em relação ao latim;

b) Possibilidade de existência de línguas indo-européias que se tenham desenvolvido anteriormente à constituição desta unidade lingüística, participando outrossim de um desenvolvimento distinto e independente.

É notório salientar as fortes tendências dialetais apresentadas pelo indo-europeu antes mesmo de se constituírem as grandes famílias ou blocos das línguas que o continuaram.

Sabemos que a pesquisa sempre avançará no sentido de desvendar tais afirmações. Para o momento, partimos do que a lingüística nos oferece. Desta forma, pelo confronto das várias línguas ditas indo-européias, é-nos possível deduzir um quadro do sistema fônico que está na base de cada um dos diversos sistemas e que se constitui no sistema fonético do indo-europeu. Segundo Vittore Pisani¹⁵, podemos, grosso modo, demarcá-lo consoante segue:

Soantes	e	semi-soantes	Vogais: breves a, e, i, o, u; longas ā, ē, ī, ō, ū; reduzida: ̄
			Semivogais: <u>i</u> , <u>u</u> .
			Ditongos: breves, ai ei oi, au eu ou; longos, āi ēi ōi, āu ēu ōu.
			Líquidas e nasais consoantes: r, l, n, m.
			Líquidas e nasais soantes : ṛ, ḷ, ṇ, ṁ.

Consoantes verdadeiras	e	próprias ou mudas	OCLUSIVAS: Labiais Dentais Palatais Velares Labiovelares	su.	su.asp.	so.	so.asp.
				p	ph	b	bh
				t	th	d	dh
				k	kh	g̃	g̃h
				k	kh	g	gh
				q ^u	q ^u h	g ^u	g ^u h
			CONSTRITIVAS: Sibilantes: s z zh				
			(Sons: ḫ)				

Tal sistema encontra correspondência em cada uma das línguas indo-europeias ditas centum (com a pronúncia ken tum)¹⁶.

Dado o alcance de nossa dissertação, tomaremos como premissa aceitável o sistema acima apresentado. No capítulo seguinte (= quinto), faremos separadamente uma análise do sistema das NASAIS, objeto de nosso estudo.

3.2. O latim

Do estudo comparativo das línguas itálicas, sobretudo, do latim com o osco-umbro, chegou-se à conclusão de que o latim desmembrou-se do grupo ou bloco itálico. E desde suas origens até se dissolver nas línguas românicas, não manteve um aspecto uniforme, como talvez pudessemos esperar. Caracterizou-se por diversas fases evolu-

tivas: epigráfica, arcaica, literária ou clássica e decadente.

Qualquer língua a partir do momento em que começa a ser escrita, disciplinada, cinde-se. Desta forma, o latim falado pelo povo, no momento em que foi levado à dignidade de literário, tomou duas feições, que cada vez mais foram afastando-se, a "vulgar", na nossa terminologia, coloquial (língua comum ou sermo plebeius vel rusticus) falada por pessoas de menos erudição, sem preocupação alguma e a literária ou clássica (língua escrita ou sermo urbanus) utilizada pelas pessoas eruditas e principalmente pelos literatos. Tais feições constituíam a mesma realidade lingüística, como sublinhamos no capítulo precedente. Ambas, porém, tiveram sua evolução independentemente, tendo-se em conta que o latim coloquial influenciava consideravelmente a língua dos literatos e que, com o advento das conquistas romanas, expandiu-se geograficamente, e conseqüentemente, tinha que se desenvolver livremente. É evidente, portanto, uma diferença. É natural também que, com a decadência da fase literária e o enfraquecimento do prestígio da língua dos romanos com o esfacelamento paulatino do império, o latim coloquial foi sofrendo as influências de contacto, foi se transformando, sempre como língua viva, até atingir a fase de que originaram as diversas línguas românicas (saliente-se que a diversidade das línguas românicas foi motivada pelas diferenças dialetais do próprio latim coloquial de épocas e regiões diferentes, bem como pelos influxos dos substratos, adstratos e superstratos de cada local). Enfim, o verdadeiro latim, a língua-origem das línguas românicas é o latim coloquial. A influência do latim literário tornou-se até certo ponto acentuada durante a Idade Média e máxime no Renascimento, devido ao estudo dos clássicos e à ânsia pelo eruditismo.

Dada esta duplicidade de feições da língua latina,

apresentaremos a seguir o seu sistema fônico, tentando mostrar o contraste entre as duas formas.

a) Vocalismo: O sistema vocálico permaneceu idêntico ao do indo-europeu: cinco vogais longas e cinco breves (o mesmo aconteceu no itálico), no latim literário. A vogal de timbre indeciso, o schwā, passa, quer no itálico, quer no latim, a um ā breve.

Vejamos um quadro esquemático¹⁷:

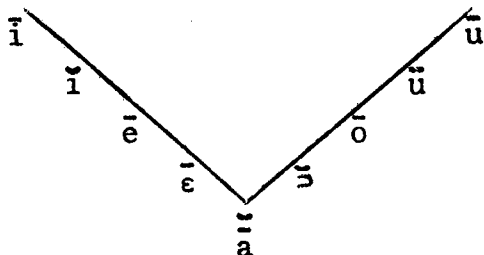
	ṛ ṛ ṛ																		
Ie.	ā	ē	ī	ō	ū	ṛ	ṛ	ṛ	ā	ē	ī	ō	ū	ai	ei	oi	au	eu	ou
Alat.	ā	ē	ī	ō	ū	ā	ē	ī	ō	ū	ai	ei	oi	au	ou				
Lt. Cl.	ā	ē	ī	ō	ū	ā	ē	ī	ō	ū	ae	au							

O latim na sua feição clássica ou literária possuía essas vogais, podendo ser representado da seguinte forma:

Longas: Breves:

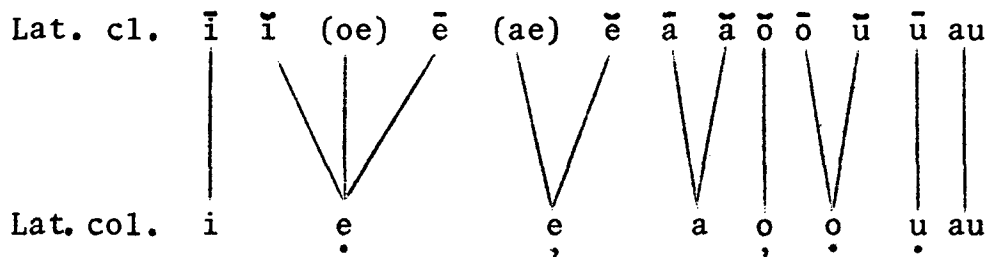
As vogais longas foneticamente eram fechadas ou ten-

sas, enquanto as breves eram abertas ou frouxas. Podemos então traçar a seguinte representação fonética das vogais do latim literário:

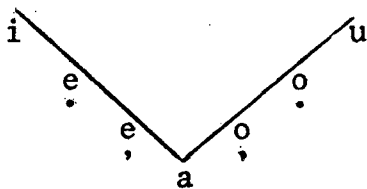


A feição coloquial do latim apresentava uma transformação radical no fonetismo vocálico: o valor distintivo da vogal transfere-se da duração para o timbre, enquanto paralelamente, o acento de intensidade adquire importância fundamental. Tal constatação é-nos possível pela comparação das línguas românicas.

Para melhor ilustração, segue um esquema em que contrastamos as duas feições:



A representação fonética das vogais do latim coloquial será:



Alguns exemplos elucidam nosso quadro (a primeira coluna representa o latim clássico; a segunda, o coloquial):

vīvo > vivo

rōsam > rosa

{ bībo > bebo	{ amōrem > amore
{ acētū > acētu	{ lūpum > lopu
{ poenam > pena	mūtum > mutu
{ hērbam > herba	aurum > auru
{ caelum > celu	
{ prātum > pratu	
{ āquilam > aquila	

Interessa observar que o fenômeno acima apresentado ocorreu com as vogais que passaram a ser tônicas no latim coloquial e em evolução espontânea, isto é, sem condicionamento de sons vizinhos.

Em posição átona, o sistema vocálico contrastava da forma seguinte:

Lat. clás.:	ī	ĩ	ē	(ae)	ē	ā	ā	ō	ō	ū	ū
Lat. col.:	i		e			a		o		u	

Exemplos: dīcendum > dicendo

{ pīcare > peccare
{ crēditorem > creditore
{ caepulam > cepulla
{ sēcurum > securo

{ sānativum > sanativo
{ mensām > mensa
{ āpertum > aperto
{ dōrmire > dormire
{ rūpendum > rompendo
{ cōlōratum > colorato
{ dūrāre > durare

Acrescente-se ainda que muitas vogais, em virtude do desaparecimento da quantidade vocálica clássica e, por conseguinte, o aparecimento do acento de intensidade, sofrem nova redução no próprio latim coloquial e tendem a suprimir-se ou sincopar-se (= queda das postônicas).

Exemplos: uĩrĩdem > vir(i)de, auriculam > *auric(u)la etc..

b) Consonantismo: O itálico continua, grosso modo, o sistema consonantal do indo-europeu (com o acréscimo das soantes líquidas e nasais que, nessa língua, passam a ser unicamente consoantes). Além disso, o itálico possui as aspiradas surdas, mas são elas resultantes do ensurdecimento das sonoras, como no grego. As aspiradas surdas do indo-europeu não ocorrem.

No latim, o sistema está muito mais simplificado. E como apresentava duas feições de língua, considerá-las-emos separadamente:

1) Latim clássico: Tomaremos como base os estudos de Hans Krahe¹⁸. Após uma análise das correspondências fonéticas e sua evolução do indo-europeu ao latim, elaborou um quadro do consonantismo. O acréscimo das líquidas l e r e das nasais m e n é nosso.

Ie.	p	t	k	q	q ^u -ph	th	kh	qh(q ^u -h)	b	d	ǵ	g	g ^u -bhdh	ǵhghg ^u -h(z)	(p)	r	l	m	n	
La.	p	t	c	qu					b	d	g	v	f	h	r	s		l	m	n

Partindo deste quadro e fundamentando-nos em conhecimentos fornecidos por romanistas como Edouard Bourciez,

Veikko VÄÄNÄNEN e Heinrich Lausberg, podemos traçar o seguinte esquema das consoantes simples:

		lab.	labiov.	alveod.	pal.	vel.	laringal
Oclusivas	su.	p	q ^w	t		(c)k	
	so.	b	g ^w	d		g	
Fricativas	su.	f		s			h
	so.		w(<u>u</u>)		y(<u>i</u>)		
Vibrantes	so.			r, l			
Nasais	so.	m		n			

Observações: a) A partir do século I a.C., o latim clássico adotou o z do dzeta grego (ζ). Foram introduzidas outrossim algumas consoantes aspiradas gregas que passaram a ser representadas por ch, th, ph, rh (de χ, θ, φ, ρ). Todavia, com raras excessões, permaneceram apenas para representar fonemas gregos inexistentes em latim. Sua vida era artificial e limitada.

b) As fricativas y e w do quadro, na realidade, são as semivogais, escritas na época, i e u respectivamente.

c) A laringal h, que era aspirada na época arcaica, acabou por perder tal aspiração mais ou menos na época de Cícero. Conservou-se artificialmente nas escolas e entre as classes cultas de Roma, talvez por imitação ao grego.

2) Latim coloquial: O sistema consonantal do latim coloquial era praticamente o mesmo do latim clássico, já que são a mesma realidade lingüística. Mas ocorrem algumas alterações:

a) A semivogal u(w) desde o século primeiro era uma fricativa bilabial que depois evoluiu para a fricativa la

biodental y, como em "ualente" que passou a ser pronunciado "valente". Tanto assim é, que, em consequência dessa inovação os fonemas [b] e [v] ([u]) mediais começaram a ser confundidos, conforme pudemos constatar até no primeiro documento do latim bárbaro-português (do latim bárbaro com tendências portuguesas): "serbus", "sibe", "tentaberit" por "servus", "sive", "tentaverit". A semivogal i(y) manteve-se na grafia, mas era pronunciada com acentuada palatalização. Aproximadamente "djy": yocare, yugu pronunciados "djyocare", "djyugu".

b) O h entre as classes populares devia ser inteiramente mudo. Era frequentemente omitido, como já se percebe nos documentos de Pompéia (século I): abeo, omo, oc etc..

c) O c(k) e o g palatalizaram-se antes de e e i, acabaram por constituir dois novos fonemas, ao menos em grande parte do território: tchelu(celu), dyelu(gelu).

Desta forma, o quadro das consoantes do latim coloquial seria:

		Labiais	Labiod.	dentais	palatais	vel.
Oclusivas	su.	p		t		k
	so.	b		d		g
Fricativas	su.		f	s	(c)	
	so.	w	(v)	(z)	y(g)	
	so.			r,l		
Nasais	so.	m		n		

Relativamente ao quadro acima é preciso observar:

a) A fricativa (c) representa o c palatalizado e o (g) representa o g palatalizado;

b) o (z) era utilizado somente em transcrições de palavras gregas;

c) a labiodental (v) representa a transformação da semivogal w (mas, a confusão na grafia reinou até na época do português arcaico).

A esta altura poderia ser levantada uma pergunta: este latim coloquial de que estamos tratando era idêntico ao da Lusitânia ou havia diferenças? Já tivemos oportunidade de salientar que havia leves diferenças. Na verdade, porém, não chegam a ser tão sensíveis que modifiquem o sistema fônico apresentado. Adotamos, por conseguinte, o mesmo sistema. Vejam-se para tanto as observações de Serafim da Silva Neto¹⁹.

3.3. O português arcaico

Parece-nos oportuno, antes de traçarmos os quadros das vogais e consoantes do português arcaico, tecermos al gumas considerações sobre a ortografia dessa época.

A história da ortografia pode ser dividida em três períodos:

a) o fonético (do século XII com os primeiros documentos redigidos em português até o século XVI) é a época dita também do "português arcaico";

b) o pseudo-etimológico (do século dezesseis, em que se começa a usar o critério do respeito às letras originárias da palavra, embora não representem valor fonético, ao início do século XX);

c) o histórico-científico ou simplificado (do início do século, quando surge a "nova ortografia", até nossos dias).

Tal colocação é importante, pois, no período fonético, o do português arcaico, os escritores e os copistas visavam a facilitar a leitura, dando ao leitor a impressão, tanto quanto possível exata, da língua falada. Dada esta preocupação de escrever foneticamente os sons das pa-

lavras e vista a multiplicidade de sons novos não existentes no latim, foram adotadas muitas velhas grafias ou inventadas outras novas. Leve-se em conta ainda a fisiologia de cada escriba e mesmo as diferenças regionais, além de outras causas. Em consequência, já que não havia um padrão uniforme na transcrição das palavras, o mesmo som pode aparecer grafado de diferentes maneiras bem como sons diferentes da mesma maneira e isto até no mesmo texto. Os exemplos são múltiplos como: alguo por algo, cinquo por cinco, agia por aja, iulgar por julgar, rex por reis etc..

Mais especificamente para as nasais: confusão entre m, n e til²⁰: ãno e año por anno, camího por caminho, cimco por cinco, grãde por grande, hõe por homem, poner por põer(arc.), saom por são(de sanu), senpre por sempre, tẽpo por tempo etc..

E ainda:

a) o til, às vezes, era substituído por dois acentos agudos sucessivos sobre duas vogais iguais sucessivas: nẽ ũũ, bõõ algũũ por nẽ ũu, bõo, algũu (TA, p. 16, 38, 39 respectivamente);

b) o m e o n no ambiente ____ C (isto é, seguidos de consoantes) eram usados para nasalizar a vogal anterior e indistintamente. Daí exemplos como: primçepes e principes (TA, p. 42), numca e nu(n)qua, nunca (TA, p. 42, 15 e 18), campo e cãpo (TA, p. 60) tenperada, dizemdo (TA, p. 61 e 42) etc.;

c) pelo século XIII, o -m final usado para indicar a nasalização da vogal final, tomou o lugar do -n. Tal fenômeno deve ter ocorrido, por imitação da ortografia latina, em monossílabos da legal, como: tam, quam, quem, rem. Daí: coraçom (p. 29), perdiçom (p. 30) entom (p. 30), rrazum (p. 37), mandarom (p. 43) etc. todos extraídos de "Textos Arcaicos" de José L. de Vasconcellos;

d) com o valor de nh encontramos ni e n. Por imitação ao espanhol até aparece -nn-: tenea > t̃ia > tiinha (CrA, p. 339, 23) e no galego vyña e dineyros (TA, p. 111) etc.;

e) em posição inicial não havia problemas: mao (de malu), meo (de mediu), m̃ia (de mea), nunca (de nunca), nom (de non) etc. (TA, p. 18, 60, 107, 18, 28 respectivamente).

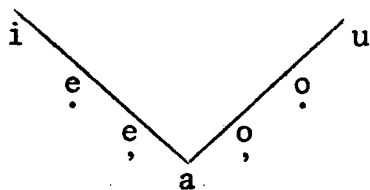
Feitas essas considerações, resta-nos traçar o quadro das vogais e consoantes.

1) Vocalismo: Como já dissemos, desaparecida a quantidade no latim, as vogais passaram a distinguir-se somente pelo timbre. Conservou-se, entretanto, o acento. Em decorrência, temos vogais tônicas e vogais átonas.

As vogais tônicas passaram ao português arcaico com o mesmo valor do latim coloquial. Isto pode ser percebido no seguinte esquema:

Latim coloquial:	a	e	e	i	o	o	u
Português arcaico:	a	e	e	i	o	o	u

A representação fonética também obedece à do latim coloquial:



As vogais em posição átona, as que persistiram ou não foram substituídas por outras, mantêm o mesmo som que as tônicas, ainda que com um leve enfraquecimento, na maioria das vezes.

Exemplos: Tristam, cativos, tiinham, fin;
 feze, gente, homões, fee;
 soo, doo, como, espanto, nom;
 ventura, algũa, Portugal.

Note-se que as consoantes nasais m e n nasalizam a vogal tônica com que se acham em contato matizando-a com um timbre fechado: confonder ou cofonder, bẽ, mão, mundo etc.. Tal assunto será tratado nos capítulos quinto e sexto.

O vocalismo português arcaico apresenta uma série de caracteres que achamos interessante arrolar antes de entrarmos no consonantismo²¹:

a) O e e o o não constituíam semivogal. Palavras como mao e quaes, resultantes da queda do l intervocálico, não formavam ditongo;

b) Também não havia ditongos nasais (exceto ũi em muinto). Assim os plurais de -on, -an, -ão, -ãa eram divididos formando sílabas: pã-es, mã-os, lou-çã-as etc.;

c) A passagem do i (âtono) latino para e manteve-se regularmente no português arcaico. É o que podemos constatar nos Cancioneiros e nos documentos em prosa: vertude, enveja, sacrefício, ministro, devisa, devino, vezinho, contenença, etc.. Analogicamente temos também tevera, tever, fezesse etc.;

d) A presença de -om (hoje -ão) nas desinências verbais de 3^a pessoa do plural onde no latim aparecia -unt, bem como em vocábulos da 3^a declinação latina: amãrom, houvérom, quisérom; ao lado de sermon, açom, coraçom;

e) A permanência das nasais como em: pessõa, põer, lũa, tẽer e testemõia, võo, vizõo, dẽeiro, que depois desapareceram como em: peessoa, por, lua, ter, ou originaram outros sons como: testemunha, vinho, vizinho, dinheiro;

f) A existência de numerosos hiatos entre vogais

(resultantes de quedas de consoantes) que posteriormente sofreram crase: creer depois crer, caente depois quente, geeral depois geral, poboo depois povo etc.;

g) Apesar das alterações fonéticas, a língua arcaica era pobre em ditongação (ao menos, mais pobre que a clássica e a moderna). A ditongação veio depois, com o Renascimento. Os grupos como *creo*, *meo*, *cea* (de *cena*), somente depois do século XVI é que ditongam: *creio*, *meio*, *ceia* etc..

2) Consonantismo: o consonantismo do latim coloquial mantém-se quase que inalterado no português arcaico, afora uns acréscimos devidos à evolução. O quadro das consoantes pode então ser assim traçado:

		bilab.	labiod.	alveod.	palatais	velares
Oclusivas	su.	p		t		q(k)
	so.	b		d		g
Fricativas	su.		f	s(ss)	x	
	so.	(w)	v	z	j(y)	
	so.			r(rr)		
	so.			l	(lh)?	
Nasais	so.	m		n	(nh)?	

Dado o objetivo do trabalho, elaboramos os quadros das vogais e das consoantes sem fazer uma análise descritiva dos sons com apresentação de pares mínimos, estudo dos pares problemáticos etc.. Já que tencionamos apenas dar uma visão dos sistemas fônicos, limitamo-nos em resumir ou fazer a citação de estudos já efetuados por linguistas-filólogos de reconhecida competência.

Para completar nossa resenha, devemos apresentar os principais caracteres fonéticos do consonantismo, como fizemos com o vocalismo:

a) o s-, final de palavra ou de sílaba ou mesmo dobrado medial, era pronunciado surdo; sonoro, se antes de consoantes sonoras ou intervocálico; tç era o som do ç antes de e ou i; ç também era a pronúncia do z final ou antes de consoante surda, nos demais casos soava dz;

b) o ch e o x deviam ser pronunciados respectivamente tch e ch;

c) o j e o g (seguidos de e ou i), pelo que consta, soavam como hodiernamente (isto é, como palatais) e não dj. Portanto, veja, enveja (de video e invidia);

d) os grupos nh e lh (aparecia também ll), seguidos de interrogação no nosso quadro de consoantes, talvez não fossem pronunciados como palatais. É que provavelmente a semivogal latina i dos grupos -ni- e -li- intervocálicos, ainda não se havia palatalizado²².

3.4. Conclusões

a) Uma série de correspondências entre as línguas ditas indo-européias nos atestam a existência de uma protolíngua convencionalmente denominada indo-europeu.

b) O confronto dos sistemas fônicos das línguas indo-européias, pelo método histórico-comparativo, permite deduzir que em todas elas há um sistema-base único (segundo os comparativistas, o do indo-europeu).

c) Este mesmo sistema fônico vê-se continuado no sistema latim-português arcaico.

d) O contexto fônico em que aparecem as nasais é o mesmo (com pequenas alterações) do indo-europeu ao português arcaico.

NOTAS

14. MEILLET, A.. Introduction à l'Étude Comparative des Langues Indo-Européennes. 8^a edição, Paris, 1937, p. 35. Apud Ernesto Faria, 1970, p. 12.
15. PISANI, Vittore. Glottologia Indeuropa. 1949, p. 12.

16. A denominação línguas satem (satam) e línguas centum (pronúncia kentum) surgiu do diferente tratamento da do às palatais (k^i , g^i , gh^i transcritas também k' , g' , gh' ou ainda, pelos lingüistas alemães: \hat{k} , \hat{g} , \hat{gh}). Graziadio Isaia Ascoli, em seu livro: Lezioni de Fonetologia Comparata del Sanscrito, del Greco e del Latino. Torino, 1870, fazendo um estudo de pesquisa sobre as sonoras e as aspiradas, postula o seguinte esquema:

1) k^i	2) k^i (posterior)	3) k^y
g^i	g^i (posterior)	g^y
gh^i	gh^i (posterior)	gh^y

A série 1) constitui as palatais: k^i , g^i , gh^i (transcritas também k' , g' , gh' e \hat{k} , \hat{g} , \hat{gh} ;

A série 2) são as velares puras (posteriores) transcritas: q ., g ., gh .;

A série 3) são as labiovelares: k^y , g^y , gh^y cuja transcrição é: q^u , g^u , g^uh ou q^w (raramente k^w), g^w , g^wh .

Formou-se desta feita uma bipartição: de um lado, as línguas nas quais as primitivas palatais (aquelas guturais com aproximação palatal processada por uma fricativa parasita, segundo Ascoli) passam a SIBILANTES e confundem as demais séries em guturais: do outro lado, as línguas indo-européias em que as primitivas palatais passam a VELARES PURAS.

De acordo com o aspecto assumido pela antiga palatal

na palavra 100 (cem) temos então as línguas satem (= SIBILANTES) a que pertencem as línguas árias e eslavas: indo-irânico (= sânscrito), armênio, albanês, balto-eslavo, trafidico, lituano, antigo búlgaro; as línguas kentum (= VELARES PURAS): grego, itálico (latim e osco-umbro), celta, germânico, macedônico, hitita e tocário. O sânscrito (indo-irânico) considerado língua satem, ocupa posição "sui generis".

Deve-se observar, no entanto, que os grupos satem e kentum distinguem-se apenas por razões de praticidade. A bipartição não tem mais funcionalidade, ao menos geográfica, após a descoberta do tocário (no Turkestão) e do hitita (na Ásia Menor) e ambas de caráter kentum. A divisão não corresponde, como já se acreditava em determinada época, a antigas divisões dialetais do indo-europeu (Apud: CURI, José. Apontamentos de Linguística Histórica. (s.e.), 1976, p. 14-15).

17. KRAHE, Hans. Linguística Indoeuropea. 1953, p. 70.
18. KRAHE, Hans. *ibidem*, p. 94.
19. NETO, Serafim da Silva. História da Língua Portuguesa. 1970, p. 175-221.
20. O -n- intervocálico latino, na passagem para o português arcaico, atenuou-se nasalando a vogal precedente. Tal -n- era representado ortograficamente por uma forma menor superposta à vogal. Esta é a origem do sinal diacrítico (̃). Cfr. GUÉRIOS, Mansur. Pontos de Gramática Histórica Portuguesa. 1942, p. 119-120.
21. Para os caracteres fonéticos quer do vocalismo, quer do consonantismo do português arcaico sumariamos ou parafraseamos os já traçados por três autores:
 - a) Fernando Fonseca, 1959, p. 65-67;
 - b) Correa de Oliveira e Saavedra Machado, 1964 p.1-2;
 - c) José J. Nunes, Crestomatia Arcaica. 1959, p. XII-LI.

22. Esta é a opinião de Elza Paxeco, citada por Fernando Fonseca, *ibidem*, p. 67.

4. NOÇÕES SOBRE A TEORIA GERATIVA TRANSFORMACIONAL

4.1. O mecanismo

A teoria gerativa transformacional, nascida em 1957 com a obra "Syntactic Structures" de Noam Chomsky e aperfeiçoada, em 1965, com "Aspects of the Theory of Syntax" pelo mesmo autor, além de outras complementações trazidas depois por diversos lingüistas, supomo-la elementarmente já conhecida. No entanto, o teor do nosso trabalho exige certas noções fundamentais a fim de melhor ser entendido.

O nosso objetivo visa somente à fonologia. Mas para termos uma idéia de conjunto, faremos inicialmente umas considerações gerais sobre a teoria toda, onde se enquadra a fonologia.

Chomsky tencionou construir um modelo explícito do mecanismo (= competência) que o falante-ouvinte de determinada língua possui, o que lhe faculta:

- a) produzir frases bem-formadas e novas, quando e quantas quiser;
- b) compreender e reconhecer frases bem-formadas, bem como reconhecer as frases ambíguas;
- c) reconhecer frases normais, ainda que incompreensíveis;
- d) reconhecer frases mal formadas²³.

Para tanto, partindo da premissa de que a linguagem, apanágio do ser humano, é inata e universal, postula uma gramática universal que deverá conter todas as informações lingüísticas que restringirão as particulares. Tal gramática conterà um conjunto de informações universais sobre a fonologia, a semântica e a sintaxe.

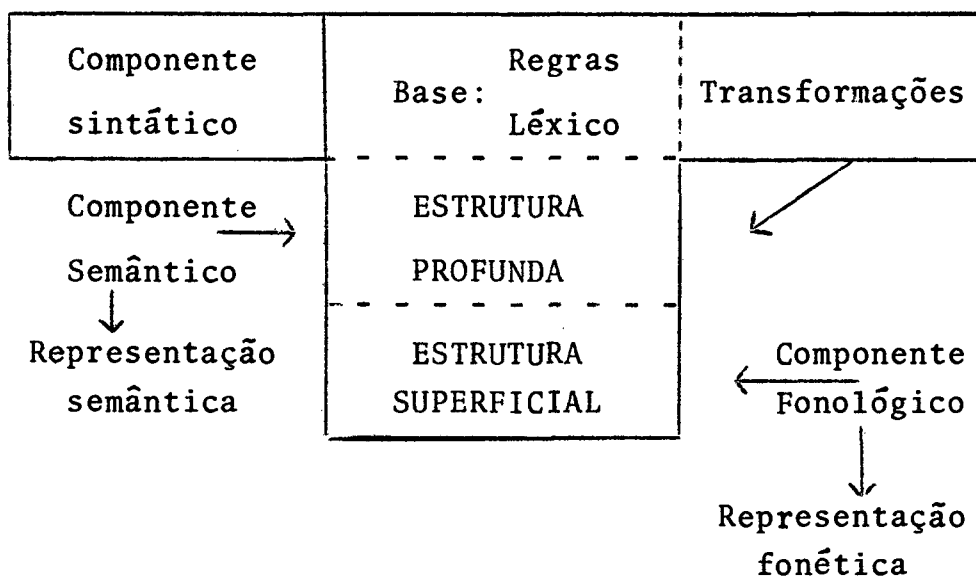
A língua para ele é um conjunto de frases dotadas de uma forma fonética ideal e de uma interpretação semântica. Daí a gramática de uma língua ser concebida como um

sistema de regras que especifiquem essa correspondência entre som e sentido.

O mecanismo construído (ou modelo de competência que liga certos sons a determinados significados, é constituído de três componentes:

- 1) componente sintático - que fornece as descrições estruturais das frases;
- 2) componente semântico - que assinala a cada frase o seu sentido;
- 3) componente fonológico - que atribui a cada frase a sua pronúncia.

Esquemáticamente podemos delinear o mecanismo da seguinte forma:



Pelo que podemos perceber, os componentes semântico e fonológico são apenas interpretativos. Aplicam-se sobre as frases fornecidas pelo componente sintático atribuindo-lhes um sentido e uma pronúncia. Isto porque o mecanismo funciona da seguinte maneira: o componente sintático, pelas suas regras de base, gera uma seqüência de morfemas gramaticais e lexicais, dotados de uma categoriza-

ção sintática, (geralmente) em forma de árvore diagramática. Isto constitui a ESTRUTURA PROFUNDA da frase e contém toda a informação sintática concernente à interpretação semântica. Sobre a ESTRUTURA PROFUNDA aplicam-se as transformações (ou regras transformacionais) convertendo a ESTRUTURA PROFUNDA, que é abstrata, em ESTRUTURA SUPERFICIAL, concreta. É sobre a ESTRUTURA SUPERFICIAL que se aplica o componente fonológico para finalmente termos a saída fonética. Toda a informação gramatical da ESTRUTURA SUPERFICIAL de ordem morfológica ou sintática fica à disposição necessariamente para a descrição dos processos fonológicos²⁴. É daqui que partiremos, não nos interessando pela primeira parte da teoria.

4.2. Tópicos de fonologia

a) A teoria gerativa, no seu aspecto fonológico, envolve também a semântica e a sintaxe. Muitos fenômenos fonológicos encontram sua explicação na sintaxe. E mesmo devemos dizer que as regras atuantes no interior da palavra podem também operar no interior da locução, mas sempre obedecendo a um "ciclo fonológico", isto é, de forma ordenada, aplicando-se o conjunto de regras dos elementos menores aos maiores e depois aos elementos do nível imediatamente superior, seguindo sempre uma escala hierárquica.

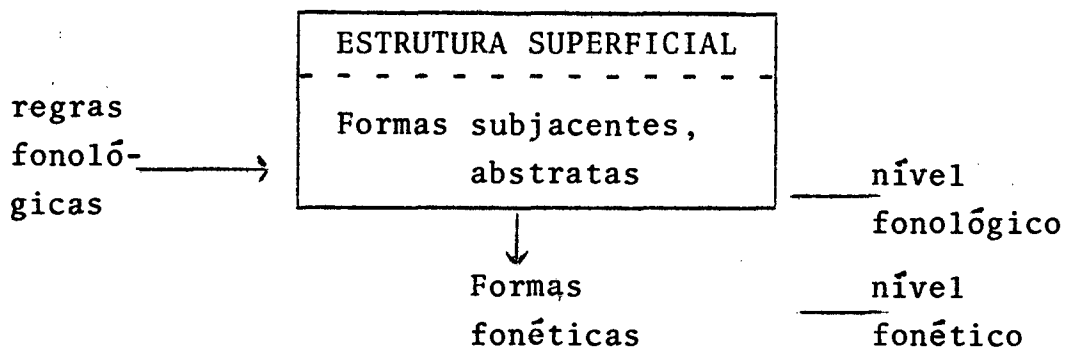
b) A ESTRUTURA SUPERFICIAL, saída do componente sintático contém morfemas lexicais e certos morfemas gramaticais representados por seqüências de segmentos fonológicos (= traços distintivos). Tais traços constituem um conjunto universal, isto é, para descrever dada língua, devem os traços ser colhidos de uma fonética universal. Portanto, os traços serão tomados à classe natural dos sons, como anterior, alto, vocálico etc. e caracterizados pela binariedade, isto é, pelos valores positivo e negativo. Em vez de dois rótulos como, "anterior" e "posterior"

rior" estabelecer-se-ã somente um traço distintivo, [anterior]; os sons anteriores podem, então, ser especificados como [+anteriores] e os posteriores como [-anteriores] e assim por diante.

"Esta forma de tratamento dos traços simplifica enormemente a descrição estrutural, possibilitando uma formalização da gramática: dois objetivos inerentes à teoria lingüística universal"²⁵. Entenda-se, porém, simplicidade como atinente a grau de generalização.

Poderíamos agora perguntar: todos os traços distintivos nos dão condições de interpretação binária? Roman Jakobson foi quem deu a resposta afirmativa, mas não completa. Estudos posteriores alteraram significativamente a posição do lingüista russo: há dois tipos de traços, os fonológicos e os fonéticos. Somente os fonológicos são estritamente binários, enquanto que os traços do nível fonético não o são necessariamente. Os traços do nível fonológico é que se constituem na base para a aplicação dos mecanismos (= regras fonológicas) que nos darão as representações fonéticas²⁶. Na opinião do Prof. Dário²⁷: "no fundo, podemos admitir que a representação fonológica consiste numa representação fonética livre de redundâncias".

Em síntese, percebem-se na fonologia gerativa dois níveis de representação fonológica: o primeiro, subjacente ou abstrato, sobre o qual se aplicam as regras fonológicas sucessivamente; o segundo, derivado e concreto, que fornece as representações fonéticas. Esquemmatizando:



c) Nosso estudo, como frisamos no item anterior, parte da fonética universal, numa tentativa de aplicação ao português arcaico. Para tanto, devemos salientar que na teoria fonológica é fundamental o fato de que a elocução constitui-se de uma seqüência de segmentos distintos. Tais segmentos não são entidades indivisíveis, mas compostos de conjuntos de propriedades ou traços distintivos. Assim nossa análise busca saber como tais traços são organizados na caracterização de determinada língua, ou mais especificamente, do português em sua fase arcaica.

Neste nosso intento, não poderemos lançar mão dos traços fonéticos arbitrariamente, mas tomar os segmentos e compará-los através de suas semelhanças e diferenças, a fim de averiguarmos quais os traços mais adequados. Sanford Schane²⁸ acha que, para serem adequados, os traços deverão preencher pelo menos três funções:

- 1) ser capazes de descrever uma função fonética;
- 2) em nível mais abstrato, servir para diferenciar itens léxicos - uma função fonológica;
- 3) definir classes naturais, isto é, os segmentos que como um grupo, sofrem processos fonológicos semelhantes.

Em decorrência disso, devem ser visualizados dois tipos de traços:

a) os que aparecem em pares (= dígitos binários) e se referem às diferenças fundamentais em que se estabelecem junto à saída sintática, como: [⁺sonoro], [⁺nasal] etc.;

b) os que representam valores numa escala, como: alta, média, baixa, em relação à articulação de sons vocálicos, e assim por diante.

Isto posto, podemos partir para a nossa análise. Sabe-se que a silabicidade, a sonoridade e o tipo de construção podem indicar as semelhanças e diferenças entre

vogais e consoantes, donde os traços [silábico], [soante] e [consonantal] (isto em línguas como o português, o latim, o grego etc. em que o ápice é vocálico, como veremos no capítulo quinto). [Silábico] é o traço caracterizante do papel desempenhado por um segmento na estrutura da sílaba. De modo geral, o traço [+silábico] caracteriza as vogais, ao passo que as consoantes são [-silábicas]. O mesmo traço caracteriza as líquidas e nasais silábicas como [+silábicas], enquanto que [-silábico] marca suas correspondentes não-silábicas (é o caso do indo-europeu em nosso estudo). O traço [soante] expressa uma qualidade de ressonância muito próxima às vogais. Assim, as vogais são sempre [+soantes], como também as semivogais, as nasais e as líquidas, ao passo que as obstruintes - oclusivas e fricativas (africadas e glides laríngeos) são [-soantes]. O traço [consonantal] refere-se a uma forte constrição na cavidade bucal (oclusão total ou fricção). Os segmentos oclusivos, fricativos, nasais e líquidos são [+consonantal]; as vogais e semivogais, [-consonantal].

Os traços [silábico], [soante] e [consonantal] distinguem, portanto, as classes maiores de sons. Vejamos a seguir um esquema:

	silábico	soante	consonantal
Vogais	+	+	-
Semivogais	-	+	-
Nasais e líquidas sil.	+	+	+
Nasais e líquidas	-	+	+
Obstr. da cav. bucal (oclusivas e fricat.)	-	-	+

d) No português arcaico, as vogais sempre ocupam cen

tro de sílaba, por isso caracterizam-se pelo traço [+silábico]. Como vimos no capítulo precedente, possuía ele os seguintes segmentos vocálicos básicos:

i e ε a o ɔ u

As diferenças e as semelhanças entre eles podem ser demarcadas através de um conjunto de traços distintivos, fundamentados no papel desempenhado pela língua e pela forma tomada pelos lábios.

Quanto ao papel da língua, temos:

1) o traço [+posterior] referente aos sons articulados na parte posterior da língua, como: [u], [o], [ɔ], [a] e o traço [-posterior] para os sons articulados na parte anterior da língua, como: [i], [e], [ε];

2) o levantamento e o abaixamento da língua caracterizam os sons silábicos com o traço:

[+alto] quando a emissão produz um levantamento da parte anterior ou posterior da língua, como: [i], [u];

[+baixo] se os sons são produzidos com abaixamento da língua, como: [a], [ε], [ɔ];

[-alto] e [-baixo] quando há apenas um levantamento e um abaixamento parciais de porção da língua, como [e], [o].

Relativamente à forma tomada pelos lábios, temos o traço [arredondado]. Serve ele para a distinção entre os segmentos [a] e [ɔ], marcados ambos pelo traço [+posterior] e [+baixo]. Desta forma,

[+arredondado] caracterizará o som produzido com arredondamento dos lábios: [ɔ];

[-arredondado], sem o arredondamento dos lábios: [a].

Resumindo: os traços [posterior], [alto], [baixo] e [arredondado] formam a matriz dos sons silábicos, que para fins de simplicidade e formalização, passaremos a abreviá-los respectivamente em: [+post] e [-post], [+alt] e

$[-alt]$, $[+bax]$ e $[-bax]$, $[+arr]$ e $[-arr]$.

Antes de elaborarmos um esquema da matriz de traços dos sons silábicos, devemos lembrar que certas marcações de valores podem levar a redundância, como: $[i]$ e $[u]$ que são altos e baixos ao mesmo tempo. Por isso, para o nosso estudo consideraremos somente os traços que não são redundantes.

Para o português arcaico teremos então:

	i	e	ɛ	a	ɔ	o	u
Post	-	-	-	+	+	+	+
Alt	+	-				-	+
Bax		-	+	+	+	-	
Arr				-	+		

Obs.: Os espaços vazios constituiriam as redundâncias.

Teríamos agora condições de avançar mais na análise do sistema silábico, como, desenvolver notações etc., dadas porém, as restrições deste capítulo, limitamo-nos ao estrito necessário para o entendimento da formalização das regras fonológicas.

e) Já caracterizamos as consoantes com os traços $[-silábico]$, $[-soante]$ e $[+consonantal]$ e as diferenciamos das vogais, semivogais, líquidas e nasais. Passaremos agora a diferenciar os sons consonantais entre si (evitando qualquer redundância), utilizando os três critérios tradicionais: modo de articulação, ponto de articulação e função das cordas vocais.

1) O modo de articulação será representado pelo tra

Obs.:

A) As redundâncias naturais foram marcadas com 0;

B) Por vezes, essas redundâncias tornam-se necessárias à descrição estrutural.

f) Temos ainda à nossa consideração as líquidas e nasais, assinaladas por uma ressonância na cavidade bucal (ou nasal). São elas marcadas por traços como [⁺silábico], [⁺soante], [⁺consonantal].

Assim, diferenciam-se duas vogais pelo traço [+cons] e das consoantes pelo traço [+soante]. Observe-se também a distinção que deve ser feita entre as líquidas e as nasais e as líquidas e nasais silábicas. No nosso estudo, isto só acontece no indo-europeu. O traço que as distingue é [-sil] para as líquidas e nasais e [+sil] para as líquidas e nasais silábicas. Daqui em diante, ocupar-nos-emos simplesmente com as líquidas nasais, cujas propriedades serão: [-sil], [+soan] e [+cons].

Para o português arcaico, os segmentos são os seguintes:

l (l̃) r r̃ m n (ñ)

Os segmentos [l̃] e [ñ] são postos entre parênteses por causa da problemática de sua existência ou não na fase arcaica do português.

Tais segmentos podem ser caracterizados pelos traços (a questão séria do distribucionalismo não será levada em conta por nada acrescentar ao nosso objetivo):

1) [+nasal] quando há ressonância na cavidade nasal.

Daí:

[+nasal] serão os segmentos [m], [n] e [ñ];

[-nasal], os segmentos [l], [l̃], [r] e [r̃].

2) [+lateral] quando a língua obstrui a corrente de ar. Assim teremos:

[+lateral] para os segmentos [l] e [l̃];

$[-\text{lateral}]$ para os segmentos $[r]$ e $[\tilde{r}]$, marcados por uma vibração da ponta da língua nos alvéolos.

3) $[\text{coronal}]$, conforme vimos, caracteriza sons articulados na parte central da cavidade bucal. Portanto, serão:

$[\text{+coronal}]$ os segmentos $[l]$, $[\tilde{l}]$, $[r]$, $[\tilde{r}]$, $[n]$ e $[\tilde{n}]$; enquanto que $[-\text{coronal}]$ será o segmento $[m]$.

4) $[\text{anterior}]$ é o traço característico dos sons articulados na parte anterior da cavidade bucal, também já visto. Destarte, os segmentos $[l]$, $[r]$, $[m]$ e $[n]$ serão $[\text{+anterior}]$, ao passo que os segmentos $[\tilde{l}]$, $[\tilde{r}]$ e $[\tilde{n}]$ serão $[-\text{anteriores}]$.

Deste modo, já se torna possível traçar um esquema da matrizes da líquidas e nasais (a partir deste ponto, a breviaremos os traços $[\text{nasal}]$ e $[\text{lateral}]$ em $[\text{nas}]$ e $[\text{lat}]$ respectivamente):

	l	\tilde{l}	r	\tilde{r}	m	n	\tilde{n}
nas	-	-	-	-	+	+	+
lat	+	+	-	-	0	0	0
cor	⊕	⊕	⊕	⊕	-	+	+
ant	+	-	+	-	+	+	-

Relativamente ao esquema acima devemos observar:

a) As redundâncias são mantidas, pois, às vezes, tornam-se necessárias à descrição estrutural;

b) Os segmentos $[\text{+nas}]$ não são marcados com o traço $[\text{lat}]$ porque não possuem tal propriedade;

c) O traço $[\text{+ant}]$ marca a vibração múltipla e contínua do segmento $[r]$, mais próxima dos alvéolos, enquanto

que o traço [-ant] caracteriza o segmento [r̃], com vibração simples e não contínua, mais próxima da região palatal²⁹.

g) Finalmente torna-se necessário o acréscimo do traço prosódico [tônico] (abreviaremos [ton]), pois a tonicidade, por vezes, atua nas transformações. Assim:

a) [+ton] designará um segmento [+sil] com tonicidade;

b) a ausência de tonicidade num segmento [+sil] será representada pelo traço [-ton]³⁰.

4.3. Conclusões

1) A teoria gerativa postula uma gramática universal que possua todas as informações lingüísticas que restringem as particulares.

2) Tal teoria interpreta adequadamente os processos fonológicos fazendo a distinção entre dois níveis de descrição: o fonológico e o fonético, explicando sua interligação. Isto a torna válida na aplicação das regras fonológicas do nosso estudo das nasais.

3) A mesma teoria, no seu aspecto fonológico, envolve também a semântica, a morfologia e a sintaxe.

4) Os traços distintivos baseiam-se numa fonética universal, podendo ser articulatórios ou perceptuais, sempre caracterizados pela binariedade (no nível fonológico), isto é, pelos valores positivo e negativo.

5) Tais propriedades ou traços devem caracterizar seja as diferenças fonéticas entre as línguas, seja as variantes fonéticas no âmbito de uma mesma língua.

6) Um conjunto de traços deve definir as classes naturais apropriadas à formulação das alterações fonológicas responsáveis pelas saídas fonéticas.

7) Houve em nosso estudo uma tentativa de formular matrizes de traços que atendam à nossa análise dos processos nasais do latim ao português arcaico.

NOTAS

23. CHOMSKY, Noam. Aspects of the Theory of Syntax. Cambridge, Mass.: The M.I.T. Press, 1965, p. 4.
24. O que até aqui resenhamos colhemo-lo em:
 a) Noam Chomsky, ibidem;
 b) Dário Deschamps, Mecanismos Nasais do Português. 1976;
25. DESCHAMPS, Dário. Mecanismos Nasais do Português. 1976, p. 39.
26. CHOMSKY, Noam e HALLE, Morris. The Sound Patterns of English, 1968, p. 297-9.
27. Dário Deschamps, ibidem, p. 40.
28. SCHANE, Sanford A.. Fonologia Gerativa. 1975, p. 46.
29. Sanford Schane, ibidem, p. 55, utiliza o traço [+tenso] e [-tenso]. Preferimos usar o traço [+ant] e [-ant], seguindo a opinião do prof. Dário Deschamps, 1976, p. 63-64, por nos parecer mais lógico.
30. O item "Tópicos de Fonologia" esteve baseado primordialmente na dissertação do prof. Dário Deschamps, capítulo segundo. Estiveram também ao nosso lado a obra "Fonologia Gerativa" de Sanford Schane, Aspects... de Noam Chomsky, resumos de aulas de pós-graduação, além de outros. A visão diacrônica pauta-se em "Aspectos da Fonologia Portuguesa" de Maria Helena Matheus, "Estudos Diacrônicos" de Anthony J. Naro, "Linguistic Universal and Linguistic Change" de Paul Kiparsky e "The Portuguese Nasal Vowels: Phonetics and Phonemics" de Antônio Almeida.

5. OS SISTEMAS NASAIS

No capítulo terceiro tivemos uma visão geral dos sistemas fônicos do indo-europeu ao português arcaico. É nesse contexto que se enquadram os sistemas nasais de cada uma das línguas. Neste capítulo, faremos uma análise específica de cada um dos sistemas nasais, procurando evidenciar os fatos em si, mesmo em caso de evolução.

5.1. Do indo-europeu

O sistema fonético indo-europeu, segundo verificamos no capítulo terceiro, comportava três classes de fonemas: vogais, soantes e consoantes. Observe-se que as soantes são fonemas instáveis, funcionando ora como vogais, ora como consoantes, segundo apresentem vibrações glotais como as vogais ou um fechamento maior dos órgãos articulatórios como as consoantes. A esta categoria pertencem as semivogais (i, u), as líquidas (r, l) e as nasais (m, n).

As líquidas e as nasais obedecem aos mesmos processos na sua evolução, seja para o itálico, seja para o latim. Todavia, em nossa dissertação não estudaremos as líquidas para não nos distendermos demasiadamente. Preocupar-nos-emos pormenorizadamente apenas com as nasais.

Segundo afirmamos acima, as soantes nasais indo-européias podiam ser consoantes ou vogais, donde o nosso estudo de umas e de outras.

5.1.1. m e n consoantes

O indo-europeu possuía:

a) a consoante nasal bilabial m, que podia ocorrer na composição da sílaba precedendo ou seguindo um segmento [+sil] quer no começo, quer no meio, quer no fim da palavra.

Exemplos: *mātér (mãe), *domu-s (da raiz *dem- "construir"), *nom̄ (nome), *eḱuom (lat. equum = cavalo), *smei- / *smi- (= sorrir), *gṛnom (grão), *dhumōs (fumo) etc..

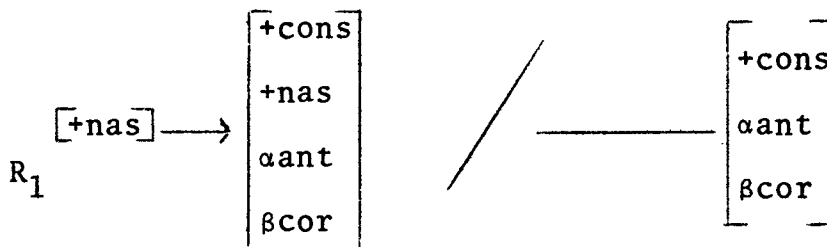
Como início de sílaba, portanto, mantinha-se inalterável.

b) a consoante nasal linguodental n, podendo ocorrer em começo ou fim de sílaba, quer no início, no meio ou no fim do vocábulo (mantém-se inalterada na evolução para as línguas ditas indo-européias).

Exemplos: *nōm̄ (nome), *noqt (noite), *nepōt (neto), *dōnom (dom, presente), *ten- (tender, estirar).

Como final de sílaba postulamos um segmento nasal genérico que pode ocorrer em ambiente V(C)_____C ou em ambiente V(C) _____ ~~#~~ da palavra. Como veremos no decorrer da dissertação, tal segmento ocorre também em limite de morfema maior (= raiz) e em limite de morfema menor (= prefixos, sufixos, infixos, vogal temática etc.). Apresenta ele uma dupla propriedade: converte-se em [m], [n], [ñ], [ŋ] de acordo com o fonema seguinte pois, torna-se homorgânico; confere uma ressonância nasal à vogal precedente.

1) Quando medial, em ambiente V(C)_____C, torna-se homorgânico ao fonema seguinte e possivelmente confere nasalidade à vogal precedente. O primeiro fenômeno pode ser formulado na seguinte regra:

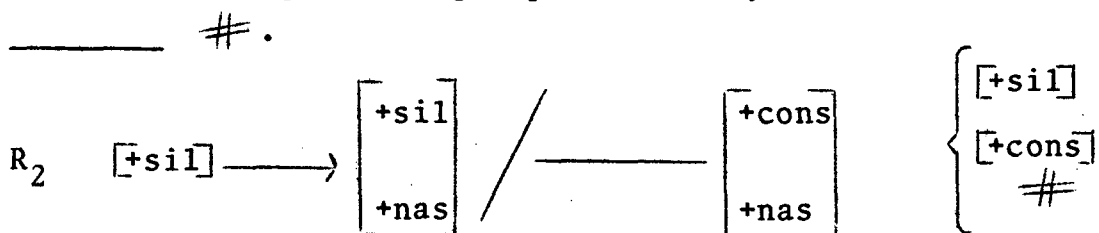


Leia-se: uma nasal (= segmento genérico) reescreve-se como consoante nasal, anterior ou não, coronal ou não (= m, n, ñ ou ŋ) quando seguida de consoante anterior ou

não, coronal ou não³¹.

Tal comportamento nos é testemunhado pelas línguas dotadas de sistema gráfico especial para tal peculiaridade, como o sânscrito, onde encontramos η ante guturais, \tilde{n} ante palatais, η ante cerebrais; o grego evidencia o mesmo comportamento em palavras como ἄγγελος (anjo, mensageiro); diga-se o mesmo do gótico, onde aparece g diante de guturais. O próprio latim nos oferece exemplos elucidativos como: ie. *q^u-enq^u-e por *penq^u-e dando em latim quinque (= cinco)³². Veja-se também o problema do agma no item 5.2..

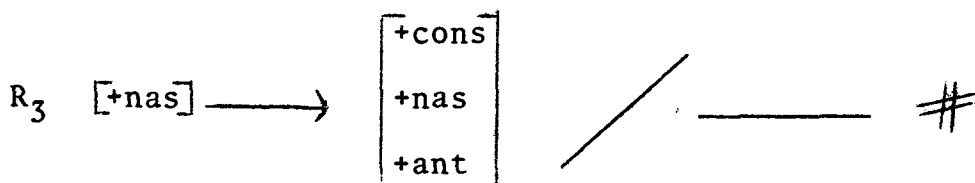
Quanto ao fenômeno da nasalação da vogal precedente, falta-nos documentação comprobatória privando-nos da possibilidade de formalizarmos afirmações categóricas. A grafia dos documentos pode ser: etimológica, atentando para a origem da palavra, ou fonética, procurando reproduzir fielmente a pronúncia. Embora o segundo critério seja o mais comum, temos a certeza de que a ortografia nessa época não tinha condições de demonstrar claramente se as nasais, seja neste ambiente, seja em ambiente final de palavra influenciavam a vogal precedente. (os documentos referem-se aqui às línguas indo-européias, pois, da protolíngua não possuímos documentos). No entanto, ante o fenômeno da distensão da nasal, tornando-se homorgânica ao som seguinte, somos levados a supor igualmente uma influência do som nasal sobre a vogal precedente, imprimindo-lhe uma leve ressonância nasal, fenômeno verificado posteriormente na continuidade para as demais línguas indo-européias. Tal hipótese de regra poderia ser assim formalizada, englobando também a nasalação da vogal precedente quando em ambiente



Leia-se: uma vogal torna-se nasal quando seguida de

consoante nasal precedendo consoante ou vogal no interior ou no final do vocábulo.

2) Quando em final de palavra. Neste ambiente, não possuímos documentação que fundamente a transformação em -m ou -n ou pelo menos, a representação gráfica do segmento genérico em -m e -n. Há línguas como o grego, que possuem apenas a representação -n em final de palavra. Acreditamos, em todo caso, tenha sido a elocução a responsável por tal convenção, ao menos na escrita. De qualquer maneira, no indo-europeu o fenômeno pode ser formalizado da seguinte maneira:



Leia-se: uma nasal (= segmento genérico) reescreve-se como consoante nasal, anterior (= m ou n) em final de palavra.

Exemplos: *dō-nom (dom, presente), *gṛnom (grão), *nōmṇ (nome), *ten-(tender), *ste-dhlom (estábulo) etc..

Quanto à nasalação da vogal precedente em ambiente final de palavra veja-se a R_2 , onde já formalizamos uma regra envolvendo quer a posição medial de palavra, quer a posição final.

5.1.2. ṃ e ṇ soantes

Ao lado das nasais consoantes, possuía o indo-europeu as nasais soantes, pura ressonância nasal. Como soantes podiam ser também centro de sílaba, como poderemos observar nos exemplos abaixo. A nasal soante (na verdade, o segmento nasal genérico) estava estreitamente relacionada com o som seguinte, ao que parece a palatal ṅ e a velar ṇ, só ocorrem precedendo sons palatais e velares (ou

labiovelares) respectivamente. Supomos, por conseguinte, que seja válida também para as soantes a regra R_1 da página 63, apenas com a modificação dos traços pertinentes às soantes.

Exemplos: *k̄m̄tom (cem), *dēk̄m̄ (dez), *ēk̄^uom̄ (acus. sing. = cavalo), *puḡn̄los (pugilo), *nḡ^uen (lat. inguem), *dn̄gh̄^uā (= língua), *m̄nt̄is (raiz *men- = mente), *ns̄is (espada), *iuūñ̄kos (jovem).

Devemos lembrar que o indo-europeu possuía soantes breves e longas. Os exemplos acima referem-se quase que exclusivamente às soantes nasais breves. Embora o comportamento em indo-europeu fosse praticamente o mesmo, na mudança para as demais línguas indo-européias, as longas receberam tratamento mais homogêneo, como seria de se esperar³³.

5.2. O sistema nasal do indo-europeu ao latim

As nasais m e n do indo-europeu em início de sílaba, ocupando posição inicial ou medial na palavra, mantiveram-se inalteradas na sua evolução para o itálico e para o latim (apresentam o mesmo comportamento também na passagem para a maioria das demais línguas indo-européias).

Exemplos:

ie. *m̄at̄ér dando em lat. m̄āter, o. maatreis (gen. singular), scr. m̄ātar, germ. Mutter etc.; ie. *domu-s (da raiz *dem- "construir") passando para o lat. domus, scr. dama-h, ae. domy etc.;

ie. *noqt dā em lat. nox, noctis, no scr. nāk, no gr. νύξ, νυκτός, no germ. Nacht, no lit. naktis etc; ie. *dō-nom dā no lat. dōnum, no scr. dānam, no o. dūnūm, no u. dun(um), no lit. duonis etc. (entretanto, o grego possui δῶρον de *dō-rom sendo acompanhado pelo armênio tur e pelo antigo eslavo dary³⁴).

a) No latim literário o m, em início de sílaba, inicial ou medial na palavra, mantém-se como bilabial nasal forte, semelhante ao m inicial das línguas românicas. Entre os múltiplos gramáticos citamos Mário Vitorino (séc. IV): "o m produzirá como que um mugido dentro da cavidade bucal, apertados os lábios, um no outro, e contraídas as narinas"³⁵.

O n, nas mesmas condições do m, mantém-se também como nasal linguodental (ou alveolar) semelhante ao n inicial das línguas românicas. Isto nos é atestado frequentemente pelos gramáticos latinos. Escolhemos a descrição feita por Marciano Capela (séc. V): "a língua aplicada aos dentes forma a articulação do n"³⁶. Há, contudo, os gramáticos latinos Ter. Mauro e Mário Vitorino (séc. IV) que descrevem o ponto de articulação como sendo o palato: "mas pronuncia-se o n com a língua tocando o palato, passando o ar ao mesmo tempo pelo nariz e pela boca" e o "som da quarta letra (a saber, do n) forma-se sob o palato, de onde o ar sai conjuntamente pela boca e pelo nariz"³⁷. De qualquer maneira, o que se percebe é que há uma tentativa de descrevê-la como alveolar ou linguodental (os alvéolos localizam-se atrás dos dentes, o que pode ter levado os gramáticos à denominação de palato).

Quando o m e o n finais de sílaba ocorrem em ambiente medial ou final de palavra, temos:

O m parece devia ser articulado debilmente, uma ressonância nasal que se aplicava sobre a vogal precedente, nasalando-a, principalmente quando em final de palavra. Diversos são os gramáticos que nos fornecem testemunhos, entre outros Terenciano (séc. III), Marciano Capela (séc. V), Prisciano (séc. VI), Quintiliano (séc. I), Vêlio Longo (séc. I e II). Um exemplo de Prisciano: "o m soa obscuro (quase imperceptível) no fim das palavras, como em templum; claramente no princípio, como em magnus; com um som médio no meio das palavras como em umbra"³⁸. E ainda

o gramático Vêlio Longo traz-nos uma informação interessante sobre Vêrrio Flaco (séc. I): "como usava Vêrrio Flaco, todas as vezes em que a primeira palavra terminasse por m e a seguinte começasse por vogal, não se escrevia a letra m inteira mas apenas a primeira parte dela, para indicar que não deveria ser proferida"³⁹. Baseados nisto, Niedermann, grande latinista, Sturtevant e outros chegaram a ver no -m latino apenas uma nasalização da vogal precedente, motivo pelo qual não impedia a elisão na métrica latina. Ernesto Faria argumenta, porém, que tal posição só é documentada em textos, "quando se tratasse do caso especial de começar a palavra seguinte por vogal" e continua "a sílaba final de um vocábulo terminado em -m era contada como longa se a palavra seguinte se iniciasse por consoante, o que não se verificaria se o -m apenas indicasse a nasalização da vogal"⁴⁰.

De qualquer maneira, porém, na passagem do indo-europeu para o latim, manteve-se.

Exemplos: ie. *dō-nom > lat. donum, ie. *eĕ^uom > lat. equom, equum, ie. *ambhō(u) > lat. ambō (É propriamente a R₃ que se aplica também ao latim, veja-se à pagina 65).

Relativamente ao n, se nasalava ou não a vogal precedente, não possuímos uma documentação subsidiária. O gramático Prisciano faz uma leve menção: "o n também soa mais forte no princípio e no fim das sílabas, como em nomen, stamen; mais débil no meio, como em amnis, damnum ..."⁴¹. A sublinhação é nossa. Theodoro Maurer⁴² acha que Prisciano não está se referindo à perfeição na articulação da consoante, e sim a uma pronúncia do n com ressonância velar, mais cheia (plenior, no texto) e à essencialmente dental (exilior, no texto). Baseia-se ele na identidade de termos empregada para l, em que Prisciano cita Plínio. Podia igualmente ser exilis, como o l geminado em ille, Metellus, ou plenus como em final de sílaba ou palavra, como em sol, silva, clarus, ou ainda medius. Natu-

ralmente o ll de ille era articulado identicamente ao de sol.

Em todo caso, sabemos que, na evolução do indo-europeu para o latim, permanece seja no itálico, seja nas demais línguas. Se o som que seguia no indo-europeu, na evolução para as demais línguas mudar, a nasal tornar-se -ã homorgânica a esse som da mesma forma (é o caso, v.g., do ñ palatal indo-europeu; como as palatais indo-européias passaram a velares latinas, o ñ passa a ŋ no latim, homorgânico ao som seguinte, portanto).

Exemplos: ie. *peŋq^ue no lat. quinque (veja-se que o gr. possui $\tau\acute{\epsilon}\nu\tau\epsilon$ com n dental, pois, nesta língua a labiovelar se transforma em dental); ie. *uŋg^u (ungir), lat. unguem, em que o primeiro n é velar por ocorrer diante de uma labiovelar. No irlandês temos imb, com m porque diante de bilabial; no sânscrito añjih em que o n é palatal, pela presença do som seguinte palatal.

Baseados nisso, podemos afirmar que o m e o n em posição medial, finais de sílaba seguem também no latim a regra R₁ da página 63. Quanto ao fato de essas nasais finais de sílaba, em posição medial ou final da palavra, nasalarem a vogal precedente, embora, como já evidenciamos na seqüência anterior de nossa exposição, não tenhamos testemunhos seguros, podemos dizer que se aplica ao latim literário a R₂ da página 64.

b) No latim coloquial havia as nasais m e n. Ambas podiam ocorrer no ambiente _____ V, quer em posição inicial, quer no interior do vocábulo.

Exemplos: mea, medullu, mancipiu, metu, mattiana, vindemia, coquina, manica, dominicu, masclu, non, navicla, canianu, neve, coniclu etc..

Isto no-lo atestam, além das inscrições, as línguas românicas: lat. lit. matrem, lat. col. madre, port. mãe, esp. madre, it. madre, fr. mère etc.; lat. lit. nomen, lat. col. nome(n), port. nome, esp. nombre (de nomine(m)),

it. nome, fr. nom, rum. nome; o -n- medial também permanece (exceto no português): lat. lit. lunam, lat. col. luna, esp. luna, fr. lune, it. luna, rum. luna.

Tais nasais podiam também ocorrer em final de sílaba no interior da palavra (ambiente V _____ C) e, com pouca frequência, em fim de palavra (ambiente _____ #), nos verbos, 3^a pessoa do plural e em um que outro vocábulo.

Exemplos: lancea, vindemia, tudio, empollicare, angulus, bibun(t), claman(t), non, cum, rem etc..

Para facilitar nossa análise, trataremos das duas posições separadamente:

1) em posição medial, embora não tenhamos documentação comprovante, nas línguas românicas torna-se homorgânico ao som seguinte.

Exemplos: lat. lit. quinque, lat. col. cinque, port. cinco, it. cinque, esp. cinco, etc.; lat. lit. undĕcim, lat. col. undeci, port. onze, it. undici, esp. once, fr. onze etc.; lat. lit. amplum, lat. col. amplu, port. ancho, it. ampio, fr. ample etc..

Serve-nos ainda como argumento bastante forte, o caso do chamado n palatal ou velar, o agma, ou seja, o n diante das oclusivas velares g e c. Os gramáticos latinos o sentiam como um som diferente do n linguodental. Vejamos o que dizia Prisciano: "quando se segue um g ou um c, em lugar dela (isto é, do n) os gregos e alguns dos mais antigos escritores romanos escreviam g, bem o fazendo por causa da eufonia, como nos vocábulos Agchises, ageps, aggulus, aggens, o que mostra Varrão no primeiro livro da origem da língua latina nesses termos: como escreve Ion, há uma vigésima quinta letra, que chamam agma, para a qual não há um sinal especial, mas cujo som é comum aos gregos e latinos, como nas seguintes palavras: aggulus, aggens, agguilla, iggerunt; da mesma forma os gregos e o nosso Ácio as grafavam com dois gg, outros com n e g"⁴³.

Ora, isto nos vem confirmar que no latim coloquial também se continuou tal comportamento. A palavra *aggulus*, v.g., no lat. col. aparece como *angulu*.

Depois dessas considerações parece podermos dizer que no latim coloquial a nasal final de sílaba, no interior da palavra tornava-se homorgânica ao som seguinte possibilitando a efetivação da R_1 formalizada na página 63.

2) em posição final:

a) o m pelo que nos atestam as línguas românicas, desaparecera, a não ser em alguns monossílabos: lat. col. *quem*, *cum*, *rem*. O Appendix Probi traz vários exemplos: *nunquam non nunqua*, *pridem non pride*, *idem non ide*. E acrescenta Theodoro Maurer: "Esta eliminação do -m se observa nos substantivos, onde o acusativo, caso lexicogênico por excelência das formas românicas, perdeu a sua de sinência, e também em muitas formas verbais da 1^a pessoa do singular, e. g., *amabam*, vulgar *amava*, *ame(m)*"⁴⁴.

Ao lado das línguas românicas, temos as inscrições a nos atestarem idêntico fenômeno. A observação é de Veiko Väänänen: "Não há, nas inscrições latinas, fenômeno vulgar que seja mais frequentemente atestado quanto a queda do m final... Na época clássica, o falar urbano restituiu o m final mais ou menos completamente, enquanto que o vulgar continuou a articulá-lo debilmente, ou deixou-o francamente cair"⁴⁵.

b) o n igualmente sofreu a tendência de perder-se ou, pelo menos de debilitar-se. Tal fato é-nos confirmado pelas inscrições, em que o -nt da 3^a pessoa do plural, transformado em n final no latim coloquial, conservou-se: lat. col. *claman*, português *chamam*, esp. *llaman*, prov. *claman*, it. *chiaman(o)* etc..

Nos nomes perdeu-se (apenas aparece no sardo, onde muitas vezes, no entanto, recebe uma vogal paragógica).

Exemplos: lat. lit. *lumen*, lat. col. *lume*, port. *lu-*

me, rum. lum etc. (no esp. lumbre, arc. lumne, proveio de lumine). O monossílabo non, às vezes usado procliticamente, ocorre como non e no: lat. lit. non, lat. col. no(n), port. não (arc. non, nam), esp. no, it. non, no, fr. ant. non e ne(n), rum. nu etc..⁴⁶

Levando em consideração o que expusemos a respeito do m e do n finais do latim literário, para o latim coloquial, após a aplicação da R₃ da página 65, havia a seguinte inovação, que pode ser melhor visualizada na regra:

$$R_4 \quad \begin{bmatrix} +cons \\ +nas \\ +ant \end{bmatrix} \longrightarrow \left\{ \begin{array}{c} \emptyset \\ [+nas] \end{array} \right\} \quad / \quad \text{---} \quad \#$$

Leia-se: uma consoante nasal anterior (= m ou n) re-escreve-se zero (= desaparece) ou nasala a vogal precedente no ambiente final.

Desta forma, a R₄ toma conta das nasais que desapareceram como também da nasalização débil mantida nos verbos e em poucos nomes.

Devemos acrescentar que essa nasalização observada em final de palavras também devia verificar-se na posição medial na palavra: uma nasal em fim de sílaba devia influenciar a vogal precedente, seja modificando-lhe o grau de abertura, seja nasalando-a (isto é, antecipando o abaixamento da úvula).

Heinrich Lausberg⁴⁷, eminente romanista do século XX, afirma que a tendência ao fechamento das vogais (máxime do o) ante nasais é encontrada já nas inscrições da época imperial como: frunte, punere. Essa mesma tendência vê-se continuada na România, com algumas exceções. Vejam-se alguns exemplos: em it. e esp. ò, que deveria ter dado ô (= aberto), em sílaba entravada por m ou n, deu ô (= fechado): com(i)te dando em it. conte, esp. conde; complet deu em it. compie; abscondit em esp. esconde (mas já em it. dente, em esp. fuente, puente etc.). Em provençal,

o e e o o abertos, ante nasais livres ou entravadas se fecham e o a se velariza: bene dá be; bonu, bo; ventu, ven, etc. Posteriormente houve desnasalação em muitos dialetos. No port. e no francês, toda vogal entravada por nasal, nasaliza-se.

O que nos interessa no momento é perceber a existência de uma assimilação antecipada ou regressiva parcial em relação às vogais que precedem uma nasal, particularmente se a vogal é entravada pela nasal. Ou, inventando uma terminologia nova: uma assimilação de contacto fonético.

Este fenómeno se encaixa na R_2 , já formalizada anteriormente na página 64. E toma conta tanto da nasalação em final de sílaba no interior da palavra como no final da mesma.

Resta-nos fazer uma consideração sobre o destino das soantes nasais indo-européias. No itálico e depois no latim, passaram a ser representadas pelas consoantes me n, com o desenvolvimento de um timbre vocálico antes de si, dando então em e en respectivamente. A partir desse fato, passaram a comportar-se no latim como consoantes nasais em final de sílaba.

Para corroborar o fenómeno ocorrido no latim, parece-nos interessante apresentar um quadro das soantes nasais também evoluídas em outras línguas indo-européias⁴⁸.

Ie.	scr.	arm	grego	itál.	lat.	germ	bált.	ant.irl.	celta
ṃ	a, am	am	a, am	em	em	um	iṃ	im, am	im, am
ṇ	a, an	an	a, an	en	en	un	iṇ	in, an	in, e

Exemplos: ie. *kṃtom, lat. centum (m passa a n ante dental), scr. śatam, germ. hundert, lit. šimtas, ant. irl. cét, gr. (ε) κάρδιον, ie. *nōmṇ, lat. nomen, gr. ὄνομα, scr. nāman etc..

Finalmente, queremos chamar a atenção sobre o prefixo privativo indo-europeu *n̥. Também ele passa a en e de pois a in. De acordo com o som seguinte, conserva-se como em in-eptus, assimila-se como em immortalis, obedecendo ora às regras formalizadas para a nasal em posição medial, início de sílaba, ora para a nasal medial, em final de sílaba. Comparemos com outras línguas afins: lat. immortalis, arm. an-kin, gr. ἄ-νητος (N̥E < mr); e ainda in-eptus, scr. an-udras (sem água), grego ἄν-υδρος, arm. an-irav (injusto) etc..

5.3. As nasais no português arcaico

Um simples folhear das páginas da literatura arcaica portuguesa permite-nos constatar que as nasais e a nasalação constituem fenômeno marcante dessa fase da língua.

Voltamo-nos agora para o estudo dessas nasais. De imediato surge um empecilho: a ortografia. É que, embora estejamos na fase fonética da língua, escreve-se a pronúncia sem a preocupação de fazer distinções entre as nasais. Destarte, num mesmo documento pode aparecer m, n, ão, ~, dois acentos agudos ou omissão de qualquer sinal nasal para um mesmo contexto. No Cancioneiro Geral de Garcia Resende (publicado por J.L. de Vasconcellos em Textos Arcaicos, p. 92-3) encontramos, v. g., a poesia de D. João Manoel, em que ocorre nam, nã, nom, bem como quãto, quanto (sem mencionar outros casos), no decorrer do poema. Nos demais documentos constata-se relativa liberdade quanto à representação da nasalação. Vejam-se mais dois exemplos da mesma coletânea: na p. 41-2 deparamos com um Nobiliário do século XIII ou XIV "Feito de Vaasquez" onde se estabelece confusão entre m e n: seemdo ao lado de veendo; princepes, prinçepes e prinçipes; nunca e numca, como ainda boo e boos (= bom, bons), senhores, homeens, nenhũa, etc.. Já na página 59-62 há a substituição quase total dos m mediais em final de sílaba por n ou ~: n̄, ã-perador, canpo, cõposta, n̄bros etc..

A observação de tais fenômenos permite-nos concluir que havia a consciência da nasal ou da nasalização, mas faltava a preocupação em utilizar símbolos escritos fixos (pelo menos para a nasalização). Leve-se em consideração também a fisiologia de cada escritor ou copista, os quais procuravam representar os sons conforme sua pronúncia.

Aí está, por conseguinte, a dificuldade no desenvolvimento do nosso estudo: a ortografia. Faltam-nos outros, sim, subsídios fornecidos por gramáticos, como aconteceu em parte com o latim. Em todo caso, fundamentar-nos-emos nos textos arcaicos e na doutrina consagrada de grandes mestres, e tomando por base os fenômenos ortográficos mais comuns, tentaremos traçar as linhas gerais da nasalização no português arcaico.

5.3.1. As consoantes nasais

Analisando os documentos do português arcaico, pudemos constatar a presença de três consoantes nasais como base (há restrições relativamente à consoante ou dígrafo nh [ñ]):

a) m - ocorre nos ambientes # _____ V, V _____ V, V _____ C e V _____ #.

Exemplos: mia, morte, fama, amor, tomar, campo, mandaram.

b) n - aparece nos seguintes ambientes: # _____ V, V _____ V, V _____ C e V _____ # (às vezes, o til resultante de um pequeno n ao alto da vogal para indicar a nasalização da vogal, o substitui).

Exemplos: nome, nunca, maneira, examinar, senon, quando (e quãdo), non (e nō) etc..

c) nh - sō ocorre em ambiente V _____ V.

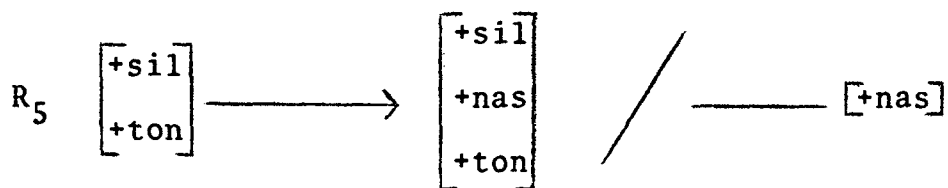
Exemplos: conhecedor - século XIII (TA, p. 36), cozinha - século XIV ou XV (TA, p. 62), senhores - século

XII ou XIV (TA, p. 43). Havia também a representação ñ: se-
ñor conforme aparece na Cantiga da Garvaia (século XII)
do Cancioneiro da Ajuda (citado por F. Fonseca, p. 89) e
nn: sennor - como ocorre na "Chronica Breve do Archivo Na-
cional (século XV)", publicado em TA, p. 67⁴⁹.

Passemos agora à análise. Para facilitar nosso tra-
balho, estudá-las-emos em conjunto, mas de acordo com o am-
biente:

a) Ambiente # _____ V. Em tal posição o m e o
n, quando seguidos de vogal átona, não apresentam proble-
mas. Se a vogal for tônica, nasalam-na em algumas palavras
como em mûito, mûi e ño (de nidu). Tal nasalação já es-
tá presente nas cantigas 38 e 453 do Cancioneiro da Aju-
da, onde aparece muynto e muyn⁵⁰. Muyn ocorre também em
TA, p. 99.

b) Ambiente V _____ V. Em tal ambiente, pode ocor-
rer o m, o n ou o nh, e sem maiores problemas. Quando po-
rém, a primeira vogal for tônica, parece haver sobre ela
influência da nasal seguinte imprimindo-lhe ressonância
nasal. Isto acontece principalmente com n. Nos documentos
arcaicos aparece: tirãnos e tirãno em "História Geral",
século XIV (TA, p. 56). Também temos um exemplo do galego:
ãnos num "Título de Emprazamento" século XIV (TA, p.
110). Com m só temos um exemplo do galego: cõmo (TA, p.
110). Com nh não temos exemplos, ao menos visuais. Temos
sim: tiinha, rraynha (TA, p. 77 e 68), mas sem sinal de
nasalação. De qualquer maneira, porém, baseados nos da-
dos que possuímos, parece-nos possível levantar a hipóte-
se de que tal vogal tônica fosse influenciada pela nasal
seguinte. Isto nos oferece condições de formalizarmos u-
ma regra:



Leia-se: uma vogal tônica reescreve-se vogal nasal

tônica, quando seguida de nasal.

c) Ambiente V _____ C. Em tal ambiente ocorre seja o m, seja o n. Verificamos aqui influência dupla: a nasal torna-se homorgânica ao som seguinte, segundo a regra R₁ da página 63 (isto é, torna-se [m] diante de bilabiais p, b, [ŋ] diante das velares k e g e [n] nos demais casos): campo, ambos, enxemplo, alongados, cinco, língua, monge etc.); a nasal influencia a vogal precedente imprimindo-lhe nasalidade. Tal fenômeno é abundantemente encontrado nos documentos arcaicos, o que nos científica de que havia consciência, por parte dos escritores e copistas de que a vogal era nasalada.

Exemplos: quãdo, nũca, cãpo, ãperador, esprandecẽte, lõgua, cõposta etc. (todos exemplos de textos arcaicos).

Para este fenômeno é possível formalizar uma regra que se enquadra na R₂, conforme a página 64.

d) Ambiente V _____ ~~#~~. Nos textos arcaicos há muita liberdade quanto ao comportamento (gráfico) das nasais em tal posição. Nesta mesma posição, não temos ainda a ditongação. Em geral, o que ocorre é simplesmente a nasalização da vogal e a grafia é: -m, -n, ou ~. Há ocorrências também de -ão. Ao que parece, tal acontece por influência analógica dos nomes derivados do latim em que houve síncope do -n- intervocálico e a conseqüente nasalização como em manu dando mão, sanu dando são (TA, p. 38 e 33) etc..

Exemplos: nam, nã, nõ, non, nom, não (TA, p. 93, 28, 21, 18, 92, 18 respectivamente); coração, coraçom (TA, p. 19 e 29), derũ e derom (TA, p. 16 e 41), rrazum e razon (TA, p. 37 e 39), seyan e seiã (TA, p. 38 e 39), diserõ (TA, p. 44) etc..

Este fenômeno pode ser registrado numa regra como a R₂ da página 64.

5.3.2. Os hiatos nasais

Pelo século XI, começou a síncope do -n- intervocálico latino. Os falantes da língua portuguesa principia-ram a omitir tal n, mas como resultado nasalaram a vogal precedente. Assim tivemos no período século XI-XV, uma série de hiatos nasalados no interior da palavra⁵¹. A partir do século XVI, tal nasalção desaparece em alguns casos, que serão analisados posteriormente. Para o momento, vamos apenas formalizar a regra que toma conta do fenômeno (na verdade, para fornecer a explicação, tornam-se neces-sárias duas regras: uma de nasalção da vogal precedente como a R₂, página 64; a segunda, de apagamento do n).

Como já conhecemos a primeira regra, a R₂, vejamos a segunda, que será de apagamento do -n- intervocálico:

$$R_6 \begin{bmatrix} +\text{cons} \\ +\text{nas} \\ +\text{ant} \\ +\text{cor} \end{bmatrix} \longrightarrow \emptyset \quad / \quad \boxed{+\text{sil}} \text{ — } \boxed{+\text{sil}}$$

Leia-se: uma consoante nasal, anterior, coronal (= n) reescreve-se zero (=sincopa-se) em ambiente intervocáli-co.

Fica esclarecido o fenômeno demonstrando o processo. Aplicando-se as regras R₂ e R₆ à forma-base, temos:

Forma-base:	aren+a	bon+o	pon+ere
R ₂	arên+a	bôn+o	pôn+ere
R ₆	arē+a	bō+o	pō+er

E a saída fonética: [arēa], [bōo] e [pōer] correspon-dem às formas correntes do português arcaico, conforme o testemunho dos documentos.

Restariam ainda alguns problemas como prefixo in, ge-minadas nasais e outros. Como se enquadram no esquema ge-ral das nasais do português arcaico vistas até aqui, ana-lisá-las-emos na demonstração dos processos nasais do ca-

pítulo seguinte.

5.4. Conclusões

a) As formas-bases do indo-europeu possibilitam-nos verificar a presença de uma nasal genérica, responsável, através da aplicação de regras fonológicas, seja pela nasalação da vogal precedente, seja pelos segmentos nasais [m], [n], [ñ] e [ŋ] de acordo com o ambiente.

b) As nasais apresentam o mesmo comportamento desde o indo-europeu (a partir da forma-base ou primitiva) até o português arcaico, obedecendo à evolução através da aplicação de mecanismos (= regras fonológicas) em épocas e situações diferentes.

c) -m e -n, consoantes no latim com tendência a pura leve ressonância nasal, no português arcaico representam apenas a nasalação do segmento silábico final.

d) As soantes, que no indo-europeu comportam-se semelhantemente às consoantes, no latim passam a consoantes, desenvolvendo antes de si um timbre vocálico.

NOTAS

31. Segundo o testemunho do báltico, pareceria que o m poderia permanecer mesmo diante de dentais. Todavia, a tendência no próprio ie. era de o m etimológico, diante de dental passar à nasal correspondente. Os exemplos mostram-nos que a mudança já se operava no ie.: *g^uem-tum passando a *g^uentum, dando no latim ventum (supino de venire), ant. irl. gantum. (Cfr. Tagliavini, 1962, p. 78 e Vittore Pisani, 1949, p. 20).
32. Veja-se: a) TAGLIAVINI, Carlo. Fonetica e Morfologia Storica del Latino. 1962, p. 77-79.
- b) PISANI, Vittore. Glottologia Indeuropa. 1949, p. 19-20.
- c) KRAHE, Hans. Linguística Indeuropa. 1953, p. 89-90.
33. TAGLIAVINI, ibidem, p. 33-34.
34. a) Tagliavini, ibidem, p. 77;
b) Pisani, ibidem, p. 20;
c) Krahe, ibidem, p. 90.
35. FARIA, Ernesto. Fonética Histórica Latina. 1970, p. 95.
36. FARIA, Ernesto, ibidem, p. 99.
37. Apud Ernesto Faria, ibidem, p. 99.
38. Apud Ernesto Faria, ibidem, p. 95.
39. Citação de Ernesto Faria, ibidem, p. 97.
40. Apud Ernesto Faria, ibidem, p. 97-98.
41. FARIA, Ernesto. Gramática Superior da Língua Latina. 1958, p. 21-22.
42. MAURER, Theodoro H.. Gramática do Latim Vulgar. 1959, p. 59.
43. FARIA, ERNESTO. Fonética Histórica Latina. 1970, p. 101.

44. MAURER, Theodoro H.. Gramática do Latim Vulgar. 1959, p. 42.
45. Apud Ernesto Faria, *ibidem*, 1970, p. 98. A tradução é nossa.
46. MAURER, Theodoro H.. Gramática do Latim Vulgar. 1959, p. 42.
47. LAUSBERG, Heinrich. Linguística Românica. 1965, tomo I, p. 268-274.
48. O quadro é uma adaptação dos esquemas apresentados por:
 - a) TAGLIAVINI, *ibidem*, p. 32;
 - b) PISANI, *ibidem*, p. 23.
49. O nn (e ll) foi usado pelos trovadores por imitação ao castelhano. A grafia nh (e lh) é de origem provençal. A vulgarização processou-se na época trovadoresca.
50. NUNES, J. Joaquim. Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa. 1969, p. 152.
51. No português arcaico não existiam ditongos nasais (a não ser ũi de muinto). Mesmo aquilo que no português moderno constitui ditongo, não o era naquela fase da língua. Os plurais de -on, -an, -aõ, -ãa eram divididos silabando: va-rõ-es, pã-es, mã-os, lou-çã-as, a-rẽ-a, lã-a, fĩ-ys, ã-a, bõ-os etc. (Apud Fernando Fonseca, Noções de História da Língua Portuguesa. 1959, p. 66).

6. PROCESSOS DE NASALAÇÃO DO LATIM AO PORTUGUÊS ARCAICO

Pelo estudo dos sistemas nasais do capítulo anterior, pudemos constatar diferença entre o latim coloquial e o português arcaico. Enquanto aquele possuía m e n como nasais-base, este, além delas, a partir mais ou menos do século XV, passou a contar também com nh (= ñ̄). Ademais, havia neste período do português uma sensível presença de nasalações e uma série de hiatos nasalados, o que não acontecia no latim coloquial. Por isso, neste capítulo dedicaremos-nos ao estudo das nasais do latim coloquial ao português, tentando formular os processos responsáveis pelo fenómeno (é claro, partiremos da forma-base ou primitiva, que é a do indo-europeu, através da aplicação das regras sucessivamente, passando pelo estágio latim coloquial e depois, português arcaico).

Como tais nasais podiam ocorrer no começo, no interior e no fim da palavra, ocupando ora o início, ora o fim da sílaba, passaremos a estudá-las separadamente em cada ambiente.

6.1. As nasais-base

a) Ambiente ~~#~~ ____ V. Em tal posição, quer o m, quer o n latinos mantiveram-se inalterados no uso dos falantes do português arcaico.

Exemplos: malu > mao, mundu > mundo, nunca > nūqua (nunca), meu > meu, non > non (nō, nom, nã, nam, não), nocte > noite, notauit > notou, multu > muito etc. (exemplos extraídos dos textos arcaicos).

No capítulo precedente, tomamos conhecimento de que no período arcaico do português, tais consoantes nasais, em algumas palavras, nasalavam a vogal seguinte, quando esta fosse tônica, como: lat. multu > muynto, lat. nidu > n̄o. Tal nasalação ocorreu no português arcaico, pois o m de

muito sô pode influenciar o ditongo, apôs a vocalização do l (de multu) latino. Igualmente o n inicial sô nasalou a vogal seguinte, apôs a síncope do d intervocálico latino. Observe-se, porém, que o fenômeno ocorre quando a vogal, além de tônica é portadora do traço [+alta].

b) Ambiente V _____ V. Neste ambiente, o m e o n receberam tratamento diverso.

1) o m persiste na passagem para o português.

Exemplos: amicu > amigo, amore > amor, namoratu > namorado, ramu > ramo, formosa > fremosa, mandamus > mandamos etc. (extraídos dos textos arcaicos).

2) O n intervocálico latino, pelos fins do século X e durante o século XI até pelo século XV, desaparece como consoante, mas imprime nasalização na vogal precedente.

Exemplos: venire > vêir > vïir, luna > lûa, regina > reïa, bene > bêe, snou > sôo, ingratitude > engratidõe, ieiunu > jejûu, pane > pã, generale > gêeral, manu > mão etc..

A respeito de tal nasalização explica J.J. Nunes⁵²: "Das indicações dos gramáticos romanos, ortografia das inscrições, métrica e testemunho das línguas românicas parece deduzir-se que a ressonância nasal, sobretudo a resultante do m final, já existia no latim. Na produzida entre nós pelo n intervocálico o fenômeno deve ter-se dado deste modo; a princípio esta nasal, unindo-se à vogal precedente, comunicou-lhe a respectiva ressonância, sem todavia deixar de substituir; depois ela própria tomou esse som fundindo-se então os dois num sô; assim dir-se-ia a princípio lãn-a, bôn-o etc., depois lã-a, bõ-o..."

Somos da mesma opinião. O processo realiza-se pela aplicação de duas regras sucessivas:

- 1) nasalização da vogal precedente;
- 2) apagamento do n intervocálico.

Tais regras já foram formalizadas no capítulo anterior, páginas 64 e 78 respectivamente. Trata-se das R_2 e R_6 . Assim, teremos:

Forma-base:	bon+o	ben+e	lun+a	un+u
R_2 :	bõn+o	bẽn+e	lũn+a	ũn+u
R_6 :	bõ+o	bẽ+e	lũ+a	ũ+u

Tais saídas fonéticas correspondem às encontradas nos documentos do português arcaico: [bõ], [bẽ], [lũ] e [ũ].

Observações:

a) Embora nos documentos por nós consultados não tenhamos encontrado exemplos, Souza da Silveira⁵³ e estudiosos de gramática histórica portuguesa documentam a presença do n intervocálico (ao menos aparentemente) em algumas palavras, como: *ianuella > janela, ianuarius > janeiro, *uinuacer > vinagre, *manuaria > maneira.

Devemos observar que em tais palavras o n não é intervocálico, pois existe a semivogal que a protege.

b) O latim coloquial possuía também -mm- e -nn-. Na continuação para o português arcaico, essas consoantes simplificaram-se.

Exemplos:: flamma > chama, commune > comum;
pannu > pano, annu > ano, tirannu > tirano.

Para melhor entendermos, considere-se que já no próprio latim uma nasal em ambiente V ____ C conferia ressonância nasal à vogal, como pudemos verificar no capítulo anterior. Se a consoante fosse outra nasal, parece-nos natural a tendência de apagamento da primeira nasal (= simplificação), resultando disto mesmo a simplificação.

A nosso ver, no processo de simplificação das nasais geminadas, atuam duas regras:

a) nasalização da vogal precedente, fenômeno verificado desde o latim, vide R_2 ;

b) apagamento ou assimilação da nasal quando seguida

de outra nasal.

Esta regra, posta em notação ficaria:

$$R_7 \left[\begin{array}{c} +\text{cons} \\ \\ +\text{nas} \\ \underline{1} \end{array} \right] \longrightarrow \emptyset \quad / \quad \text{_____} \quad 1$$

Leia-se: uma consoante nasal torna-se zero (= apaga-se) quando seguida de outra consoante nasal.

Desta maneira, aplicadas as duas regras, teríamos para as geminadas o seguinte processo:

Forma-base:	flamm+a	tirann+u
	R_2 flāmm+a	tirānn+u
	R_7 flām+a	tirān+o

As saídas fonéticas [flāma], [tirāno] parece coincidirem perfeitamente com as formas do português arcaico.

A nasalação da vogal precedente, máxime quando for tônica, é fenômeno verificado em várias palavras do português arcaico, como vimos em 5.3. a). Naturalmente, devemos ponderar que o (̃) til presente na vogal, podia representar várias abreviaturas nessa fase da língua, não nos possibilitando, por isso, afirmações categóricas. Contudo, visto não possuímos dados de falantes-ouvintes da época, teremos que nos limitar a uma hipótese (em todo caso, confirmada no português atual).

Desta forma, teríamos a aplicação das seguintes regras:

- 1) para m intervocálico:
 - a) nasalação da vogal precedente, R_2 .
- 2) para n intervocálico:
 - a) nasalação da vogal precedente, R_2 ;
 - b) apagamento do n intervocálico, R_6 .
- 3) para mm e nn intervocálicos:

- a) nasalação da vogal precedente, R_2 ;
 b) assimilação ou apagamento de nasal seguida de nasal, R_7 .

Aplicadas as regras em 1) e 2), obteremos o seguinte processo:

Forma-base:	su+mus	ram+u	koron+a	un+a
R_2	sũ+mus	rãm+u	korõn+a	ũn+a
R_6			korõ+a	ũ+a

E temos aí as saídas fonéticas: [sõmos], [rãmo], [ũa], [korõa].

c) Ambiente V _____ C. Vimos no item 5.3 do capítulo anterior que neste ambiente, no português arcaico ocorria a nasalação da vogal precedente como também o contacto com o fonema seguinte tornava a nasal homorgânica a tal fonema.

Exemplos: alongados (p. 38), língua (p. 49), enganado (p. 92), quando (p. 56), nunca (p. 18), confiçon (p. 75), pergunta (p. 64), grande (p. 64), sempre (p. 45); quãdo (p. 44), iffãte (p. 75), cãpo (p. 60), atormêtado (p. 56), cõprido (p. 60), ãperador (p. 60), grãde (p. 44), todos colhidos de Textos Arcaicos de J.L. de Vasconcellos, 1959.

Para averiguarmos o processo, temos que partir da forma-base. Aplicando-se duas regras a essa forma, teremos a saída fonética do português arcaico.

Lembramos aqui a presença do segmento nasal genérico, conforme já o postulamos nas formas de base do indoeuropeu na página 62⁵⁴.

Então teremos:

- 1) nasalação da vogal precedente, R_2 ;
 2) distensão da nasal (o segmento nasal genérico que se torna homorgânico nasal ao fonema seguinte), R_1 .

Forma-base:	língu+a	grand+e	senpre
R_2	língu+a	grãnd+e	sẽnpre

R_1 lĩngu+a grãnd+e sẽmpre

Obtivemos assim as saídas fonéticas [lĩnguã], [grãnde] e [sẽmpre], documentadas em TA, p. 49, 64 e 45 respectivamente. Atente-se, contudo, que a grafia nem sempre corresponde exatamente. Leve-se em consideração também o facto de cada pessoa procurar escrever foneticamente segundo sua fisiologia, o que gera muitas vacilações no período arcaico.

Sofrem o mesmo processo aquelas palavras em que, pela síncope do n intervocálico, duas vogais cotíguas nasais, iguais ou semelhantes, são seguidas de consoante.

Exemplos: diuinitate > diuĩnitate > diuĩtate > duijn-
dade (TA, p. 89), uenitu > uẽnitu > uẽito (TA, p. 56), ben-
ditiõne > bẽneditiõne > bẽediçõn > beençõ (TA, p. 62), be-
nedicamus > bẽnedicamus > bẽedigamos > bẽeigamos (E. Wil-
liams, Do latim ao português, p. 84).

Observamos, porém, que nesses casos devem as regras ser aplicadas numa outra ordem:

- 1) nasalação da vogal precedente, R_2 ;
- 2) apagamento do n intervocálico, R_6 ; e só depois
- 3) distensão da nasal, R_1 .

Vejamos:

Forma-base:	uen+itu	ben+e+dic+a+mus
	R_2 uẽn+itu	bẽn+e+dic+a+mus
	R_6 uẽ+ido	bẽ+e+dic+a+mus
	R_1 uĩjndo	bẽngamos

Que são também as saídas fonéticas correntes no português arcaico: [uĩndo], [bẽngamos].

d) Ambiente ____ ~~#~~. No capítulo anterior, quando fizemos referência à nasal final, dissemos que nos nomes e mesmo nas formas verbais da 1^a pessoa, ela se havia perdido no latim coloquial. Na oportunidade, só referimos o facto, não demonstramos o processo. Ora, como na forma de

base essa nasal aparece, devemos mostrar como ocorreu seu apagamento. Tal aconteceu pela aplicação das seguintes regras:

- 1) nasalização da vogal precedente, R_2 ;
- 2) transformação do segmento genérico nasal em -m e -n, R_3 , em ambiente final de palavra;
- 3) apagamento da nasal final, R_4 ;
- 4) desnasalação da vogal final.

Como já formalizamos as três primeiras regras de que aqui fazemos uso, nas páginas 63, 64, 78 respectivamente, vamos agora pôr em notação a regra de desnasalação da vogal final, que será a R_8 .

$$R_8 \begin{bmatrix} +\text{sil} \\ +\text{nas} \end{bmatrix} \longrightarrow \begin{bmatrix} +\text{sil} \\ -\text{nas} \end{bmatrix} \quad / \quad \text{---} \quad \#$$

Leia-se: uma vogal nasal reescreve-se como não nasal em ambiente final de palavra.

Aplicadas as regras, visualiza-se o seguinte processo:

Forma-base:	am+a+ban	noct+en	nom+en
R_2	am+a+bã̃n	noct+ẽ̃n	nom+ẽ̃n
R_3	am+a+bã̃m	noct+ẽ̃m	nom+ẽ̃m
R_4	am+a+bã	noct+ẽ	nom+ẽ
R_8	am+a+va	noit+e	nom+e

Aí está a forma fonética do português arcaico: [ama-vã], [noite] e [nome] (diga-se de passagem, essa nasalização desaparecida no português arcaico e já em parte no latim coloquial, existia no latim literário, pois, a ela faziam menção os gramáticos, como vimos anteriormente).

Interessa observar que nos monossílabos não se aplica a R_8 . Temos, em todo caso, exemplos nas línguas românicas onde tal desnasalação, por vezes, se processou. Considere-se o no de non em italiano. No francês, ne (pas). Quanto ao

português, eis o que colhemos dos documentos arcaicos: cuN depois cum > con, cõ, cū, com (TA, p. 23, 35, 35, 41 respectivamente); queN depois quem > quen (TA, p. 23 e CrA, p. 152), rem > ren (TA, p. 25 e CrA, p. 151, 173, 193), rē (TA, p. 21 e CrA, p. 190), iN depois in > en, ã, em (TA, p. 17, 45 e 36), noN depois non > non, nō, nom, nam, nã, não (TA, p. 18, 21, 93, 93, 92, 18 respectivamente).

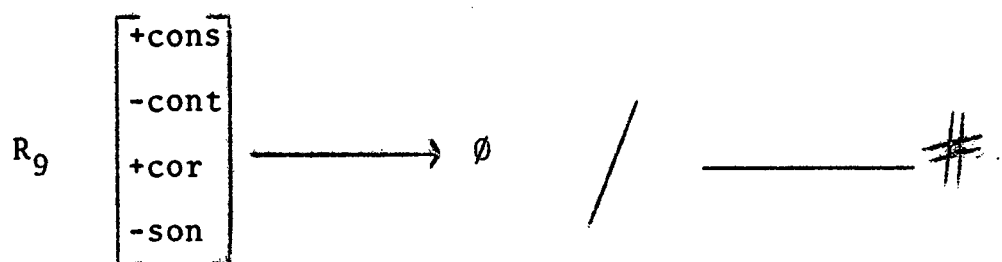
Note-se que no português arcaico também ocorria tã, quã, grã (TA, p. 104, 104, 21). São formas apocopadas de tanto, quanto, grande. Parece-nos convincente a explicação dada por Oscar Nobilling⁵⁵: "A forma exclusivamente pretônica tã do português arcaico - em posição acentuada diz-se tãto, e ambas são desenvolvimento normais do latim tantum - foi, na verdade, sentida como uma palavra autônoma; daí normalmente, [tãw̃]. Foi idêntico o comportamento do hoje desusado quão < quã (a verdadeira evolução proclítica ocorre em também, habitualmente pronunciado [tã'mbêj] e tornado [ta'mêj] no uso popular). Entre estas formas incluem-se, ainda, são [sãw̃] - utilizado apenas como pretônico antes de consoantes - < sã < sanctum (verdadeiramente proclítico em Sampaio [sã'm'pajU] Sanctum Pelagium), e grão - hoje, apenas em expressões como grão-mestre, mas de uso bastante amplo ainda no século XVI - < grã < grandem...".

Como formas apocopadas, possivelmente por analogia, apresentam o mesmo processo dos demais monossílabos já vistos.

Finalmente temos as formas verbais do latim -ant, -ent e -unt. No português arcaico, encontram-se representadas por -ã, -an, -am (e -om), -ão; -ẽ, -en, -em; -õ, -ũ, -on, -un, -om, -um, ou -ão. O processo pode ser visualizado através da aplicação de uma série de regras:

- 1) nasalização da vogal precedente, R₂;
- 2) distensão da nasal, R₁ (o segmento nasal genérico se torna n;
- 3) apagamento do -t final de palavra;
- 4) apagamento da consoante nasal final, R₄.

Dessas regras, só não formalizamos a que toma conta da queda do -t. Vejamos então:



Leia-se: uma consoante não contínua, coronal, não sonora (= t) reescreve-se zero em final de palavra.

E o processo, partindo da forma-base:

Forma-base:	dab+ant	diss+e+ssent	fec+e+runt
	R ₂ dab+ãnt	diss+e+ssënt	fec+e+runt
	R ₁ dab+ãnt	diss+e+ssënt	fec+e+rũnt
	R ₉ dab+ãn	diss+e+ssën	fec+e+rũn
	R ₄ dau+ã	diss+e+ssë	fes+e+rũ

As saídas fonéticas [dauã], [dissessë] e [fesarũ] são as atestadas pelos documentos arcaicos, ainda que sob diversas grafias, mas uma mesma essência (TA, p. 55, 40 e 44 respectivamente).

6.2. Um fonema de transição

Naturalmente, após o apagamento do n intervocálico, a nasalização manteve-se durante a maior parte do período arcaico. A língua (isto é, os falantes) porém, é dinâmica, o que motiva as constantes transformações dos sons no correr dos séculos. As modificações ocorreram lentamente, mas "a ortografia, que é quase sempre muito conservadora, não assinala logo o que a boca diz e o que o ouvido escuta"⁵⁶. Para o nosso estudo não possuímos senão documentos escritos (cópias dos originais ou cópias de cópias com possíveis falhas e sem uniformidade na grafia das nasais na ocorrência do mesmo vocábulo até no mesmo texto) e estudos efetuados por autoridades no campo filológico português, por isso ten-

taremos nossa análise fundamentados nessas fontes.

Trata-se do surgimento de um fonema nasal de transição ocasionado pelo contacto entre a ressonância nasal e a semivogal i, após o apagamento do n intervocálico⁵⁷.

Há muita discussão quanto à época do surgimento e mesmo da grafia (= nh). Os textos arcaicos sob nossa consideração já ostentam a grafia nh a partir do século XIII: conhecedor (TA, p. 36) e séculos XIV ou XV: Senhor e Senhores (TA, p. 61), além de outros. Mas existe muita vacilação entre -nn-, -ñ-, e até apenas (̃) sobre a vogal, onde depois foi inserido o fonema nasal palatal.

Os estudiosos de tal assunto, embora não nos permitam chegar a conclusões absolutas, possibilitam-nos formar opiniões relativamente acertadas sobre a questão.

Um deles é Edwin Williams. Ainda que um tanto extenso, parece-nos interessante transcrever seu ponto de vista: "A data desse desenvolvimento não foi determinada. Nos cancioneiros primitivos (CA, CB e CV), alguns de cujos poemas foram escritos já pelo primeiro quartel do século XIV, os derivados do lat. -īnum e -īnam não rimam com palavras em que o som [̃n] proveio do lat. n mais iode. Apenas uma exceção tem sido consignada, a saber, camho, myhō : uiho : myhō, isto é, camio : Minho : vio : Minho (CV, nº 912), em que a pobreza de rima ou de assonância decorre da necessidade de usar um topônimo (RF, XXIII, 341-342). Deve-se lembrar que a assonância é relativamente comum nesses versos primitivos (cf. CD. CXXV).

Agora sabemos pela edição diplomática (Carter-Ajuda) que o uso da grafia nh nos derivados do lat. -īnum e -īnam na edição crítica (CA) do Cancioneiro da Ajuda não está em conformidade com o manuscrito; seu uso nos apógrafos italianos (CB e CV) não tem significação para a pronúncia à época em que os poemas foram escritos, porque esses apógrafos são do fim do século XV ou começos do século XVI⁵⁸.

É preciso ainda dizer que relativamente à grafia, a

teoria mais aceita é a do empréstimo do provençal. O fato pode apresentar várias origens, como: a leitura de poesias dos trovadores; através da atividade dos secretários de bispos franceses que pontificavam em muitas das principais prelações portuguesas durante os séculos XII e XIII; o influxo da reforma da chancelaria de D. Afonso III ou de D. Dinis feita por escrivães franceses entre 1270 e 1280⁵⁹.

Após tais considerações parece-nos possível admitir que, embora a grafia tenha aparecido antes, o surgimento do fonema data mais ou menos dos fins do século XV e durante o século XVI. Portanto, pelo fim do período arcaico e inícios do período moderno do português.

Quanto à ressonância nasal, falam em eliminação: E. Williams (Do latim ao português, p. 82,4), Sousa da Silveira (Lições de Português, p. 70), J.J. Nunes (Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa, p. 110), além de outros. Os documentos arcaicos não trazem vestígio algum na grafia, como: *tijnha*, *senhor*, *tenhades*, *dinheiros*, *raynha* (TA, p. 62, 39, 38, 36, 37 respectivamente). Na pronúncia do português atual, em sílaba tônica, ela está presente.

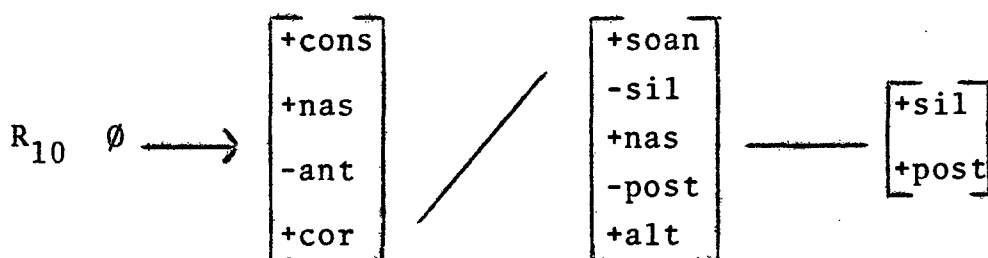
A nosso ver, tal nasalação deverá ter permanecido após o surgimento da nasal palatal de transição, embora os casos de desnasalação a partir dessa época sejam numerosos, porém em outros contextos. Nosso argumento é que na emissão, v.g., da palavra [rayña] com certeza, ocorria uma "assimilação de contacto fonético": os órgãos haveriam de preparar-se para formar o som nasal palatal, provocando uma antecipação no abaixamento da úvula, acarretando uma ressonância nasal sobre o y. Em hipótese, a nasalação deve ter permanecido.

Aplicar-se-ão, portanto, as seguintes regras:

- 1) nasalação da vogal precedente, R_2 ;
- 2) mudança do segmento nasal para n ante segmento silábico;
- 3) apagamento do n intervocálico, R_6 ;

4) inserção de fonema nasal palatal.

Já conhecemos as R_2 e R_6 , páginas 64 e 78. Quanto à mudança do segmento nasal para o n antes de um segmento silábico, não formalizaremos regras, pois, é um fenômeno muito complexo. Por isso, limitar-nos-emos aqui apenas à passagem do fato. Resta-nos então somente a formalização da regra de inserção de fonema.



Leia-se: zero reescreve-se como consoante nasal, não anterior, coronal (= ñ) no ambiente soante, não vogal, não posterior, alta (= y) seguida de vogal posterior (= a, o, u).

Obteremos então o processo:

Forma-base:	ten+ea	uicin+u
R_2	tēn+ea	uicĩn+o
R_6	tē+ya	uizĩ+o
R_{10}	tījñ+a	uezĩñ+o

As saídas fonéticas [tīña] e [uezĩño] correspondem em base às formas arcaicas (TA, p. 55 e 92).

6.3. Hiatos nasais

Na época arcaica, constatamos a existência de uma série de hiatos nasais. São eles resultantes da aplicação de regras fonológicas de diversos tipos às terminações paroxítonas da base, como: -ana(s), -ane(s), -ano(s), -anu(s), -eni(s), -ine(s), -ini, -one(s), -onu(s), -unu(s), bem como -u dine(s). No português atual passaram a oxítonas e desenvolveram-se em ditongos.

A partir daqui, como nosso objetivo é tentar visua-

lizar diacronicamente os processos nasais do português, faremos nossa análise, mais ou menos em paralelo com o estudo do prof. Dário Deschamps,⁶⁰ que trata sincronicamente dos processos nasais do português.

Para facilitar nosso trabalho, não aplicaremos a regra do acento, como já viemos fazendo até aqui. É que partindo do latim, colocamos o acento já como traço pertinente à forma-base. Também não consideraremos a nasal final, pois, dela já falamos no item 6.1. Portanto, aqui não consideraremos como forma-base, v.g., ~~#~~ leonem ~~#~~, mas simplesmente ~~#~~ leone ~~#~~.

A) Formas com a terminação -ano (-anu).

Tomemos a forma-base: man+u

Há possibilidade de aplicarmos sucessivamente uma série de regras até chegarmos à saída fonética observada no português arcaico (continuando o processo, atingiremos a forma do português atual).

- 1) nasalação da vogal precedente, R_2 ;
- 2) apagamento do n intervocálico, R_6 ;

E o processo:

Forma-base: man+u

R_2 m~~ã~~n+o

R_6 m~~ã~~+o

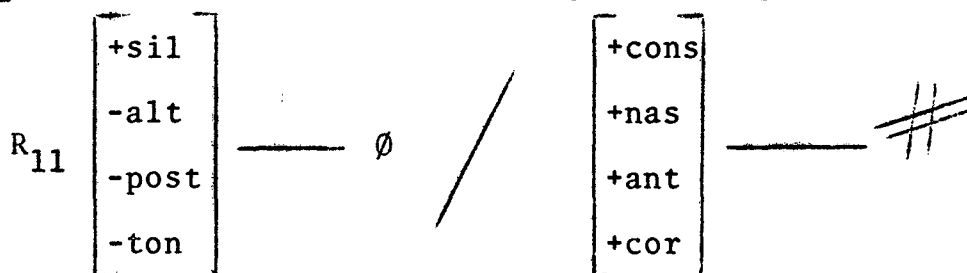
Saída fonética [mãõ] documentada em diversas passagens dos textos arcaicos (TA, p. 38, 43, 45, 61).⁶¹

B) Formas com a terminação -ane.

Aplicar-se-á primeiramente a R_2 de nasalação da vogal precedente. Em seguida, levando-se em conta que tais terminações são paroxítonas, o -e final átono acaba por apagar-se. Observe-se que em tal posição o fenômeno é geral quando o -e é precedido de líquidas e nasais. Como no momento interessam-nos apenas as nasais, a formalização da

regra atenderã somente a estas. Finalmente, aplicar-se-ã a R_4 , de apagamento da nasal em final de palavra.

Tratemos agora da formalização da regra de apagamento de -e átono, após nasais (na passagem latim-português):



Leia-se: uma vogal, não alta e não posterior, átona (= e) reescreve-se zero quando em ambiente final precedida de consoante, nasal, anterior, coronal (= n).

Visualizemos o processo:

Forma-base: pan+e
 R_2 pãn+e
 R_{11} pãn
 R_4 pã⁶²

Corresponde ã forma arcaica [pã] (TA, p. 42).

C) Formas com a terminação -ono (-onu).

Aplicam-se as mesmas regras de A, portanto:

Forma-base: bon+o
 R_2 bõn+o
 R_6 bõ+o

Obtemos a saída fonética [bõo] correspondente às arcaicas bon, bõo, boom (TA, p. 23, 79, 78).

D) Formas com a terminação -one.

Aplicam-se as mesmas regras de B, acrescidas de mais duas. É que no português arcaico, a terminação -om e -õo com o curso dos anos foi grafada -am e passou depois a -ão. Tal colocação encontra apoio em J.L. de Vasconcellos (Li-

ções, p. 132-3). Sustenta ele que no Cancioneiro Geral de Garcia de Rêsende, onde aparecem produções poéticas de D. Afonso V, D. João II e D. Manuel, palavras terminadas em -am ou -am do latim -anu e -adunt rimam com -am, do arcaico -om (do lat. -one, -on, -un etc.); como também -am ou -ão rimando com -am proveniente de -ã (do lat. -ane, -ant etc.); por fim, -am do arcaico -om fazendo rima com -am, do arcaico -ã.

Faz ele o esquema:

"-am (-ão) rima com -am (< -om),
 -am (-ão) rima com -am (< -ã),
 -am (-om) rima com -am (< -ã)".

Ora, se considerarmos -am (-ão) = A
 -am (< -om) = B
 -am (< -ã) = C,

obteremos o esquema:

A	B
A	C
B	C

Por conseguinte, se A rima com B, A é igual a B;
 se A rima com C, A é igual a C;
 se B rima com C, B é igual a C.

Logo, pelo princípio básico da lógica, A, B e C são iguais. O que nos mostra que no Cancioneiro Geral a Grafia -am tem o valor de -ão e corresponde aos arcaicos -ã e -õ (-om).

Leite de Vasconcellos cita uma série de exemplos tirados da edição de Krausler. Colhemos alguns:

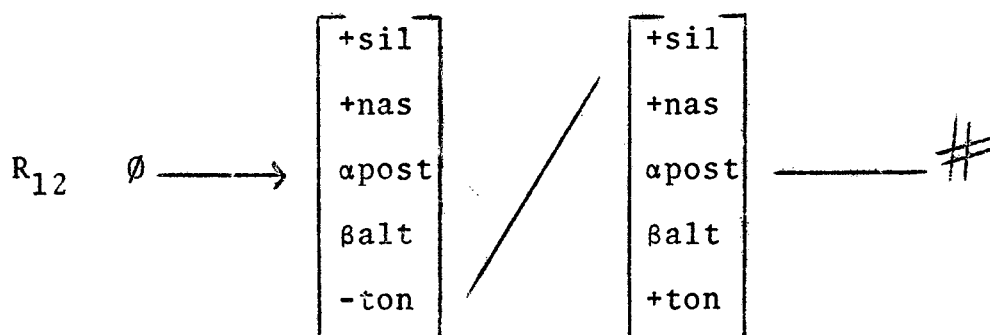
a) vilaão - coraçam (I, 396), mão - tençam (I, 505), jrmão - conclusam (II, 301);

b) veram subst. - capitam (II, 298), mão - Joham (II, 356);

c) repartiçam - dam (I, 142), tençam - pam (III, 583).

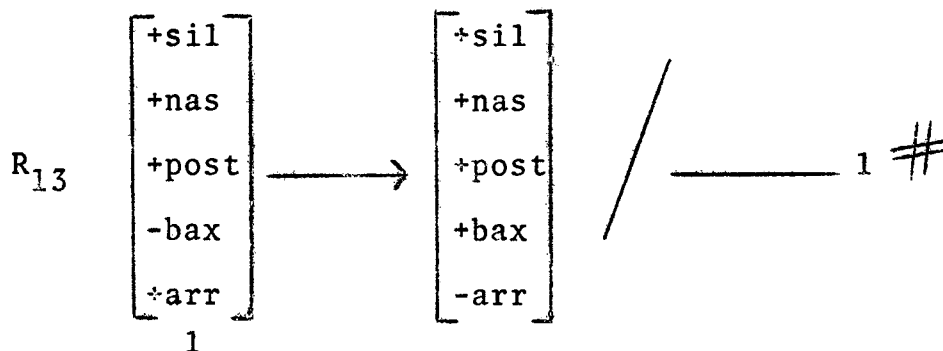
Baseados nisto, precisamos formalizar mais duas regras: de inserção de uma vogal de apoio ou prolongamento enfático e de permutação de -o em -a⁶³.

Vejam os:



Leia-se: zero se reescreve como vogal nasal, posterior ou não, alta ou não e átona, quando precedido de vogal nasal, posterior ou não, alta ou não, em ambiente final (observemos que esta regra abrange propriamente todas as vogais. Formalizamo-la assim porque ela se aplica a outras terminações, como veremos adiante).

E a regra da permutação:



Leia-se: uma vogal nasal, posterior, não baixa, arredondada (= o) reescreve-se vogal nasal, posterior, baixa⁶⁴, não arredondada (= a) quando seguida de vogal nasal, posterior, não baixa, arredondada (= o), em final de palavra.

E o processo:

Forma-base: koration+e

R₂ koraçõn+e

R ₁₁	kořaçõn
R ₄	kořaçõ
R ₁₂	kořaçõo
R ₁₃	kořação

E a saída fonética [kořasão] corresponde às formas arcaicas, embora com diversas grafias: coraçõn e coraçõm (TA, p. 19 e 29; CrA, p. 20 e 50). Leite de Vasconcellos documenta "coraçam" (Lições, p. 132)⁶⁵.

Lembramos que terminações como -udiNe também se enquadram no grupo das terminações em -oNe.

E) Formas com a terminação -ine.

As regras aplicadas são as mesmas de B, acrescidas da R₁₂.

Forma-base:	fin+e
R ₂	fĩn+e
R ₁₁	fĩn
R ₄	fĩ
R ₁₂	fĩy

Donde a saída fonética [fĩy]. Vide (TA, p. 74) onde aparece "fĩys".

F) Formas com a terminação -unu.

Aplicam-se as mesmas regras de A.

Forma-base:	jejun+u
R ₂	jejũn+u
R ₆	jejũ+u

Saída fonética: [žejũu]. Confirma-se a forma arcaica em "Cronica de Condestabre", século XV (TA, p. 83)⁶⁶.

G) Formas com a terminação -ene.

Aplicam-se as mesmas regras de E.

Forma-base: ben+e

R₂ bēn+e

R₁₁ bēn

R₄ bē

R₁₂ bēe

Saída fonética: [bēe] em que o segundo -e constitui-se no atual "glide" semivocálico (ainda que usando uma terminologia imprópria). Nos textos arcaicos, temos: bē (CrA, p. 192), ben e bem (CrA, p. 160), bēes e bem (TA, p. 49, 48).

H) Formas com a terminação -ana.

Na fase arcaica, aplicavam-se as mesmas regras de A.

Forma-base: ran+a

R₂ rān+a

R₆ rā+a

Saída fonética: [rāa]. Nos textos arcaicos: rrāa (CrA, p. 50). Outros casos idênticos: vilāas (CrA, p. 11), auel-lāa, meāa (TA, p. 60).

I) Formas com a terminação -ones.

Aplicam-se as mesmas regras de A. Observe-se que o apagamento do -e átono não acontece. É que o -s priva o -e da condição de final, impedindo a aplicação da R₁₁.

Forma-base: koratioN+e+s

R₂ koraçõn+e+s

R₆ koraçõ+e+s

Saída fonética: [korasões].

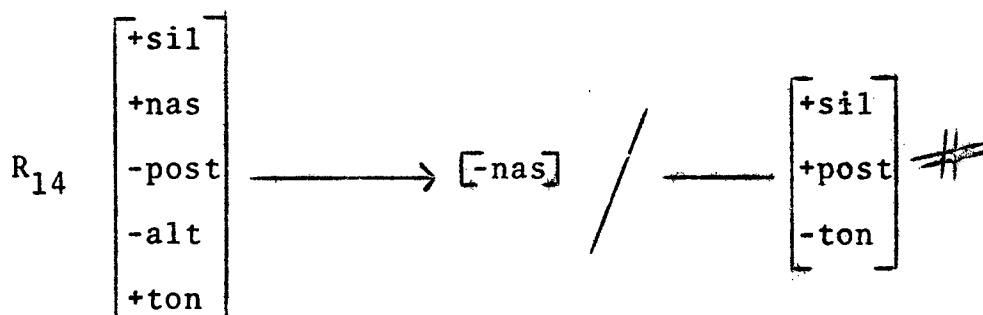
Note-se que essas mesmas regras aplicam-se ao plural de todos os casos vistos até aqui, ou seja, de A a H.

J) Formas com as terminações -ena, -eno, -ona, -una.

Aplicam-se as mesmas regras de A. Porém, no final do período arcaico iniciou-se o fenômeno da desnasalação. Por isso, encontramos seja formas nasaladas, seja desnasaladas. Devemos levar em conta que um fenômeno fonético não se efetua em curto espaço de tempo. O processo é lento: uma geração o começa, a segunda continua o estágio da anterior e assim sucessivamente até atingir a mudança total.

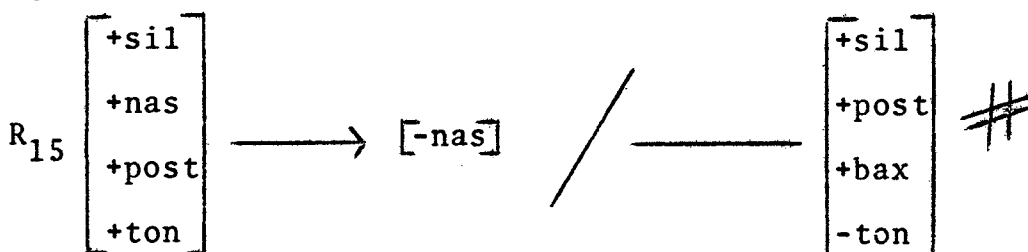
O fenômeno da desnasalação não se efetuou por completo no período arcaico. Em todo caso, mostraremos o processo e para ficar mais fácil, separaremos inicialmente as formas -ena, -eno das formas -ona, -una.

a) Formas -eNa, -eNo: após a aplicação das R_2 e R_6 , deveremos aplicar uma regra de desnasalação, cuja formalização é:



Leia-se: uma vogal nasal, não alta, não posterior, tônica (= e) reescreve-se como não nasal quando seguida de vogal posterior (= a ou o), âtona, no fim de palavra.

b) Formas -ona, -una: aplicam-se igualmente as R_2 e R_6 . Em seguida aplica-se a regra de desnasalação:



Leia-se: uma vogal nasal, posterior, tônica (= o, u) reescreve-se como não nasal, quando seguida de vogal posterior, baixa, átona (= a), em final de palavra.

Nossa regra de desnasalação pode ser simplificada se resumirmos numa só notação os itens a) e b). Consideremos para tanto o primeiro conjunto de traços de a) como sendo nº 1, o primeiro conjunto de b) como sendo nº 2 e o último conjunto de a) como sendo nº 3 (ele contém também o último conjunto de b)). Agora temos condições de resumir as duas regras numa só:

$$R_{16} \left\{ \begin{array}{l} 1 \\ 2 \end{array} \right. \longrightarrow [-nas] \quad / \quad \text{---} \quad 3 \quad \#$$

Leia-se: uma vogal nasal, posterior ou não, alta ou não, tônica (= e, o, u) reescreve-se como não nasal, quando seguida de vogal posterior, baixa ou não, átona (= a, o, u) em final de palavra.

Agora podemos juntar as terminações a) e b) e formar o processo:

Forma-base:	pleN+a	seN+o	boN+a	luN+a
R_2	plēn+a	sēn+o	bōn+a	lūn+a
R_6	chē+a	sē+o	bō+a	lū+a
R_{16}	che+a	se+o	bo+a	lu+a

Saídas fonéticas: [sēa], [seo], [boa] e [lua]. Os documentos arcaicos testemunham as mesmas formas. Veja-se como exemplo: bōa e boa (TA, p. 25 e 84), bōa (CrA, p. 9, 187), chea (CrA, p. 92).

Observação: A nasalação em outras ocorrências de ambiente no português arcaico normalmente efetuou-se com a aplicação das regras R_2 e R_6 . As formas atuais desnasaladas são resultantes da aplicação de uma regra de desnasalação do tipo R_{16} .

6.4. Os morfemas (ou prefixos) in e cun.

Observemos os seguintes dados extraídos de textos arcaicos.

a) endoãdo (CrA, p. 160 e TA, p. 19), encuberto (CrA, p. 84), entristecer (CrA, p. 379), emgratidõe (CrA, p. 51), encaualgado (CrA, p. 112), empero (CrA, p. 34), incrinado (CrA, p. 82), indicato (CrA, p. 12), infiindo (CrA, p. 339);

b) enella (CrA, p. 9), eneste (CrA, p. 9 e TA, p. 64), enesta (CrA, p. 145 e 469), enojado (CrA, p. 339);

c) Commigo (TA, p. 32).

Como pudemos verificar em 5.1., os morfemas in e cun são portadores do segmento nasal genérico por serem final de morfema menor. Portanto, para os dados de a) aplicam-se as regras R_2 de nasalação da vogal precedente e em seguida, a R_1 de distensão da nasal. Assim podemos visualizar o processo:

Forma-base:	in+kuperit+u	in+per+hoc	in+finit+u
	R_2 ãn+kubert+o	ãn+per+o	ãn+fĩid+o
	R_1 ãñ+kubert+o	ãm+per+o	ãn+fĩind+o

Saídas fonéticas: [ãñkuberto], [ãmperõ], [ãnfĩindo], que deviam ser as formas arcaicas, como observamos nos dados.

Em b), após a aplicação da R_2 , de nasalação da vogal precedente, precisamos reformular uma outra regra que dê conta da ligação ou da transformação do segmento nasal genérico em n.

Vejamos:

$$R_{17} \quad [+nas] \longrightarrow \begin{array}{|c|} \hline +cons \\ \hline +nas \\ \hline +ant \\ \hline +cor \\ \hline \end{array} \quad / \quad \text{---} \quad [+sil] + (raiz)$$

Leia-se: uma nasal (= segmento genérico) reescreve-

se como consoante nasal, anterior, coronal (= n) quando se guida de vogal início de raiz.

Donde:

Forma-base: in+ill+a in+odiatu

R₂ ĩn+ill+a ĩn+ožad+o

R₁₇ ĕn+ell+a ĕn+ožad+o

Saídas fonéticas: [ĕnelã] e [ĕnožadõ], que deviam ser as do português arcaico, segundo os nossos dados.

Para c), além de "commigo", queremos considerar também casos como: inatu, imortal, ilícito, irregular etc. todos com a mesma estrutura. Assim, para c) teremos que supor para as líquidas e nasais (como elemento seguinte) um comportamento idêntico a a), ao menos durante o período arcaico. A assimilação e a simplificação (esta, exceto para o ĩ) devem ser as duas outras regras aplicadas posteriormente para obtermos a forma do português atual.

Forma-base: in+mortal+e in+nat+u in+licit+u in+regular

R₂ ĩn+mortal ĩn+nat+u ĩn+licit+u ĩn+regular

R₁ ĩm+mortal ĩn+nat+o ĩn+licit+o ĩn+regular

E as saídas fonéticas: [ĩmmortalĩ], [ĩnnatõ], [ĩnlicitõ], [ĩnregular] parece deveriam ser as do português arcaico (veja-se "commigo"), que também possuía formas análogas e outras por influência da nasal no corpo do vocábulo, como: enleger (CrA, p. 68), inliçom (CrA, p. 68), enxemplo e emxemplo (CrA, p. 48 e 51 respectivamente), commigo (TA, p. 32).

6.5. Conclusões

a) Na visualização dos processos fonológicos do português arcaico, identifica-se uma série de regras fonológicas que se aplicam à forma-base desde o indo-europeu;

b) Os segmentos silábicos, principalmente quando finais de sílaba, não se apresentam como nasais e sim como

nasalados pela presença de um segmento com o traço [+nas];

c) O surgimento da nasal palatal em palavras como [re-
yã] > [rayã], no fundo é um fenômeno de distensão da nasal ou
"assimilação por contacto fonético", pois a úvula continua
o abaixamento para a emissão da ressonância nasal sobre o
iode (com articulação palatal) produzindo aos poucos o a-
parecimento do fonema nasal palatal;

d) Os ditongos nasais oxítonos do português atual, no
português arcaico constituíam hiatos nasais;

e) A técnica da teoria gerativa transformacional re-
vela-se adequada para a demonstração dos processos de na-
salação do português no seu aspecto diacrônico;

f) A carência de textos originais arcaicos levou-nos,
em parte, a limitações, ainda que involuntárias.

NOTAS

52. NUNES, J.J.. Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa. 1969, p. 112.
53. SILVEIRA, Sousa. Lições de Português. 1972, p. 70.
54. Tal segmento nasal genérico [N], portador do traço [+nas], converte-se em [m], [n], [ɲ] ou [ŋ] conforme o ambiente. Embora nos pareça existir também em ambiente ____ [+sil], não o consideramos em nossa dissertação. Partimos diretamente das consoantes nasais m e n.
55. NOBILING, Oscar. As vogais nasais em português I. In: *Littera*, 12, 1974, p. 94.
56. VASCONCELLOS, J. L.. Lições de Filologia Portuguesa. 1966, p. 133.
57. Tal fonema de transição só aparece no contexto i + a, o, (u). Exemplos: vecio, dñeiro, tñio, reña.
58. WILLIAMS, Edwin. Do latim ao português. 1973, p. 82.
59. Apud Edwin Williams, *ibidem*, p. 36.
60. Baseado em Dário Deschamps, 1976, p. 82 e ss.
61. Há casos em que a nasalização permanece apesar de a vogal não ser tônica, como em órgão, órfão. Representam eles, a nosso ver, um processo de evolução por analogia com os nomes em -ão tônico.
62. Em "Crestomatia Arcaica", p. 50, na fábula esopiana do séc. XIV, "O lobo e a grua" encontramos a forma "Emgratidoõe". Isto nos viria demonstrar que em palavras do tipo "paNe" as regras aplicadas deveriam ser respectivamente, R₂ (nasalação da vogal precedente), R₆ (apagamento de n intervocálico) e R₁₁ (apagamento de -e, após sonâncias nasais). Contudo, o exemplo encontrado é único e parece-nos mais lógico o fenômeno geral das líquidas e nasais. Por isso, ficamos com a seqüência dada no texto da dissertação.

63. Não discutimos aqui a causa do surgimento da tendência, que possivelmente terá sido a analogia com outras palavras como *bõo*, *jejũu*, ou, quem sabe, sendo tônica, um fenômeno de reduplicação. Tencionamos apenas demonstrar a efetivação do fato fonologicamente.
64. Poderíamos apontar a possibilidade de ser [+central] e não [+baixa] o traço marcador de tal seguimento vocálico. Todavia, visto os documentos nada esclarecerem sobre o fato e por amor à simplicidade do processo, optamos pelo traço [+baixa].
65. Parece que as regras R_{12} e R_{13} começam a se aplicar somente nos séculos XV e XVI respectivamente e não atingiram os nomes terminados em -onu (ou -ono) e -ana, como em *bono* > *bõo*, *lana* > *lãa*, *rana* > *rãa*. É que em tais palavras -o e -a são morfemas e impediram a aplicação da regra.
66. O prof. Dário Deschamps pôs como forma-base de "comum" (= português atual), ~~#~~ *komun+o* ~~#~~. Somos obrigados a discordar: a base parece-nos seja ~~#~~ *kommun+e* ~~#~~, pelos documentos consultados, e enquadra-se no mesmo processo das formas do tipo -ine em nosso texto.

CONCLUSÕES GLOBAIS

As técnicas da teoria gerativa transformacional revelam-se adequadas também no tratamento de fenômenos lingüísticos de cunho diacrônico: a base prevista na teoria é entendida como uma espécie de forma primitiva (= em conjunto de traços).

A nasalização do português arcaico é fruto de uma série de processos fonológicos efetuados no curso do tempo. Verifica-se, então, que representações subjacentes do estudo sincrônico recapitulam mudanças reais já ocorridas diacronicamente.

Identifica-se desde o indo-europeu a presença de um segmento nasal genérico [N] na forma-base com o traço [+nas], que ocorre nos ambientes V(C) ____ C ou V(C) ____ #, na palavra, como também em limite de morfema maior (= raiz) e em limite de morfema menor (= prefixo, sufixo, vogal temática etc.). Tal segmento engendra duas regras fonológicas com caráter de universal lingüístico, aplicáveis do ie. ao português, ou seja, a R₅ (de nasalização da vogal precedente) e a R₄ (de distensão nasal, convertendo o segmento genérico em [m], [n], [ñ] e [ŋ] de acordo com o fonema seguinte.

A presença de qualquer segmento com o traço [+nas] ocasiona o abaixamento antecipado da úvula, imprimindo nasalização na vogal precedente, quando esta fôr tônica.

Outras conclusões de teor secundário encontram-se no final de cada capítulo.

Ante tais resultados, parece-nos perfeitamente concretizado o objetivo a que se propôs esta dissertação.

BIBLIOGRAFIA

1. ALMEIDA, Antônio - The Portuguese Nasal Vowels: Phonetics and Phonemics. In: Schmidt-Radefeldt, "Readings in Portuguese Linguistics, Amsterdam, 1976.
2. BOURCIEZ, Edouard - Éléments de Linguistique Romane. 5^a. edição, Paris, Librairie C. Klincksieck, 1967.
3. CÂMARA, Joaquim Mattoso - Princípios de Linguística Geral 4^a edição, Rio, Livraria Acadêmica, 1967.
4. CHOMSKY, Noam - Aspects of the Theory of Syntax. Cambridge, Mass.: The M.I.T. Press, 1965.
5. CHOMSKY, Noam e HALLE, Morris - The Sound Pattern of English. New York, Harper and Row, 1968.
6. CLIMENT, M. Bassols de - Fonética Latina. Madrid, C.S. I.C., 1967
7. COUTINHO, Ismael de Lima - Gramática Histórica. 6^a edição, Rio, Livraria Acadêmica, 1973.
8. CURI, José - Apontamentos de Linguística Histórica. (s. p.), 1976.
9. CURI, José - Iniciação à Filologia Românica. Florianópolis, 1963.
10. CURI, José - Pontos de Português. Florianópolis, 1967.
11. DESCHAMPS, Dário - Mecanismos Nasais do Português. 1976 (dissertação de mestrado).
12. FARIA, Ernesto - Fonética Histórica do Latim. 2^a. edição, Rio Livraria Acadêmica, 1970.
13. FARIA, Ernesto - Gramática Superior da Língua Latina. Rio, Livraria Acadêmica, 1958.
14. FONSECA, Fernando V. Peixoto da - Noções de História da Língua Portuguesa. Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1959.

15. GUÉRIOS, Rosário Farani Mansur - Pontos de Gramática Histórica Portuguesa. 2^a. edição melhorada, S. Paulo, Saraiva e Cia., 1942.
16. LABOW, William - The Social Motivation of a Sound Change, Word, 1962.
17. LADO, Robert - Introdução à Linguística Aplicada. 2^a. ed., Petrópolis, Vozes, 1972.
18. LAUSBERG, Heinrich - Linguística Românica. Madrid, Gredos, S.A., 1965.
19. LEHMANN, Winfred P. - Introducción a la Linguística Histórica. Madrid, Gredos, S.A., 1969.
20. KIPARSKY, Paul - Linguistic Universal and Linguistic Change. In: Bach, Emon and Harms, Robert T. - Universals in Linguistic Theory, Holt, Rinehardt and Winston, Inc, New York, 1968.
21. KRAHE, Hans - Linguística Indoeuropea. Madrid, Instituto "Antonio de Nebrija", 1953.
22. MATEUS, Maria Helena - Aspectos da Fonologia Portuguesa. Centro de Estudos Filológicos, Lisboa, 1975.
23. MAURER, Th. Henrique - Gramática do Latim Vulgar. Rio, Livraria Acadêmica, 1959.
24. MAURER, Th. Henrique - O Problema do Latim Vulgar. Rio, Livraria Acadêmica, 1962.
25. MELO, Gladstone Chaves de - Iniciação à Filologia e à Linguística Portuguesa. 4^a. edição melhorada, Rio, Livraria Acadêmica, 1971.
26. NARO, Anthony J. - Estudos Diacrônicos. Petrópolis, Vozes, 1973.
27. NUNES, José J. - Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa. 7^a. edição, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1969.
28. NUNES, José J. - Crestomatia Arcaica. 7^a. edição, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1970.

29. OLIVEIRA, Correa de e MACHADO, Saavedra, - Textos Portugueses Medievais. Coimbra, Coimbra Editora Ltda., 1964.
30. OLIVEIRA FILHO, Alfredo Marques - Vocalismo, Sonantismo e Consonantismo do Latim. Rio, Livraria Principal Editora, 1955.
31. NOBILING, Oscar - As Vogais Nasais em Português I. In: Littera 12, Rio, Grifo Editora, 1974.
32. PAUL, Hermann - Princípios Fundamentais da História da Língua. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1970.
33. PERINI, Mário A. - A Gramática Gerativa: Introdução ao Estudo da Sintaxe Portuguesa. Belo Horizonte, Vigília, 1976.
34. PISANI, Vittore - Glottologia Indoeuropea. Torino, Rosenberg & Sellier, 1949.
35. PISANI, Vittore - Testi Latini Arcaici e Volgari. Torino, Rosenberg & Sellier, 1960.
36. ROMANELLI, R.C. - Do Morfema Indo-europeu N em Latim. Belo Horizonte, I. da U. de Minas Gerais, 1963.
37. SAID ALI, Manuel - Gramática Histórica da Língua Portuguesa. 7^a. edição, Rio, Livraria Acadêmica, 1971.
38. SILVA NETO, Serafim da - Fontes do Latim Vulgar. (O Appendix Probi), Rio, Imprensa Nacional, 1946.
39. SILVA NETO, Serafim da - História da Língua Portuguesa. 2^a. edição aumentada, Rio, Livros de Portugal, 1970.
40. SILVA NETO, Serafim da - Manual de Filologia Portuguesa. Rio, Livraria Acadêmica, 1952.
41. BUENO, F. da Silveira - A Formação Histórica da Língua Portuguesa. 2^a. edição, Rio, Livraria Acadêmica 1958.
42. SILVEIRA, Sousa da - Lições de Português. 8^a. Edição, Rio, Livros de Portugal, 1972.

43. TAGLIAVINI, Carlo - Fonetica e Morfologia Storica del Latino. 3^a. edição, Bologna, C.E.P.R. Pàtron, 1962.
44. SCHANE, Sanford - Fonologia Gerativa. Rio, Zahar, 1976.
45. VASCONCELLOS, José L. de - Lições de Filologia Portuguesa. 4^a. edição, Rio, Livros de Portugal, 1966.
46. VASCONCELLOS, José L. de - Textos Arcaicos. 4^a. edição, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1959.
47. VIDOS, B.E. - Manual de Lingüística Románica. Madrid, Aguilar, 1973.
48. VÄÄNÄNEN, Veikko - Introducción al Latín Vulgar. Madrid, Gredos, S.A., 1968.
49. VON WARTBURG, Walther - La Fragmentación Lingüística de la Romania. Madrid, Gredos, S.A., 1971.
50. VON WARTBURG, W. e ULLMANN, Stephen - Problemas e Métodos da Lingüística. S. Paulo, DIFEL, 1975.
51. WEINREICH, Uriel - Languages in Contact. The Hague, Mouton, 1970.
52. WILLIAMS, Edwin - Do Latim ao Português. 2^a. edição, Rio, Tempo Brasileiro/MEC, 1973.

APÊNDICE

1. Primeiro documento latino-português: "Escritura da fundação e da doação da igreja de Lordosa" (882)

"Christus. In nomine Patri et Filii et Spiritus Sancti Domnis inuictissimis ac triumphatoribus sanctis martiris Petri et Pauli, Sancti Migaeli Arcangeli, cuius basilica (= basilica, igreja) fundamus in uilla quod uocitant Lauridosa (= Lordosa) inter duas annes (= rios) Kauluno (= nome do rio, deve tratar-se de Cavalum) et Cebrario (Zebro, nome do rio) subtus (= abaixo de) monte Petroselo (= Perozelo, nome de um monte no concelho de Penafiel) território Anegrie (= deve estar por Anegie ou Angiae, território que abrangia partes das duas margens do Douro), ego serbus (= por servus) dei Muzara (= nome de homem) et Zamora (= nome de homem ou de mulher, possivelmente de origem arábica) damus adque (= por atque, e, ainda, e também) concedimus ad Deum et ad ipsa basilica que nos fundamus in nomine Sancti Petri et Pauli et Sancti Migaeli Arcangeli, damus ipsa uilla ubi ipsa eclesia fundamus in omnique circuitu (= a amplitude da propriedade, a área) suos dextruos (= espécie de medida, depois por extensão de sentido, terreno medido) sicut Kononica sententia docet (= conforme ensina a disposição canônica): duodecim pasales (= ou pasales, o mesmo que dextruos, medida) pro corpora tumudandum (= por pro corpora tumulandum, isto é, para sepultar os corpos) (sic) et LXXII^o ad tolorandum (= por tolerandum, isto é, para sustento, alimentação) fratrum adque indigentium et foru (= fora de, para além de) dextruos ipsa uilla pro (= per, como aparece em outros documentos) ubi illa obtinuimus de presuria (= apresuria, pressão, conquista ou apropriação à mão armada, ou por doação) pro suis locis et terminus antiquiis cum pascuis (= pastos, prados), padulibus (= paús ou pauis), montes, fontes, petras, mobiles uel inmouiles, aquis aquarum (= as águas e os respectivos regos) uel sesicas (= lugar, o assento em que al-

guma cousa se edifica, casa, moinho, lagar, etc.) molinarum, terras ruptas (= cultivadas, desbravadas) uel barbaras (= incultas, bravias), arbores fructuosas uel infructuosas, accessum (= o acesso, a entrada) uel regressum (= regresso, saída), cubus, cubas, lectus, katedras, mensas, signum de medalo (= sino de metal, de bronze), cruce, kapsa (= cofre, caixa, arca), calice de ariemto (= de prata), cum quantumque ibidem aprestano (= prestemo ou aprestimo, consignação de certa quantia de frutos, ou dinheiros, imposta em algum terreno ou coisa rendosa, destinada para sustento e manutenção de alguma pessoa ou pessoas, obra pia, ou útil ã república) ominis est. Damus atque concedimus ipsum que sursum taxatum est pro remedio animabus nostris ad ista ecclesia adque sacrosancto altario quod subra (= por supra, em cima, acima) taxatum est. Cancedimus ut diximus pro uicto (= sustento, alimentação) atque vestimentum nonagus (= monge) et fratres et sirores (= por sorores) et propinquis (parentes, familiares) nostris et qui bonus fuerint et in uita sancta perseueraberint seculariter et uia monastica obtinuerint in ipso loco, sibe (= por sive) pro luminaria altariorum uestrorum uel elemosias (= esmolas) pauperum, sicut lex et canonica sententia docet. Et ibi notuimus ut nec uimdendei (= por uendendi) nec donandi neque a rex neque ad comnide (= companheiro) neque ad episcopo neque ad numlo (= nenhum) omine inmitendi (= que se intrometa), set sidea (= seja) semper inienua (= livre, liberto) usque in sempiternum. Et post (= prep. para) parte propimquis nostris et qui unc (= hunc) facto (= factum, escritura, instrumento, pacto) nostro infringere uel conare (= prejudicar, danificar, impedir) tentaberit (= por tentaverit) reus sit ad sancto comunione separatus et cum Iuda traditores (= Judas Escariotes, o apóstolo que atraçou e vendeu Jesus e depois se enforcou. Faz parte do anátema ou maldição que se inseria nos documentos medievais contra os infratores do que neles se estipulava), accipiat participio (= participação, quinhão) in eterna danatione, sint dimersit (= tragados) (sic) in baradro (= abismo, pre-

cipício) inferni ubi fletus et ullulatus et anathema marenata (= seja anatematizado na vinda do Senhor, no juízo final) accipiat, et in conspectu Domini, et no abeant cum Domino in prima resurrectione ressusitandi, nisi percussus(?) ad eclesia e ab omni cetum (= comunidade, união) christianorum... et insubra (= e além disso) parient (= paguem) tantum et alium tanto quantum inde abstulerit et insuper auti talem tum post parti (= à parte que cumpriu a escritura ou doação) testamenti (= genitivo de testamentum) et coram pontificum, et iudice sua iudigado (= ao juiz o seu salário). Et anc (= hanc scriptura testamenti plena abea firmitate. Notum die quod erit (= fórmula de indicação da data. Notum, part. de nosco, pelo part. notatum, de notare, assinalar, marcar, designar) VI Kelendas Abriles era DCCCCXX (= 27 de março de 882). Muzara et Zamora in hanc kartula testamenti manus nostras (= fórmula abreviada de manus nostras ro - +voramus, roboramus ou confirmamus com as nossas mãos, com assinatura chamada "de cruz", por não saberem escrever os doadores).

Didagu (= nome de homem de origem incerta) conf. (= abreviatura de confirmans, confirmante). - Gumsalbo (= Gonçalo) conf. - Uermudo (= Bermudes) conf. - Gutierit (= Gutierrez) conf. - Uiliulfo (= nome de homem, de origem germânica) conf. - Sisnando (= nome de homem) conf. - Uimara (= Vimara, nome de homem) conf. - Gundiarius conf. - Quiriagus conf. - Gudesteo conf. - Gudino conf. - Iauini conf. - Floresindo test. (= abreviação de testemunha) - Mido test. - Pelagio test. - Gaton test. - Sendino test. - Iaquinto test. - Rodorigus abba conf. - Joanne abba conf. - Uermudus presbiter conf. - Gunsalbus presbiter conf. - Didagus presbiter conf. - Frariulfus presbiter conf. - Froila presbiter conf.

Gudinus presbiter notuit (= escreveu, redigiu)". (Tirado de *Portucaliae Monumenta Historica, Diplomata et Chartae*, p. 6, doc. nº 9). Transcrito de: OLIVEIRA, C. de e MACHADO, Saavedra - Textos portugueses medievais. 1964, p.

371-9. A colocação das observações entre parênteses é nossa.

2. O mais antigo documento português em prosa: o "Auto de Partilhas" (1192).

"In Christi nomine amen. Hec est notitia de partiçon e de deuison que fazemus antre nos dos herdamentus e dus cout(us) e das onrras e dos padruadigus das eugreygas que forum de nossu padre e de nossa madre en esta maneira: que Rodrigo Sanchiz ficar. por. sa particon na quinta do couto de Viíturio ena quinta do padroadigo dessa eygreyga en todolus us herdamentus do couto e de fora do couto. Vãasco Sanchiz ficar por sa particon na onrra d Ulueira. eno padroadigo dessa eygreyga en todolus herdamentos d Olveira e enúúcasal de Carapezus que chamam de Vluar e enoutro casal en Agiar que chamam Quintaa. Meen Sanchiz ficar por sa particon na onrra de Carapezus enus outrus herdamentus enas duas partes do padroadigo dessa eygreyga de Creysemil ena onrra eno herdamento d Arguiffi eno herdamento de Laouradas. eno padroadigo dessa eygreyga. Eluira Sanchiz ficar por sa particon nos herdamentos de Centegaus enas tres quartas do padroadigo dessa eygreyga eno herdamento de Crey-ximil assi us das sextas come noutro herdamento. estas particoens e diuisoes fazemus antre nos que uallam por en secula seculorum amen. Facta karta mensse macij E. m.^a cc.^a XXX^a. Vaasco Suariz testis. Vermúu Ordoniz testis. Meen Farripas testis. Gonsaluu Vermuiz testis. Gil Diaz testis. Dom Martio testis. Martin Periz testis. Don Stephan testis. Ego Johanes Menendi presbyter Notavit. (Transcrito de FONSECA, Fernando V. Peixoto da - Noções de História da Língua Portuguesa. Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1959, p. 85).

3. Amostras de textos arcaicos portugueses.

a) Lenda do Rei Leir (século XIII ou XIV).

"Este rrey Ley nõ ouue filho, mas ouue tres filhas muy

fermosas e amaua-as mujto. E hũu dia ouue sas rrazões com ellas e disse-lhes que lhe dissessem uerdade quall dellas o amaua mais. Disse a mayor que nã auia cousa no mumdo que tãto amasse como elle, dia a outra que o amaua tanto como ssy meesma, e disse a terçeira, que era a meor, que o amaua tanto como deue d'amar filha a padre. E elle quis-lhe mall por em e por esto nã lhe quis dar parte no rreyno. E casou a filha mayor com o duque de Cornoalha, e casou a outra com rrey de Scocia, e nom curou da meor. Mas ella, por sua vem-tuyra, casou-sse melhor que nẽhũa das outras, ca se pagou della elrrey de França e filhou-a por molher. E depois seu padre della, em sa velhice, filharom-lhe seus gemrros a terra e foy mallandante e ouue a tornar aa merçee delrrey de França e de sa filha, a meor, a que nã quis dar parte do rreyno. E elles receberõ-no muy bẽ e derom-lhe todas as cousas que lhe forom mester e homrrarõ-no, mentre foy uiuo e merreo em seu poder". (CrA, p. 13).

b) De D. João Garcia de Guilhade (Do Canc. da Ajuda)

A bõa dona, por que eu trobava
 e que no dava nulha ren por,
 pero s'ela de min ren no pagava,
 soffrendo coita, sempre a servi.
 E ora já por ela 'nsandeci!
 E dá por mi ben quanto x'ante dava!

E pero x' ela con bon prez estava
 e con [mui] bon parecer qual lh'eu vi,
 e lhe sempre con meu trobar pesava,
 trobei eu tant(o), e tanto a servi,
 que ja por ela lum' e sen perdi!
 E anda x' ela por qual x'ant' andava.

Por de bon prez, emuito, se prezava;
 e dereit' ẽ de sempr' andar assi,
 ca se lh' alguen na mha coita falava,

sol non oña, nem tornava i;
 pero, por coita grande que soffri,
 oimais ei d'ela quant'aver coidava:

Sandec(e) e morte que busquei sempr'i!
 E seu amor me deu quant'eu buscava!

(CrA, p. 25 - 26)

c) Do "Livro de Alveitaria", (século XIV)

Deves saber que ha mester, pera o caualo seer mais asinha mansso, destar presso de dous ramaaes em no preséuell, em tal guíssa, que por sa braueza nom se possa tirar a hũa parte nem aa outra. E outro caualo ou outra besta este sempre a par dell por se afazer com ell, e por tal que mais seguramente se possa homem a ell chegar. E deuño a tanger com as mãos muj mansamente per cada lugar, e esffregarlhe com ellas a cabeça muj docemente, er tragerlhas muj mansamente per todo o corpo e estremadamente pellas pernas e pellas mãos, e alçem-lhas muito ameude, e batamlhy em ellas, como quem o quer ferrar.

E deues a saber que nom deuem fazer ao caualo, ataa que seia bem mansso, nem hũa coussa esquiua, nem que o muito agræue. (TA, p. 45).

d) Da "Estoria de Vespesiano" (século XV)

Da grãde alegria que foy na corte do emperador polla saude de seu senhor

Muyta foy a alegria e folgãça do emperador e de toda sua corte de como o virom saão, que por sua saude mujtos forõ exalçados no amor de Jhesu Christo e derõ grãdes lououres e graças a Jhesu Christo nosso Senhor por a saude do emperador, segũdo que sam Clemente ensinava e demonstraava.

E o emperador logo fez coroar seu filho Titus emperador, cõ grãde festa, muy honrradamente, e ly pregou Sam Clemente e foy escuitado cõ grande deuoçõ do emperador e de toda sua corte; e quando acabou seu sermom, disse ao emperador:

- Senhor, pois que Deos vos deu saude, e tanta misericordia ouue com vosco, que vos ha saarado de tam forte enfermidade, praza-vos que por o seu amor vos bautizees e vos cõuertaees aa fee catholica, e exalçade a santa christindade e fazee bautizar toda gente, e todos os que se quiserem bautizar nõ lhe seja tolhido nem defeso per vos. (TA, P. 95 - 96)

e) Vilancete do Conde de Vymioso (século XV)

Meu bem, sem vos ver
se vyuo huũ dia,
vyuer nam queria.

Caland' e soffrendo
meu mal sem medida,
myl mortes na vyda
synto nam vos vendo;
e poys que vyuendo
moyro toda vya,
vyuer nam queria. (TA, p. 93)